

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

RAZÃO, HONESTIDADE E SENSIBILIDADE: NOVAS CONCEPÇÕES SOBRE
MASCULINIDADE(S)

DANIEL DOMITH VICENTE

VITÓRIA

2005

DANIEL DOMITH VICENTE

**RAZÃO, HONESTIDADE E SENSIBILIDADE: NOVAS CONCEPÇÕES SOBRE
MASCULINIDADE(S)**

**Dissertação apresentada ao
Programa de Pós-Graduação em
Psicologia da Universidade Federal
do Espírito Santo, como requisito
para obtenção do grau de Mestre
em Psicologia, sob orientação do
Professor Dr. Lídio de Souza.**

UFES

2005

Dados Internacionais de Catalogação-na-publicação (CIP)
(Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo, ES, Brasil)

V632r Vicente, Daniel Domith, 1978-
Razão, honestidade e sensibilidade: novas concepções sobre
masculinidade(s) / Daniel Domith Vicente. – 2005.
180 f.: il.

Orientador: Lídio de Souza.
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Espírito Santo,
Centro de Ciências Humanas e Naturais.

1. Masculindade. 2. Individualismo. 3. Razão. 4. Capitalismo. I.
Souza, Lídio de. II. Universidade Federal do Espírito Santo. Centro de
Ciências Humanas e Naturais. III. Título.

CDU: 159.9

RAZÃO, HONESTIDADE E SENSIBILIDADE: NOVAS CONCEPÇÕES SOBRE MASCULINIDADE(S)

DANIEL DOMITH VICENTE

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, como requisito parcial para obtenção do grau de mestre em Psicologia.

Aprovada em 25 de Agosto de 2005, por:

Professor Dr. Lídio de Souza – Orientador, UFES.

Professor Dr. Adriano Roberto Afonso do Nascimento – UFMG.

Professora Dra. Zeidi Araujo Trindade – UFES.

Ao meu pai, à minha mãe e à minha irmã, pelo apoio incondicional à qualquer uma de minhas decisões.

AGRADECIMENTOS

Ao Professor Lídio de Souza,

Meu orientador, por sua grande sabedoria, disponibilidade e compreensão, sempre presentes, em três anos e meio de convivência;

Aos professores Zeidi Trindade e Adriano do Nascimento,

Pelas contribuições, dicas e apoio à este trabalho, durante sua confecção, na qualificação e finalmente na defesa, onde eu não poderia pedir por mais tranquilidade, humor, perguntas tensas e críticas excelentes.

A Fábio Barros, Maurício Barbosa, Roberto Daroz e Bruno Paiva,

Meus amigos de muito tempo, e também os melhores que alguém pode pedir;

A Eduardo Miranda,

Que faz horas conversando sobre R.P.G, cinema, quadrinhos, literatura ou o mestrado, parecem minutos;

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da U.F.E.S,

Que fazem do programa não só um espaço de produção de conhecimento, mas de produção de ética, contestação e amizade;

A Rodrigo Brandão Gonçalves,

Com quem sempre se pode contar;

À Beth Barros, Leila Domigues, Ângela Nobre e Robinho,

Meus queridos professores da graduação, por me mostrarem que existem formas de lutar, quando eu já havia desistido, antes mesmo de começar;

As vozes de todos vocês são parte deste trabalho e com certeza ele não seria o mesmo, sem sua participação.

“A modernização ocidental efetuou-se pela concentração dos meios de agir nas mãos de uma elite definida como racional e afirmando seu papel dirigente contra todas as forças supostas irracionais. Ela venceu e deu a supremacia ao Ocidente durante séculos, mas às custas de um dilaceramento geral da sociedade, de sua polarização em todas as áreas: empresários autoproclamados racionais contra assalariados julgados rotineiros ou preguiçosos; colonizadores portadores das Luzes contra “selvagens” embrutecidos na rejeição do progresso; adultos sabendo controlar-se contra crianças cedendo aos instintos; homens racionais contra mulheres julgadas irracionais, este último fenômeno traduzindo-se pela dominação de uma vida pública masculina sobre uma vida privada femininizada”.

Alain Touraine

Vicente, D.D. **Razão, Honestidade e Sensibilidade: Novas Concepções Masculinidade(s)**. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFES, Vitória, 2005.

RESUMO

Os estudos sobre masculinidade vêm ganhando espaço em diversos campos das ciências humanas e naturais. Esse interesse nos homens, no entanto, é recente, se comparado às várias décadas em que a categoria de gênero foi estudada tendo como foco quase exclusivo as mulheres. Este estudo teve como objetivo verificar as concepções de masculinidade que homens e mulheres jovens, de Vitória-E.S., possuem. Também se procurou verificar se e como essas concepções se articulam com algumas características do liberalismo e do modo de produção capitalista ocidental e ainda como os modelos de masculinidade podem fortalecer essas características e serem fortalecidos por elas. Os dados foram coletados através de entrevistas semi-estruturadas realizadas com 20 participantes, sendo 10 homens e 10 mulheres de classe média, com idade entre 23 e 30 anos, com terceiro grau completo ou em curso. As entrevistas focalizaram diversos elementos que compõem o modelo hegemônico de masculinidade das sociedades ocidentais, como o caráter ativo do homem, a razão, a potência sexual e sua função de provedor. Os resultados foram agrupados em categorias elaboradas a partir da análise do conteúdo das entrevistas. Os resultados indicaram que as principais características presentes nas concepções sobre masculinidade foram a força, intimamente ligada ao suposto caráter ativo do homem, e a honestidade. Inexoravelmente articuladas entre si, ambas, apesar de aspectos positivos, estão ligadas a concepções retrógradas e essencialistas de superioridade masculina. Ao mesmo tempo, elementos tradicionalmente associados à masculinidade como a razão, a função de provedor e a potência sexual, mostram-se cada vez mais flexíveis. Conclui-se que várias das características que compõem as concepções identificadas articulam-se com práticas típicas do modo de funcionamento liberal capitalista, práticas essas muitas vezes pouco saudáveis, que levam a situações de exploração e dominação. Também se conclui que os dados evidenciaram uma busca por parte de homens e mulheres, por uma maior igualdade nas relações de gênero, mesmo que tal busca esteja cheia de contradições e ainda distante do que poderia ser considerado desejável.

Palavras-chave: gênero, masculinidade, capitalismo, individualismo.

Vicente, D.D. **Razão, Honestidade e Sensibilidade: Novas Concepções Masculinidade(s)**. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-Graduação em Psicologia da UFES, Vitória, 2005.

ABSTRACT

The studies on masculinity are growing on numbers in several areas of human sciences, and even natural sciences, mainly when focused on health. This interest in men, however, is recent, if compared to gender studies, which exists for decades, with an almost exclusive focus on women. This study on masculinities has had the objective of verifying the conception of masculinity of young men and women of Vitória, E.S. Also, we tried to verify if and how those conceptions articulate with some of the characteristics of liberalism and of the western capitalist way of production, and also how masculinity models can help to strength those same characteristics and be strengthened by them. The data were collected through semi-structured interviews with 20 participants, 10 men and 10 women, aged between 23 and 30 years old, all of them had with college degree or were in college. The interviews focused elements that compose the most present masculine models in western cultures, such as the active character of men, reason, sexual potency and the male function as the provider. The data were grouped in categories after the analysis of content had been made. Results indicated that the main characteristics of the participants conceptions were strength, intimately connected to the supposed active character of man; and honesty. Inexorable articulated, both, in spite of positive aspects are connected to reactionary and essentialists conceptions of masculine superiority. At the same time, traditional elements of masculinity like reason, the function as the provider and sexual potency, appear to be more flexible. The conclusion is that, indeed, various characteristics of western masculinity models articulate with practices of capitalist way of production, practices that many times are not healthy and leads to exploration and domination. Also is concluded that there is today a search of men and women for a greater equality in gender relations, even though that search is full of contradictions and still distant form satisfactory.

Keywords: gender, masculinity, capitalism, individualism.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Concepção de homem e mulher responsável*	86
Tabela 2: O que pensam sobre homem e mulher sem emprego há mais de um ano	92
Tabela 3: O que pensam sobre um chefe que exerce pressão excessiva	98
Tabela 4: Concepção de homem e mulher fraco (a)	101
Tabela 5: Concepção de homem ou mulher bem sucedido (a)	108
Tabela 6: O que pensam sobre homem e mulher terem medo de uma tarefa perigosa, mas que faz parte de seu trabalho	112
Tabela 7: O que pensam sobre investir num relacionamento com pessoal mal sucedida financeiramente	117
Tabela 8: O que pensam sobre homens e mulheres muito sensíveis	121
Tabela 9: O que pensam sobre homem ou mulher que age de forma considerada não racional	126
Tabela 10: O que pensam sobre solteiro (a) que rejeita um convite sexual	130
Tabela 11: O que pensam sobre solteiro (a) que sempre aceita convites sexuais	130
Tabela 12: Amigos que se interessam pela mesma pessoa (o que deveria acontecer, segundo os entrevistados)	135
Tabela 13: Amigos que se interessam pela mesma pessoa (o que realmente acontece, segundo os entrevistados)	135
Tabela 14: Qual a principal responsabilidade de um homem ou uma mulher para como filho	140
Tabela 15: O que pensam sobre um homem ou mulher que não está tendo um bom desempenho sexual	144
Tabela 16: O que pensam sobre a obrigação de homens e mulheres de honrar promessas que fazem	146
Tabela 17: O que pensam sobre um homem ou mulher agir desonestamente em prol da família	151
Tabela 18: Concepção de homens e mulheres sobre masculinidade e virilidade	153

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO.....	10
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1	<i>SOBRE O CONCEITO DE GÊNERO.....</i>	<i>13</i>
2.2	<i>SOBRE A (S) MASCULINIDADE (S) COMO OBJETO DE ESTUDO ..</i>	<i>24</i>
3	UMA HISTÓRIA DAS MASCULINIDADES.....	35
3.1	<i>AS MASCULINIDADES E AS RELAÇÕES DE GÊNERO.....</i>	<i>35</i>
3.2	<i>A CONSTRUÇÃO DOS VALORES MASCULINOS</i>	<i>37</i>
3.2.1	<i>NO INÍCIO: UMA DIVISÃO BALANCEADA DE TAREFAS E PODERES.....</i>	<i>38</i>
3.2.2	<i>A IDADE DE OURO DA MULHER.....</i>	<i>43</i>
3.2.3	<i>A EMERGÊNCIA DO PATRIARCADO.....</i>	<i>49</i>
4	AS MASCULINIDADES OCIDENTAIS	52
4.1	<i>MODERNIDADE E MASCULINIDADES.....</i>	<i>55</i>
4.2	<i>A INSERÇÃO DAS MASCULINIDADES NAS SOCIEDADES OCIDENTAIS</i>	<i>64</i>
4.2.1	<i>MASCULINIDADE E TRABALHO</i>	<i>78</i>
5	MÉTODO.....	82
5.1	<i>SUJEITOS.....</i>	<i>82</i>
5.2	<i>INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS</i>	<i>82</i>
5.3	<i>PROCEDIMENTO</i>	<i>84</i>
5.4	<i>ANÁLISE DE RISCOS.....</i>	<i>85</i>
6	RESULTADOS E DISCUSSÃO	86
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	163
8	REFERÊNCIAS	168
	ANEXOS.....	177

1 APRESENTAÇÃO

O presente trabalho se insere na área que hoje se designa estudo de gênero. Na nossa concepção parece difícil, pelo menos sem que haja grandes perdas, trabalhar o tema da masculinidade sem um envolvimento teórico e metodológico, além de debates, trocas e discussões, com tudo o que já foi e vem sendo produzido sobre gênero.

E como em qualquer outro tema, existem inúmeras formas e possibilidades para se conceber a masculinidade, para tratar de como ela se insere nos estudos de gênero e se interrelaciona não só com as demais disciplinas, mas também, como apropriadamente procura fazer Garcia (1998), com outras dimensões sociais como raça, etnia, classe e geração. Pensamos que os estudos de gênero perdem muito de sua força, quando atrelados unicamente à forma como se dá a relação homem-mulher, sem que haja uma discussão com essas outras dimensões sociais ou sem que se tente contextualizar nas áreas política e econômica de um determinado local e momento cultural específico, a forma como o masculino e o feminino ali se inserem e se relacionam. Não parece suficiente analisar a diferença de poder entre os gêneros exclusivamente dentro da relação, mas que essa diferença esteja contextualizada de maneira social e histórica.

Dito isso, torna-se importante frisar que em um trabalho acadêmico, essa forma é definida quase que em sua totalidade pelas teorias e conceitos que utilizarmos e tais conceitos e teorias de maneira nenhuma estão desvinculados da maneira como concebemos a vida. No caso da psicologia, assim como em várias outras áreas, principalmente dentro das ciências humanas, como a filosofia, a sociologia ou a crítica literária, isso se torna ainda mais forte, visto que é simplesmente impossível se trabalhar ou pesquisar nessa disciplina sem que tenhamos definido para nós uma concepção de humano e de mundo.

É por isso que, como sustenta Andrade (2001):

O debate epistemológico permeia toda a psicologia contemporânea. Entretanto, ele tem se tornado, ao longo do tempo, um 'pano de fundo'. Ou seja, a preocupação com as epistemologias em psicologia vem, pouco a pouco, sendo substituída por uma preocupação com questões ético-políticas nas diversas práticas psicológicas (p.177).

Seguindo essa linha de pensamento é que no primeiro capítulo tentamos apresentar nosso plano conceitual, a partir do qual se desenvolveu a pesquisa. Talvez não com todas as preocupações exigidas pelo debate epistemológico, mas com certeza com todo o *rigor* que uma produção acadêmica requer, tendo em vista uma busca por ferramentas éticas que ajudem na análise da inserção do que hoje se chama “masculinidade”, ou, como preferimos, “masculinidades”, principalmente nas sociedades ocidentais capitalistas.

No segundo, terceiro e quarto capítulo, nossa intenção foi a de “brincar” um pouco com os conceitos já situados e formalizados anteriormente, principalmente com o de masculinidade hegemônica (CONNELL, 1995), aplicando-os e relacionando-os com outras literaturas, tanto pertencentes ao estudo de gênero, quanto a outras áreas como a antropologia, a psicanálise, a sociologia, a filosofia política, e também com obras não acadêmicas como romances e filmes. Nossa principal preocupação nesse sentido foi a de relacionar ao máximo, questões referentes às masculinidades com alguns elementos do liberalismo contemporâneo, como a competitividade, a culpabilização (GUARESCHI, 2001) e o individualismo (DUMONT, 1993; TOURAINE, 1999), tentando perceber como se articulam e se fortalecem mutuamente esses elementos e como atuam em homens e mulheres, situando assim, a base para a pesquisa.

O quinto capítulo consiste primeiramente em uma breve descrição do método e subsequente exposição e discussão dos resultados obtidos pelas entrevistas realizadas com os 20 participantes.

No capítulo seis, optamos por discutir os resultados na medida em que os expusemos e assim pensamos ter conseguido captar bem os detalhes de

cada tema problematizado. Nessa fase tentamos, além identificar como no cotidiano se associam os elementos das masculinidades e do liberalismo capitalista, verificar em que medida os discursos de nossos entrevistados se aproximavam ou se distanciavam de uma forma mais hegemônica de masculinidade presente no ocidente, tentando encontrar os significados atuantes nessa aproximação ou distanciamento.

Verificar como homens e mulheres estão se relacionando com os modelos de masculinidades hegemônicos em nossa sociedade não é tarefa simples. Além da complexidade teórica e conceitual envolvida, mais complexos ainda são os sistemas de relação e de forças construídos por essas masculinidades, todos carregados de valores que emergem também no próprio pesquisador. Sabemos que não existe neutralidade na ciência, mas em alguns casos, até um mínimo distanciamento do objeto de pesquisa torna-se bastante difícil e acreditamos que este seja um desses casos. Neste trabalho é notório um posicionamento do pesquisador com relação às questões envolvidas, mas, apoiando-me em uma explicação Touraine (1999), sobre a distinção entre um panfleto e uma análise, afirmamos que nem por isso, este trabalho é um panfleto. Um bom panfleto define-se pelo que combate, não conta mentiras, mas omite o que lhe convém, quando por outro lado, este trabalho é uma tentativa de uma análise e o posicionamento de seu autor é simplesmente o de querer que este trabalho seja uma ferramenta, ou uma arma, aliada a propósitos éticos. E nesse sentido, quanto menos neutro ele for, melhor.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 SOBRE O CONCEITO DE GÊNERO

Os estudos de gênero surgem, de certa maneira, com os movimentos feministas dos anos sessenta e setenta, principalmente nos Estados Unidos. Como mostram Arilha, Ridenti e Medrado (1998), “convencionou-se situar o ponto de partida do movimento feminista brasileiro contemporâneo na segunda metade dos anos setenta, particularmente com a declaração do Ano Internacional da Mulher pela ONU, em 1975” (p.21).

E dizemos de certa maneira porque esses movimentos, de imediato, não criaram essa categoria analítica, hoje predominantemente acadêmica, e nem era esse seu objetivo. Em uma época de turbulências e transformações culturais, tal movimento emerge como forma de militância contra as desigualdades entre os sexos, nos mais diversos aspectos.

Ao procurarem definir, de modo amplo, nos âmbitos público e privado, seu espaço, na política, na economia e nas questões relativas à sexualidade, mulheres e homossexuais organizaram-se para contestar a discriminação que sofriam, propondo outras mentalidades, outros comportamentos, outras perspectivas, “outras palavras” para as relações entre os sexos, questionando sobretudo a masculinidade hegemônica: branca, heterossexual e dominante” (ARILHA, MEDRADO E RIDENTI, 1998, p. 17).

É importante notar que ao movimento feminista, unem-se e até fazem parte deles, não apenas mulheres, mas também qualquer ser humano não macho, não branco e não heterossexual, e também alguns desses, que se sentem incomodados ou inadequados com relação ao padrão hegemônico de dominação masculina. Nesse sentido unem-se negros, amarelos, homossexuais sendo o movimento dos Panteras Negras nos Estados Unidos, um bom exemplo contemporâneo da emergência de movimentos de minorias e que sob diversos

aspectos, lutava pelos mesmos objetivos que o movimento feminista: uma maior igualdade e menos discriminação.

E não só isso, como mostra Badinter (1986):

O questionamento dos homens pelas mulheres reforçou-se com o dos pais pelos filhos. No fim dos anos sessenta, mulheres e jovens, contestando ao mesmo tempo marido e pai, formaram objetivamente 'uma nova aliança'. Os jovens ocidentais não queriam mais se identificar com os pais. Embora estes não tivessem sangue nas mãos, os valores que eles encarnavam pareciam ao mesmo tempo irrisórios e mortais. O gosto insaciável pelo consumo, pela posse e pelo gadget, aliada à guerra econômica, à corrida pelo desarmamento¹, e à exploração, sem precedentes, da natureza, constituíam aos olhos dos filhos um modelo absurdo, desprovido de ética. Os jovens rejeitaram em bloco os valores viris tradicionais, em proveito de valores mais femininos... (p. 192).

Percebemos, portanto, que até os futuros agentes de dominação, os homens jovens, angustiavam-se com uma situação que começava a se mostrar insustentável. O patriarcado, pelo menos da forma como existia até então, estava condenado.

Existe muito mais a ser dito sobre o movimento feminista e das minorias e suas conquistas, como a derrubada dos três pilares do patriarcado (BADINTER, 1986), a saber: o Deus-pai, no plano simbólico e religioso; a impossibilidade da mulher controlar a concepção, terminada pelo surgimento da pílula anticoncepcional, no plano da vida privada; e a dominação do mundo econômico pelo homem, plano da vida pública.

E, segundo Dário (2001), tudo isso faz parte do que ele chama de movimento de emancipação da mulher, apontando que:

É, portanto, nesse contexto de efervescência social e política, de contestação e de transformação, que o movimento feminista contemporâneo ressurgiu, expressando-se não apenas através de grupos de conscientização, marchas e protestos públicos, mas também através de livros, jornais e revistas (p.88).

¹ Nesse ponto pensamos haver um erro de tradução no livro, visto o contexto dos anos sessenta ser exatamente o da guerra-fria, o da corrida armamentista entre os Estados Unidos e a União Soviética e também porque dentre valores viris, contra os quais os filhos lutavam ao lado de suas mães, estava a exaltação da guerra. Possivelmente, leia-se então, "... aliada à guerra econômica, à corrida **armamentista**..."

Mas nem tudo são flores, como parece à primeira vista, e tudo, desde a aliança dos jovens à derrubada dos três pilares do patriarcado, está inserido em um contexto mais amplo que envolve tanto forças políticas quanto econômicas e, sem querer desmerecer essas importantes conquistas e a difícil luta dessas minorias, tais feitos só foram possíveis porque havia um ambiente favorável a eles, principalmente no que diz respeito ao desenvolvimento de certos modos de produção capitalistas, alguns, inclusive, bastante perversos. Nosso objetivo no momento é apenas delimitar os conceitos e termos que utilizaremos ao longo do trabalho, mas como temos a noção que conceitos e termos só fazem sentido no momento cultural em que emergem e atuam, sentimo-nos obrigados a um mínimo de contextualização.

Pois bem, parece agora clara, a possibilidade de emergência desse conceito, dessa categoria de análise que chamamos de gênero, no contexto que tentamos descrever. Nesse sentido, procuramos enumerar três “motivos” importantes para a elaboração do conceito de gênero, em meio à militância e à luta política:

1) *A necessidade de se criar um conceito “sério”*: Os estudos feministas estavam também, começando a se inserir na academia, mas devido à imagem radical e totalmente parcial que um movimento de militância como esse normalmente ganha, tais estudos não eram levados muito a sério, tanto pela academia quanto fora dela. Era, portanto, necessário que se criasse um conceito “sério” e, sabidamente, desvinculado de todo o radicalismo do movimento feminista e que pudesse ser inserido no meio acadêmico (Louro, 1996; Ribeiro, 2000), o que não impede, no entanto, uma importante argumentação presente no movimento feminista contra o discurso da objetividade (imparcialidade) do pesquisador. O conceito de gênero, portanto, também busca explicitar a parcialidade de todo discurso científico;

2) *A necessidade de se criar um conceito desvinculado do biologicismo*: antes do conceito de gênero, os estudos sobre as relações homem-mulher, masculino e feminino, estavam atrelados ao termo “sexos”. E tal termo, por sua vez, está vinculado muito fortemente à biologia, que, por ser uma ciência natural, objetiva e com métodos pretensamente “neutros”, tendia a ser pensada como absoluta e incontestável, enfim, como *natural*. Assim, as formas de relações de dominação eram concebidas como decorrentes de algo natural como os sexos biológicos, o que tornava difícil pensa-las como sendo passíveis de desconstrução ou mudança.

Inclusive, para Osterne (2001),

A palavra em si (gênero), indicava rejeição ao determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou diferença sexual e punha em evidência o aspecto relacional entre homens e mulheres (p.117).

Tornou-se necessário, portanto, que essa idéia “natural” fosse combatida em sua base, na base biológica, como bem explica Giffin (1994):

O desenvolvimento do conceito de gênero, nos âmbitos dos estudos da mulher, opera uma desconstrução das categorias “sexo feminino/sexo masculino” apontando a naturalização de aspectos sociais antes fundidos com os aspectos biológicos nestas duas categorias. No combate às explicações biologicistas, antes hegemônicas, num primeiro momento foi preciso demonstrar que anatomia não era o destino e que o corpo feminino não determinava a condição social da mulher. O objeto de estudo destas análises – a construção social dos gêneros – tinha de ser “liberado” de sua submersão em diferenças biológicas cujo significado principal são justamente as diferenças genitais. Anunciando que “o privado é político”, as relações sexuais/de gênero são enfocadas como um campo de luta estruturado, fundamentalmente, pelas recorrentes diferenças de poder entre homens e mulheres (p.150).

E também no âmbito da sexualidade, através do viés psicanalítico, são atribuídas ao feminino características tomadas como naturais às mulheres, características que acabam por construir os mais diversos mitos em torno delas. Um deles, explicitado por Nunes (1998) é o de que as mulheres seriam masoquistas em sua essência, o que estaria relacionado à sua suposta natureza

passiva. A autora afirma que “a idéia de que o masoquismo seria inerente à natureza feminina esboça-se ao longo do séc. XIX, mas só vai ser tematizada claramente por Krafft- Ebing, nos anos 80”. (p. 229). E de acordo com Nunes (1998), para esse autor:

A perversão masoquista seria uma exacerbação das potencialidades inscritas na natureza feminina, uma acentuação mórbida de características normais da alma da mulher. Krafft-Ebbing articula o conjunto passividade-sofrimento-sacrifício-prazer em torno da noção de masoquismo, colocando-o como uma característica feminina, em sintonia com seu destino de esposa-mãe. Em sua perspectiva, o masoquismo feminino seria condizente com o papel social que a natureza reservou para as mulheres... (p.229)

Fonseca (2000), por sua vez, procura mostrar como, no mercado de trabalho e na indústria, essa naturalização do que é considerado feminino serve para estabelecer as posições a serem ocupadas pelas mulheres, posições estas na maioria das vezes inferiores e subordinadas às dos homens, e que pressupõem a utilização das mulheres em serviços

...de menor visibilidade social, de maior suportabilidade aos ritmos repetitivos e velozes e de maior precisão motora. Suas mãos são instrumentos domados para a paciência, seu corpo tornou-se domesticado pelas exigências do ‘outro/masculino’, sua mente é fraca, enquanto é forte e grandioso seu coração. Paciência, persistência e obediência, aliadas a um coração capaz de suportar ser emudecido – essas são algumas das possíveis idéias que fundamentam a dominação e a exploração das trabalhadoras (...) o cuidar das enfermeiras, o ensinar das professoras, o emendar os nós das fiadeiras (...) indica a existência de uma crença social de longa duração que se fundamenta em uma determinada concepção de feminilidade, entendida como própria e natural às mulheres (p. 47).

Tudo isso condiz e justifica a preocupação das feministas em desconstruir a concepção biologicista através do conceito de gênero.

Obviamente não cabe negar que de fato, existe uma diferença biológica entre os sexos, mas a própria biologia não é, senão um construto acadêmico e portanto, social. E as relações que decorrem dessas diferenças biológicas são construídas socialmente, e, portanto, podem ser modificadas. Logo adiante problematizaremos a questão semântica dos termos sexo e gênero, levando em

consideração as inegáveis diferenças anatomo-fisiológicas, identificadas pela biologia.

3) *A necessidade de se criar uma categoria “relacional”*: temos o fato de que o radicalismo feminista, quando não excluía totalmente o homem dos estudos, o abordavam e às suas questões apenas como contraponto (Dario, 2001) para uma investigação a respeito das mulheres, o culpabilizavam pela situação das mulheres e das demais minorias (Ariha, Medrado e Ridenti, 1998).

Era necessário, portanto, que se criasse um conceito que visasse o aspecto *relacional* e *dinâmico* da interação homem-mulher, no sentido de que não se pode considerar um, sem que se considere o outro, visto que a forma como os dois interagem e se relacionam, é que definirá se a relação se dará de forma mais equilibrada e razoável ou se tenderá a uma dominação excessiva de uma das partes, normalmente pelo homem.

Assim, defende Osterne (2001) que:

...é importante enfatizar o reconhecimento de uma impossibilidade de aproximação aos territórios do masculino sem uma necessária incursão aos territórios do feminino. O despertar para o caráter relacional do gênero ocasionou uma revisão nos estudos centrados sobre as mulheres e sugeriu a necessidade de análises mais voltadas para a relação de gênero, uma vez que a história das mulheres não poderia ser separada da história dos homens. Fica clara, portanto, a opção pelo entendimento do caráter essencialmente relacional no trato da questão de gênero (p. 120).

Desse modo, concebendo o gênero como categoria relacional, intimamente ligada à questão do poder, podemos nos aproximar de Foucault quando trata desse tema, apesar de não ser nossa intenção um comprometimento formal com seu método. Para Foucault (2001), *poder* não é facilmente definível, mas é algo que circula e que só funciona em cadeia, que se exerce em rede e em determinada direção, com uns de um lado e outros de outro e que portanto só existe na **relação**, na luta.

E pensando como Foucault, onde há relação, há relação de poder. Esse poder, no entanto, não é necessariamente ruim ou mau, como comumente se pensa quando tratamos desse termo. Ele deve circular entre os pólos de maneira saudável, mantendo-se dinâmico e em movimento. Pode ocorrer, no entanto, que esse poder se concentre em um dos lados, sendo exercido de maneira violenta e massacrante para o outro, gerando, no caso que tratamos aqui, o poder de gênero, o que se denomina dominação masculina (Bourdieu, 1999).

Ainda não adentramos no tema da masculinidade propriamente dito, mas podemos adiantar que a masculinidade, ou masculinidades, como se dão nas mais diversas formas e nas mais diversas culturas, poderiam então ser vistas como um veículo de transmissão desse poder.

E parece importante uma última ressalva: para nós, *relacional* se expande para além da relação que se dá entre homens e mulheres, ou mesmo entre o que se chama masculino/feminino, mas, como já dissemos, insere também a categoria gênero em outros aspectos sociais, políticos e econômicos em que atua e influencia e é por estes aspectos influenciada.

Dentro desses três motivos para o surgimento do conceito de gênero, encontramos já suas características mais valorizadas em trabalhos acadêmicos e que também utilizaremos aqui. São elas: serem os gêneros masculino e feminino construídos sócio-históricamente; e serem concebidos como *essencialmente* relacionais, ou seja, simplesmente inexistem sem o outro: só fazem sentido se tratados em conjunto.

Sobre a questão biológica, é interessante o que Nolasco (1995) fala, apoiando-se em reflexões de Bergson sobre o que chama de clichê, a respeito do masculino. Sendo clichê, nesse sentido, o que nos faz ver somente o que nos interessa sobre um determinado fenômeno, economicamente, moralmente, etc:

O masculino percebido como um clichê, se apóia no argumento biológico. É recente considerá-lo desvinculado do sexo. (...) A anatomia tem servido como porto seguro para referendar algumas certezas culturais criadas para definir homem e mulher (p.24).

E nesse ponto, como já indicamos anteriormente, concordamos completamente com Nolasco. A determinação biológica não se sustenta mais (e aparentemente nunca se sustentou realmente), de modo algum define *naturalmente* as “características psicológicas” ou comportamentos sociais de quem nasce com esse ou aquele sexo, apesar de ser essa uma crença ainda bastante presente no senso comum. Desse modo, parece-nos inegável que a anatomia tem uma participação forte e ativa no processo de busca identitária e de cobrança social, tanto de homens quanto de mulheres. Se alguém nasce com um pênis em determinada sociedade ou cultura, espera-se e cobra-se determinadas coisas dessa pessoa, coisas diferentes do que se cobra de alguém que nasce com uma vagina nessa mesma sociedade.

Portanto, nesse aspecto, preferimos pensar como Osterne (2001), quando define os termos para utilizá-los em seu trabalho:

... a categoria gênero não será utilizada para substituir referências à mulher ou ao homem, mas para designar a dimensão inerente de uma escolha cultural e de conteúdo relacional, que rejeite o caráter fixo e permanente da oposição binária entre masculino e feminino. O reconhecimento da importância de sua historicidade e de seu permanente estado de desconstrução deverá evitar sua aceitação como óbvia ou presente na natureza das coisas (p. 118).

Dessa maneira, não estaremos negando uma diferença clara que surge do modo como toda e qualquer sociedade categoriza e diferencia as pessoas levando em consideração diferenças percebidas com relação à anatomia. Mas ao mesmo tempo, é importante notar que não queremos cair numa dualidade do tipo biologia/social, ou natureza/cultura, como fazem, por exemplo, Hardy e Jiménez (2001), ao traçar os limites entre sexo e gênero:

Faz-se necessário definir sexo e gênero porque frequentemente estes conceitos são considerados sinônimos. Mas se tratam de categorias diferentes porque as características anômicas definem o sexo ao qual pertence o indivíduo, enquanto que gênero é uma construção

*social que define o que significa ser de um sexo ou de outro na sociedade*² (p.2).

Apesar de esse tipo de conceituação ser bastante aceito nos estudos de gênero e masculinidade atuais, principalmente por simplificar bastante a relação entre sexo e gênero e tornar mais operacionais esses conceitos que por vezes se confundem (e também ao pesquisador), alguns trabalhos (Garlick, 2003; Louro, 1996; Piscitelli, 1997) já procuram relativizar essa divisão, mostrando que gênero e sexo não devem ser concebidos de forma tão dicotomizada.

Nesse ponto, quem atualmente parece explicar melhor a intrínseca relação entre sexo e gênero é Garlick (2003), quando defende que “a asserção de que o sexo biológico forma uma base estável e imutável na qual a produção de gênero trabalha parece hoje cada vez mais insustentável” (p.157), a começar pela própria biologia que, segundo ele, tomando como base diversos autores dessa disciplina como Sterling, Oudshoorn, e van den Wijngaard, estaria contestando a crença de que pode ser feita uma clara distinção entre dois sexos naturais.

*Marianne van den Wijngaard, por exemplo, argumenta que uma linha divisória universal entre os sexos nunca existiu na natureza. Seu estudo sobre a invenção das diferenças sexuais na neuroendocrinologia revelam, como o fazem muitos outros estudos, como cientistas têm consistentemente projetado significados sociais e culturais em fatos científicos supostamente ‘objetivos’. Van den Wijngaard revela o complexo processo social através do qual significados científicos são produzidos e conclui que as distinções entre sexo e gênero e entre o biológico e o social são dualismos insustentáveis que devem ser abandonados em favor de um modelo “transformativo” onde sexo, gênero e ambiente social são vistos como inseparavelmente interconectados e mutualmente determinantes (p. 158)*³.

² Se hace necesario definir sexo e gênero porque frecuentemente estos conceptos son considerados sinónimos. Sin embargo, se trata de categorías diferentes porque las características anatómicas definen o sexo al cual pertenece o individuo, mientras que gênero es una construcción social que define o que lo significa ser de um sexo o del outro em la sociedad.

³Marianne van den Wijngaard, for example, argues that a universal dividing line between the sexes has never existed in nature. Her study of the invention of sex differences in neuroendocrinology reveals, as have many other studies, how biologists have consistently projected social and cultural meanings onto supposedly “objective” scientific facts. Van den Wijngaard reveals the complex social process through which scientific meanings are produced and concluded that distinctions between sex and gender, and between the biological and the social, are unsustainable dualities that should be abandoned in favor of a “transformative” model

Desse modo o gênero não se formaria *com base* no sexo biológico, mas também atuaria na construção do mesmo, numa relação intrínseca e a-hierárquica, de mútua determinação, sendo o sexo também, nada mais nem menos que um conceito *inventado*, e não um dado *descoberto* pela biologia, como se faz crer. Mas que nem por isso deixa de ser extremamente útil, inclusive para o nosso próprio estudo. É interessante notar ainda, com respeito a isso, que Garlick (2000) afirma, apoiando-se em Rotundo, que antes do iluminismo, essa suposta base definidora da identidade sexual de um indivíduo poderia ser melhor definida pelo que hoje chamamos de gênero, do que pelo que chamamos de sexo, já que a identidade de uma pessoa era mais definida pelas suas performances sociais e não, como ocorre hoje, em termos de uma essência pessoal e natural interna. Essa mudança ocorreu devido aos valores individualistas e racionalistas em ascensão na era moderna, o que mostra a necessária relação entre o sujeito moderno, auto-suficiente, internalizado e todo-poderoso, e o estatuto de verdade neutra que adquire a biologia, dentre outras ciências naturais.

E Villela (1998) ainda continua, sobre diferença e poder:

Embora esteja estabelecido que a atribuição de significados à diferença de formas e funções dos corpos masculinos e femininos seja constitutiva das sociedades humanas, não há consenso se isso necessariamente inclui diferença do nível de poder, em que a opressão e dominação das mulheres sejam consequência obrigatória, ou se compreende, enquanto imanência, apenas uma assimetria de poder, correspondendo ao exercício de diferentes papéis (p.140).

Sobre a diferença de nível de poder, de que fala Villela (1998), devemos concordar com a segunda parte, a de que essa diferença corresponde ao exercício de papéis socialmente impostos. Badinter (1986) mostra exatamente isso: que havia épocas em que essa assimetria não era tão acentuada e por

whereby gender, sex, and social environment are seen as inextricably interconnected and mutually determining.

vezes tendia a dar à mulher maior importância em certos tipos de relação de poder; quanto porque se acreditamos que essa assimetria é decorrente natural e obrigatória da percepção e elaboração das diferenças sexuais, não haveria sentido em estudarmos gênero, visto ser todo estudo dentro dessa área, pelo menos sob uma perspectiva ética, uma proposta, uma tentativa de mudança em padrões que podem estar levando a formas de exploração e de dominação.

Somado a isso, como já dissemos, até a própria biologia, anatomia, e fisiologia são disciplinas acadêmicas formadas por um corpo teórico, são construções sociais também e não dados naturais. As noções que temos delas, longe de cientificamente neutras, desvinculadas dos desejos e necessidades do social, estão diretamente sob sua ação e desse modo percebemos que a própria noção de sexo diferenciado anatômica e biologicamente, em nosso contexto ocidental, também é uma construção que só emergiu devido a um contexto político, social e histórico específico e que demandava essa construção. Vale enfatizar novamente, no entanto, que nem por isso os estudos biológicos têm menos valor e também que o conceito de sexo não deixará de ser utilizado neste trabalho, mas apenas colocado nos termos que Garlick (2003) defende, ou seja, como tão dependente do conceito de gênero quanto este é do conceito de sexo. São mutuamente determinantes.

Resta, então um ponto, dos mais importantes, para terminarmos de situar este trabalho nos estudos de gênero e definir como nos utilizaremos, a partir daqui, dos termos gênero, sexo, homem, mulher, masculino e feminino. Ontologicamente, pensando as relações de gênero, como se relacionam a biologia e a cultura na construção do ser? Questão, ao nosso ver, inseparável de discussões teóricas como a que acabamos de mostrar.

Tratando o tema de um modo dualista/oposicionista, poderíamos pensar que essas estão bem separadas uma da outra, que pouco se confundem e que o gênero como categoria construída socialmente, tem suas bases nas diferenças sexuais biológicas e que a partir dessas diferenças se determinam os papéis sociais de homens e mulheres, e que seria o gênero construído por

determinação de um corpo que tem um sexo biológico definido ao qual se atribuem características psicológicas, sociais e econômicas que resultam em ações e comportamentos específicos.

Mas sobre isso, Osterne (2001) escreve o seguinte:

As relações de gênero, portanto, não são conseqüências da existência de dois sexos, macho e fêmea. O vetor caminha no sentido contrário, ou seja, do social para os indivíduos. Os indivíduos transformam-se em homens e mulheres por intermédio das relações de gênero. É óbvio que (p.119)

E ela cita Saffioti (1992)

‘o sexo anatomicamente configurado sugere, em termos estatísticos a transformação de certos indivíduos em mulheres e de outros em homens’. Entretanto, alguns indivíduos com genitália masculina podem tornar-se mulheres e vice-versa (p.119).

Assim, apesar de admitirmos que a genitália tem influência na definição dos papéis sexuais que os indivíduos constroem para si e que, como lembra Machado Filho (2003),

... uma vez que se constrói, a partir de sua descoberta (do sexo biológico), toda uma forma de tratamento para o ser que irá nascer: nome, vestes, cores, profissão. A criança é, então, inserida socialmente sob uma égide de comportamentos esperados e exigidos, diversos, e muitas vezes, hierárquicos, conforme seu gênero (p.51).

Em última instância, o sexo biológico em si **não** é norteador da definição dos papéis sexuais, mas essa definição parte do social para a biologia, mesmo porque essa construção de que fala Machado Filho (2003) é histórica, bem anterior à “descoberta” do sexo biológico de um determinado indivíduo.

2.2 SOBRE A (S) MASCULINIDADE (S) COMO OBJETO DE ESTUDO

Como já mencionamos, buscaremos neste trabalho uma análise da inserção do que hoje se convém chamar masculinidade, ou quem sabe, masculinidades, nas sociedades ocidentais capitalistas. Por inserção entendemos o modo como uma certa configuração, um modelo, por assim dizer, (no caso, o da masculinidade) repleta de valores morais, ideologias e desejos atua na sociedade, ao mesmo tempo sendo influenciada e modificada pelas pessoas, e também, atuando no sentido contrário, modificando as pessoas, impedindo e provocando comportamentos, pensamentos, crenças, desejos e sentimentos. E não somente nesses aspectos micro-sociais, deve-se perceber e analisar a inserção da masculinidade, mas também em âmbitos macro-sociais, como a luta de classes, a política, a economia e problemas sociais mais explícitos, como o racismo.

Todo trabalho é um recorte. E esse não é diferente. A começar pelo modo como relacionamos gênero e masculinidade, podemos, no que diz respeito ao modo como trataremos a masculinidade e como definimos anteriormente gênero, considerar a masculinidade como um recorte do estudo de gênero. Isso porque, como o gênero, a masculinidade aqui será vista como uma construção sócio-histórica e também como essencialmente relacional. Sob nossa concepção não existe masculinidade calcada exclusivamente em fatos biológicos e nem abordamos a masculinidade em termos absolutos, mas somente em relação, seja com aspectos da feminilidade, seja também em relação com outros mais afastados da relação homem/mulher, como a relação que as pessoas estabelecem com o trabalho, por exemplo.

Usaremos o termo masculinidade porque é mais específico, mais especializado e por isso mais facilmente operacionalizável que a categoria de gênero, para tratar das questões que queremos trabalhar, como a razão, a culpabilização, a competitividade e o individualismo, elementos intimamente ligados aos modelos masculinos, mas que nem sempre (mas algumas vezes sim) estão relacionadas com o modo como se relacionam homens e mulheres, aspecto enfatizado pela maioria dos estudos de gênero. Além disso, não utilizaremos qualquer masculinidade (s), mas faremos um outro recorte

conceitual, esse dentro do próprio termo masculinidade, identificando os aspectos considerados masculinos mais importantes no que diz respeito aos elementos que analisaremos nessa pesquisa, todos ligados a aspectos pouco saudáveis de nosso atual modo de produção capitalista.

É interessante notar uma distinção proposta por Arilha, Medrado e Ridenti, (1998) com relação aos trabalhos e pesquisas sobre masculinidade. Segundo esses autores, tais trabalhos podem ser classificados em ***aliados do feminismo***, que “*reconhecem no movimento feminista e nas produções teóricas em torno do conceito de gênero a base para os estudos sobre masculinidade*” e; ***em estudos autônomos***, que apesar de admitirem o avanço das discussões produzidas pelo movimento das mulheres, *não reconhecem no movimento uma teoria própria capaz de dar conta do caráter múltiplo e complexo dos fenômenos que envolvem a masculinidade e a feminilidade*” (p.19).

E há ainda, dentro dos chamados estudos autônomos, os considerados analíticos, que se utilizam de teorias de cunho neomarxista, psicanalítico e pós-estruturalista para tratar da masculinidade e sua relação com aspectos mais sociais; e os mitopoiéticos, que se voltam para uma interiorização da questão, buscam algo como crescimento pessoal “...e buscam, principalmente nos arquétipos junguianos explicações para o modo de pensar e agir dos homens contemporâneos” (p.20).

Cabe aqui salientar que em diversos aspectos, a perspectiva mitopoiética se afasta totalmente de nosso ponto de vista. Em um trabalho esclarecedor, Ferber (2000) demonstra como este movimento supostamente vanguardista, analítico e crítico acaba por se assemelhar, em seus discursos e práticas, aos movimentos de supremacia branca. A autora explicita em que pontos isso é mais evidente:

Os dois constroem masculinidade como uma essência; os dois colocam a desmasculinização do homem branco hoje como causa primária dos problemas que nossa sociedade enfrenta hoje, os dois culpam as mulheres e os movimentos feministas por essa desmasculinização; e os dois colocam um ambiente conspiratório e politicamente correto onde o homem está sob ataque. Para os dois movimentos homens hoje não estão mais em contato com suas

verdadeiras naturezas e essa ordem natural precisa ser restaurada se nós vamos combater os males que nos adoecem (p. 52)⁴.

Não é nosso objetivo uma análise aprofundada do movimento mitopoético ou de seus textos, mas ainda segundo Ferber (2000) esse é um movimento de retrocesso (*backlash*) que busca trazer de volta noções tradicionais de masculinidade “autêntica”, restituindo ao homem o privilégio e a autoridade perdidas. E Kimmel [s/d (a)] afirma, se referindo às mudanças que vem ocorrendo nas relações de gênero, que movimentos e discursos do tipo *backlash* aparecem sempre que alguma coisa está realmente progredindo num sentido que ele considera como positivo. Segundo ele são “dois passos para frente e um para trás” (p.2).

Entendemos que o presente trabalho situa-se mais próximo dos estudos autônomos e analíticos, apesar de admitirmos que a nossa base conceitual se fundamenta sim, no que foi criado pelos estudos feministas ou em trabalhos claramente inspirados por estes.

Desse modo, cabem algumas outras considerações sobre o modo como trataremos a masculinidade. Como já dissemos, ela poderá ser considerada, para fins desse estudo, como um recorte dentro do que chamamos gênero masculino, sendo um conceito específico e útil para a análise de certos aspectos desse masculino e da sociedade em que ele se insere, como veremos mais adiante. E vale dizer que como será tratada aqui, a masculinidade não existe apenas como um conjunto de características dos homens, mas como parte de um complexo sistema de relações onde ela não se fixa nem se limita ao *homem*, mas atua em mulheres e gays também, estando sempre presente nas relações e emergindo de variadas formas, em determinados contextos. Dessa forma, em

⁴ They both construct masculinity as an essence; they both posit the demasculinization of white men as a primary cause of the problems facing our society today; they both blame women and the women's movement for that demasculinization; and they both posit a conspiratorial, politically correct environment where men are under attack. For both movements, men today are no longer in touch with their true natures, and this natural order must be restored if we are to combat the ills that plague us.

determinadas situações ou dentro de determinadas relações, podemos encontrar mulheres e gays mais masculinizados que um homem.

Nesse sentido, cabe inserir o conceito de Connell (1995) de masculinidade, que é o seguinte:

Masculinidade, até onde ela pode ser definida de maneira tão breve, é simultaneamente um lugar nas relações de gênero, as práticas através das quais homens e mulheres engajam aquele lugar de gênero e os efeitos dessas práticas na experiência corporal, personalidade e cultura⁵ (p.71).

E também uma explicação desse mesmo conceito fornecida por Greig, Kimmel e Lang (2000):

A definição que Connel oferece, apesar de complexa, é sugestiva. Ela nos alerta que masculinidade não é uma propriedade dos homens e nos lembra a sermos cautelosos ao usarmos os termos “homem”, “macho” e “masculinidade” como se fossem uma coisa só. Discursos de masculinidade estão disponíveis e são utilizados por homens e mulheres, e também são impostos a ambos⁶ (P.6).

É pensando assim que achamos por bem associar a essa masculinidade o conceito de poder em Foucault (2001): a masculinidade, com toda a sua carga valorativa, moral e de desejo, atua como um veículo de transmissão e aplicação desse poder.

Obviamente não estamos querendo dizer que a masculinidade se exerce com igual intensidade e da mesma forma qualitativa em homens e mulheres. Uma das diferenças fundamentais entre os gêneros no que diz respeito à idéia de masculinidade que trazemos aqui, a nosso ver, é que com relação aos homens **se exige** que esse modelo esteja sempre presente, em praticamente qualquer tipo de relação, enquanto que atos considerados viris

⁵ Masculinity, to the extent that the term can be briefly defined at all, is simultaneously a place in gender relations, the practices through which men and women engage that place in gender, and the effects of these practices in bodily experience, personality and culture

⁶ The definition offered by Connell, though complex, is suggestive. It warns us that masculinity is not the property of men, and reminds us to be wary of using the terms “men”, “male”, and masculinity interchangeably. Discourses of masculinity are available to, used by, and imposed upon both men and women.

quando exercidos por mulheres podem levar à recriminação das mesmas, tanto por parte de homens quanto por parte de outras mulheres. A masculinidade na mulher parece ser mais aceita quando ela se manifesta em situações de trabalho, quando ela assume a função de provedora, uma função até pouco tempo tipicamente associada a homens e que hoje, cada vez mais, passa a ser uma exigência para mulheres também, talvez não tanto ainda em termos de cobrança social, como acontece com os homens, mas por iniciativa das próprias mulheres, que cada vez mais buscam sua independência financeira ou ainda, pelo menos no Brasil, em termos de imposição para a sobrevivência, visto que está cada vez mais difícil para o homem sustentar uma casa sozinho.

A literatura existente sobre masculinidade tem uma certa envergadura, mas não é extensa, se comparada a outros temas, principalmente no Brasil. É importante notar que o referencial que adotamos é, em parte, baseado nessa literatura e faz apenas um recorte do tema, importante para que possamos trabalhar questões que supomos relevantes sobre como vêm se inserindo no mundo ocidental capitalista, aspectos relativos à masculinidade.

Ramirez (1995), por exemplo, se utiliza do conceito de ideologias masculinas, definindo-as assim:

As ideologias masculinas são construções cognoscíveis e discursivas, dominantes nas sociedades que se estruturam com base em relações assimétricas entre os gêneros, articuladas em forças e jogos que exibem multiplicidade de manifestações, as quais respondem à pluralidade cultural da espécie humana e, nas sociedades de classes, se expressam de formas diferenciadas e contraditórias. (p.77)

E Ortiz (1995, P.149) defende que “a masculinidade ou as ideologias masculinas, diferentemente de pseudoconceitos como o machismo, são concepções mais úteis e corretas para o estudo das relações entre os gêneros”.

Ramirez (1995) elabora o conceito de ideologias masculinas como tentativa de substituição de termos que têm pretensão a conceito científico, como o machismo, mas que acabam somente por desvalorizar o homem e levar a um beco sem saída “no que diz respeito à construção da masculinidade e das relações entre gêneros, bem como à possibilidade de transformações” (p. 76).

Os elementos constituintes das ideologias masculinas mais importantes, segundo Ramirez (1995), que se utiliza do conceito principalmente para estudar os fenômenos em Porto Rico, são a sexualidade, onde o verdadeiro macho porto-riquenho deve se utilizar da fêmea como bem entender, ridicularizar as que o rejeitam e marcar seu território contra outros machos; a genitalidade, visto que simbolicamente é dos órgãos genitais que emana o poder dos homens; e também deve-se considerar a homossexualidade em sua forma masculinizada, pois nem sempre quer dizer feminilidade.

Já as suas considerações sobre os *discursos* masculinos, que, dentro do sistema conceitual proposto por ele, são construídos através das ideologias masculinas, aproximam-se mais do modo como queremos tratar o tema. “Os *discursos masculinos são construídos com a intenção de subordinar a mulher e desvalorizar a esfera do feminino.* (p.77)

Preferimos enfatizar a segunda parte da colocação e pensar mais no plano do que Ramirez (1995) chama de esferas, mais abstrato, menos voltado à determinação biológica ou a uma estruturação cultural rígida de gênero, muito voltada ao anatômico e exclusivamente à competição e à relação entre homem e mulher e que tende a isolar o estudo de outros aspectos importantes em que a masculinidade pode atuar.

Nesse sentido, parece, portanto, pertinente a utilização do conceito de “masculinidade hegemônica” proposto por Connell (1995). Como bem explicam Trindade e Nascimento (2004):

A coexistência da diversidade marca a construção da masculinidade no mundo contemporâneo, o que implica falar sobre masculinidades que se expressam diferentemente, emergindo de vínculos sócio-culturais também diferentes. (...) Apesar disso é possível focalizar o que Connell (1987) chamou de “masculinidade hegemônica”, referindo-se à forma de masculinidade predominante, tradicional, mais valorizada em um determinado contexto cultural e histórico (p.146).

Isso porque concordamos com Trindade e Nascimento (2004), quando defendem que existem vários tipos e formas de masculinidade, dependendo do meio em que se insere, da classe e da raça a que pertence. E também, como

eles, pensamos que em cada ambiente e tempo cultural existe um tipo de masculinidade que se sobrepõe, que atua com mais força, com regras e diretrizes a que mais pessoas obedecem. Desse modo, pensamos que isso se dá também no ocidente capitalista, que, apesar de possuir uma área territorial gigantesca, povoada por inúmeras sociedades e culturas das mais diversas, também possui alguns aspectos masculinos que permeiam todas elas, ou pelo menos a maioria.

Cabe enfatizar que tratando o tema desse modo, torna-se mais adequado falarmos então de masculinidades, com o termo no plural. KIMMEL [s/d (b)] explica bem o porquê:

Masculinidade, nessa visão, não é uma essência constante e universal, mas uma junção fluida de significados e comportamentos, sempre em mudança e que variam dramaticamente. Assim nós falamos de masculinidades, em reconhecimento às diferentes definições de hombridade que nós construímos. Pluralizando o termo, nós reconhecemos que masculinidade significa coisas diferentes para grupos diferentes de homens em épocas diferentes (p.1)⁷

Assim também concorda Siqueira (1997):

Finalizo, portanto, com a defesa da impossibilidade de pensarmos/problematizarmos o masculino e o feminino no singular (...) masculinidades e feminilidades constituem-se em práticas múltiplas e mentalidades correlatas, oriundas de fontes diversas, assumindo um caráter dinâmico e polimorfo em contínua transformação. (p.9)

Cecchetto (2004) também discorre sobre o conceito de masculinidade hegemônica, mostrando o aspecto relacional do conceito, enfatizando como um modelo hegemônico só pode se construir em termos hierárquicos, ou seja, desqualificando e marginalizando outras formas de masculinidade dentro do mesmo contexto cultural. Assim, o modelo de masculinidade hegemônica não é único, mas coexiste com diversos outros, num processo dinâmico e nunca tipificado e estático. Como explica a autora:

⁷ Masculinity, in this view, is not a constant, universal essence, but rather an ever-changing fluid assemblage of meanings and behaviors that vary dramatically. Thus we speak of masculinities, in recognition of the different definitions of manhood that we construct. By pluralizing the term, we acknowledge that masculinity means different things to different groups of men at different times.

... examinar as relações entre as masculinidades fornece um esquema de referência através do qual é possível analisar masculinidades específicas, sem cair em tipos fixos, como “masculinidade negra” ou “masculinidade das classes populares”, mas entendê-las como configurações específicas de práticas constituídas em situações particulares e mutáveis (p.65).

E ainda que é importante ressaltar que:

o modelo de masculinidade hegemônica é um modelo ideal, dificilmente seguido por todos os homens, mas que tem ascendência sobre os outros modelos. Ainda que não seja o único, é ele que se impõe e estabelece relações de várias ordens com os modelos alternativos (p.67).

E vamos um pouco mais longe que Cecchetto (2004) quando ela diz que o modelo é ideal e dificilmente seguido por todos os homens, visto que pensamos que dificilmente um único homem (que não seja herói de cinema) alcance todas demandas desse modelo. Não é a intenção deste trabalho focar a questão do sofrimento do homem, que hoje se vê meio perdido e sem referências com relação a esses aspectos da masculinidade que antes eram claros e bem definidos pelo sistema patriarcal, que apesar de coexistir com outras formas de masculinidade, era claramente o modelo mais presente, dominante e visado pelos homens, podemos talvez, inferir que o modelo patriarcal era o modelo de masculinidade hegemônica da época. Mas não é difícil perceber que a falha em se alcançar um padrão ideal, neste caso o da masculinidade, pode ocasionar. Não é possível “enquadrar” um determinado homem em um determinado modelo, isso seria uma tipificação simplista. Sobre isso, Vigoya (2001) explica que deve-se evitar assentir a existência de, por exemplo, masculinidades negras, gaúcha ou operária na América Latina, mas que, apesar de ser importante o reconhecimento da existência de múltiplas masculinidades, o que se deve buscar entender são as relações existentes entre elas. Elas não existem fora das relações que estabelecem umas com as outras.

O que o conceito propõe mostrar é exatamente que os modelos e práticas estão atuantes o tempo inteiro e que é a forma como se dão as relações que

determinarão qual modelo estará mais atuante em um dado momento. Assim, um homem tipicamente viril e controlado, por exemplo, pode mostrar-se sensível a determinadas situações, correndo o risco, nesse momento, de ser diminuído em sua masculinidade por seus pares ou por mulheres.

E torna-se interessante notar que quando se utiliza do referencial da masculinidade hegemônica e sua relação hierárquica com outras masculinidades, há um afastamento das propostas de Ramirez (1995) e Villela (1998), quando esses autores explicam que existem as esferas masculinas e femininas e quando uma prática se afasta do que é considerado masculino, automaticamente cai na esfera do feminino, sendo, portanto, desqualificada. E esse afastamento ocorre porque segundo o referencial da masculinidade hegemônica, existem, em um determinado contexto, várias masculinidades mais ou menos organizadas em graus hierárquicos: as práticas e comportamentos sendo portanto graduadas, nas variadas culturas, de acordo com o modo como se organizam as masculinidades e não, como eles propõem, simplesmente taxadas de femininas. Existe, portanto, uma gradação de práticas em níveis de masculinidade, e não somente uma dualidade entre práticas masculinas e femininas. Notemos que a desqualificação de uma prática que se afaste das práticas exaltadas pela masculinidade hegemônica continua existindo, mas pensamos que em termos teóricos essa gradação proposta pelo referencial de Connell (1995) oferece mais subsídios para análise que uma simples taxação entre masculino e feminino, visto que não se utiliza de uma dualidade que, em alguns casos, pode se tornar por demais simplista, e que possibilita mostrar melhor a relação entre as diversas masculinidades presentes num dado contexto.

Nossa intenção não é a de delinear contornos acabados do que se pode considerar como sendo a masculinidade hegemônica do ocidente capitalista, mas sim, utilizar o conceito como forma de isolar aquelas características e modos de funcionamento da mesma de que precisamos para nossas análises, principalmente, como já dissemos, sobre como se associam essas características com o modo de produção capitalista, como um determinado

modelo de masculinidade hegemônica fortalece e modela aspectos desse modo de produção e também é modelada e fortalecida por ele, dentro de um *processo* social, histórico e político.

3 UMA HISTÓRIA DAS MASCULINIDADES

3.1 AS MASCULINIDADES E AS RELAÇÕES DE GÊNERO

Pensamos ter delineado, no capítulo 1, um plano conceitual que permitisse situar nosso estudo dentro dos estudos sobre gênero e masculinidade e articulando as noções e concepções que foram produzidas a respeito do tema.

Neste capítulo exporemos de maneira mais específica as problemáticas a serem trabalhadas por nós, dentro da enorme gama de possibilidades existentes nos estudos sobre gênero e masculinidade. A opção por tais problemáticas se deve ao fato de elas estarem presentes tanto no modo como se dão as relações de poder e dominação entre homens e mulheres (que é o que de fato, acaba por ser o objeto da maioria dos estudos de gênero) quanto abrirem mais facilmente possibilidade para análises de outros fatores, mais globais talvez, influenciados pelas relações de gênero, mas que não estão diretamente presentes, ou pelo menos não de forma tão visível, nas relações homem-mulher. Devido a essa escolha, portanto, podemos tratar um pouco das duas questões e tentar identificar alguns pontos onde se associam.

O conceito de masculinidade hegemônica foi escolhido por nós, principalmente por dois de seus aspectos. O primeiro é aquele que pressupõe a coexistência de diversos modelos de masculinidade num mesmo espaço e tempo culturais e que, de fato, não existem *a priori* ao estabelecimento de relação de umas com as outras, ou seja, são essencialmente relacionais, como explica Arilha (1998)

Com o crescente reconhecimento do interjogo entre gênero, raça e classe, tem sido comum reconhecer múltiplas masculinidades: negra assim como branca, de trabalhadores, como da classe média. É muito comum, nesse tipo de framework, pensar que há uma masculinidade

negra ou uma masculinidade dos trabalhadores. Reconhecer mais de um tipo de masculinidade é apenas o primeiro passo. Temos de examinar as relações entre elas (...) Um foco nas relações de gênero entre homens é necessário para manter a dinâmica da análise e impedir que o conhecimento de múltiplas masculinidades resulte numa tipologia de caráter (p 52).

E essa tipologia se dá exatamente quando se tenta uma análise de forma não relacional. A palavra caráter, em si, já conota uma estrutura fechada, determinada por *características* e não pelas formas de relação que estabelece com outras formações.

O segundo aspecto é o de existir, dentre os vários modelos de masculinidade, um que podemos considerar como mais hegemônico, que tende a subordinar os outros e a desqualifica-los, tornando-se uma espécie de ideal.

Obviamente que, em se tratando de modelos relacionais, essa tendência não é absoluta: em determinados momentos, outros modelos estão numa posição de poder privilegiada, tudo depende do contexto onde estão se dando essas relações: de fato não é possível analisar como se dá qualquer tipo de relação, sem se que se considere o contexto. O poder, como explica Foucault (2001), circula. Por vezes com mais facilidade, por vezes com menos, mas sempre circula.

Dessa maneira, ao nos propormos uma análise de alguns aspectos do modelo de masculinidade hegemônica que podemos dizer, de certa forma estar presente na maioria sociedades ocidentais, pensamos caber, de início, uma retomada histórica dos principais elementos que formam essa masculinidade.

Dito isso, cabem algumas considerações: 1) pensando como Garcia-Roza (1988), a respeito do modo como vai tratar do surgimento da psicanálise, não é nossa intenção traçar o que se poderia chamar de origem da masculinidade ocidental e nem mesmo montar uma história linear de sua construção, mas, “apontar a articulação de alguns elementos que, dentre outros, foram a pré-condição de sua emergência”. (p.25). Nosso propósito, como o dele, portanto, não é o de traçar continuidades (apesar de que admitimos que isso acontece, no nosso caso e no dele também) mas assinalar articulações e seus efeitos; 2) essa retomada, principalmente a primeira parte dela, também serve ao propósito

de mostrar como a dominação masculina não é um dado natural, mas que foi construído ao longo da história devido a articulações de elementos e forças que acabaram por determiná-la.

3.2A CONSTRUÇÃO DOS VALORES MASCULINOS

Já mostramos que conceber a masculinidade como um modelo, implica em aceitarmos que ela não se restringe ao sexo masculino e que muitas vezes (apesar de, talvez, com menor intensidade e obviamente, de maneiras diferentes) ela atua sobre as mulheres também, tanto no sentido de que elas terminam por adotar valores tipicamente masculinos e que em certa medida vão determinar que seu comportamento, por vezes, se aproxime do dos homens (e isso parece estar acontecendo cada vez mais, como veremos na análise de dados) quanto no sentido de cobrar delas dos homens, comportamentos que se adequem a esses valores, o que leva a um fortalecimento desse modelo.

Vale notar que segundo Badinter (1986) muitos desses valores masculinos emergiram junto com a instituição denominada *patriarcado*, que a partir da idade do bronze ditou as normas das relações entre os sexos/gênero e determinava de maneira absoluta a dominação do homem sobre a mulher, a supervalorização do masculino e a desqualificação de tudo o que fosse considerado feminino, relacionando-se também com diversas outras formas de produção de modos de vida.

Assim, é nossa intenção mostrar que, apesar de esse modelo masculino se encontrar articulado com diversos outros elementos e fatores ligados principalmente a aspectos do modo de produção capitalista, ele só existe devido à forma como se desenvolveu a relação entre os sexos masculino e feminino ao longo da história.

E para identificar os elementos mais importantes dessa relação para a emergência desse modelo masculino, pensamos que Badinter (1986) oferece o material mais rico nesse sentido, porque apesar de tratar o tema de maneira sociológica, busca trabalhar também com outras disciplinas e saberes importantíssimos para um estudo desse tipo, como a antropologia, a arqueologia, a psicanálise e a psicologia.

Temos, portanto, que as masculinidades, como modelos, se impõem a homens e mulheres e que um dos focos que podemos adotar para entendermos melhor a construção desses modelos é a forma como evoluiu a relação entre os sexos, que é o que adotaremos a seguir.

3.2.1 NO INÍCIO: UMA DIVISÃO BALANCEADA DE TAREFAS E PODERES

De início, mencionaremos dois fatos hoje aceitos por praticamente todos os estudiosos e pesquisadores, no que diz respeito aos sexos: primeiro é que *sempre* se percebeu uma diferenciação entre eles, tendo como base as diferenças físicas, não existindo ao longo da história, evidências de uma cultura que não os diferenciasse ou diferencie; e segundo, que, além disso, entre os seres humanos, sempre ocorreu a divisão das tarefas baseada na elaboração dessa diferença sexual, o que acaba por ser uma diferença importante e uma especialização da espécie humana com relação às demais.

E essa forma exclusiva de relações dos grupos humanos se deve principalmente ao seu regime alimentar, que acaba por implicar nessa divisão das tarefas e dos recursos, onde cabe ao homem a tarefa da caça e à mulher cabe a colheita.

Mas se existe um consenso hoje, sobre a existência da divisão sexual das tarefas, o sentido que se dá a ela é causa das mais divergentes opiniões. E tais opiniões, mais do que baseadas em argumentos e descobertas “científicas”

parecem se constituir como um revisionismo ideológico, onde as opiniões pessoais e preconceitos dos pesquisadores a respeito do tema acabam por determinar muito de sua teoria. Por muito tempo se considerou a caça como o principal vetor de desenvolvimento intelectual e social do homem. Badinter (1986) explica o que propõe E. Morin nesse sentido.

...a caça na savana desenvolveu o sentido e a inteligência no homem, ensinando-o a interpretar os estímulos sensoriais, confrontando-o com os animais mais astutos e estimulando suas aptidões estratégicas: atenção, tenacidade, combatividade, audácia, engodo, astúcia, armadilha, espreita. É indiscutível que ela foi um fator poderoso de socialização, já que, caçando, os homens aprenderam a cooperação, a transação e as regras de distribuição (p.36).

Já a atividade das mulheres, a coleta, ainda segundo E. Morin, por ser considerada mais fácil e tranqüila, as levava a um marasmo, pouco estimulante, e devido a isso foram descritas por ele como mais lentas e fracas, menos coordenadas, caindo numa espécie de subcultura, e se desenvolvendo de maneira bastante tardia com relação aos homens, se é que, de acordo com Morin, um dia chegaram ao nível deles.

Badinter (1986), no entanto, mostra que apesar de a caça provavelmente ter realmente proporcionado ao homem esse desenvolvimento de que fala E. Morin, a antropóloga Adriene Zilhman se contrapõe a esse argumento ideológico, explicando que menos não se deveu à coleta, com relação às mulheres, pois

...se tratava de uma atividade perigosa, que exigia muito mais inteligência e energia por parte das mulheres pois elas não tinham as aptidões físicas de seus companheiros. Elas tiveram que praticar a arte de coletar rápida e eficazmente plantas nutritivas, aprender a utilizar instrumentos e aguçar a percepção do perigo. Além de tudo, as mulheres ainda tinham que de ser capazes de manter uma atenção constante, de modo a satisfazer as necessidades de seus filhos: protegê-los alimentá-los, distraí-los, prepará-los para a vida (p.37).

Percebemos claramente como elementos presentes no modelo de masculinidade contemporâneo como a razão e a presença do caráter ativo no que se considera masculino, em contraposição à passividade do feminino,

contribuem para a elaboração de teorias que servem simplesmente para dar estatuto de verdade a esses elementos. Também é interessante destacar como um contra-argumento pode facilmente se opor a ele, mesmo que baseado em evidências provavelmente tão válidas quanto as que sustentam o argumento “ideológico”, e que também está vinculado à posição política (e no caso, feminista) do pesquisador. De qualquer forma, verdade ou não, o importante aqui é perceber esses elementos (razão e atividade) já se articulando em um determinado modelo masculino (e também a luta para desconstruí-lo).

Avançando mais um pouco, entramos na questão mais polêmica, e também mais importante para nós, neste trabalho, da evolução da relação entre os sexos: o poder, ou melhor dizendo, a distribuição dos poderes.

Badinter (1986) mostra com detalhes vários tipos de relação de poder que, poderiam ter existido no paleolítico e teorias que baseadas nesses tipos, conferem a um ou a outro sexo maior predominância e importância. Nosso interesse refere-se somente aos tipos de poder predominantemente simbólicos e por isso nos ateremos somente a eles.

Existem dois posicionamentos contrários no que diz respeito ao jogo de poder entre os sexos no paleolítico. O primeiro informa que todo o poder era exercido pelo homem e que à mulher ficava reservado apenas um lugar de submissão. E. Morin ilustra esse posicionamento descrevendo uma silhueta onde encontra-se a imagem de um caçador, ereto, com a arma em riste, enfrentando um animal, à qual se opõe uma mulher curvada, submissa, cuidando de uma criança ou apanhando um vegetal.

E de fato, mais do que ao dimorfismo sexual propriamente dito, que confere aos homens maior massa corporal, qualquer tipo de poder conferido ao homem se devia ao valor simbólico que era conferido ao caçador, que enfrentava riscos, perigos enormes, e a própria morte o tempo todo para conseguir alimento, e defender a caverna contra outros animais. É interessante como até os dias atuais é conferido, tanto por homens, quanto por mulheres, um alto valor simbólico à questão do risco e do perigo. Kimmel [s/d (b)] explica como atualmente, os filmes e a mídia em geral valorizam de sobremaneira certos

aspectos da masculinidade que fazem com que garotos jovens exagerem os estereótipos tradicionais que englobam a força, o falso controle e a coragem de se arriscar. O autor também expõe como a valorização masculina do risco dificulta a conscientização dos homens no que diz respeito, por exemplo, ao uso de preservativos nas relações sexuais. Copes e Hochstetler (2003) que se utilizam do método da análise situacional, que se constitui em levantar o máximo de informações sobre as situações imediatamente anteriores ao cometimento de um crime, focalizando essa análise nos perpetradores, buscam elementos de masculinidade nessas situações. Elementos que podem estar influenciando na escolha pelo cometimento desses crimes. Os autores descobrem que o enfrentamento de riscos é fator determinante na decisão de criminosos jovens para cometimento do crime, sendo sua recompensa o reconhecimento de sua masculinidade por parte de seus colegas, ao mesmo tempo que uma hesitação nesse sentido não ocorre sem a desqualificação do hesitante por seus companheiros.

O segundo posicionamento, defendido em sua maioria por militantes radicais feministas defende que os poderes eram totalmente compartilhados, onde todas as decisões seriam tomadas em conjunto e as mulheres possuíam algum tipo de poder político e esse poder seria advindo principalmente do que se chama direito materno, que se sustenta no fato de que a filiação mãe/filho é incontestável, enquanto a paternidade pode ser contestada. Isso seria então a base da família, que seria matrilinear.

Badinter (1986) no, entanto, propõe uma outra hipótese, na qual os poderes seriam em certa medida balanceados, como propõem as teorias mais feministas, mas esse balanceamento não implica numa igualdade de poderes. Os poderes seriam, portanto, diferentes. Ao poder dos caçadores, opõe-se, portanto, um outro, exercido pelas mulheres: o da procriação. Nesse sentido, portanto, enquanto os homens possuíam o poder de tirar a vida, as mulheres eram as únicas capazes de criá-la, mesmo porque admite-se que no paleolítico, ainda não se havia estabelecido a relação entre o ato sexual e a fecundidade. O papel do homem na procriação, portanto, era desconhecido.

As silhueta descrita por Morin, sob outro ponto de vista, portanto, não indica uma submissão da mulher, mas, como enfatiza Badinter (1986), serenidade e poder.

Ao poder sócio-político conferido ao homem, devido ao prestígio simbólico do caçador, equipara-se o poder *místico e cósmico* das mulheres, a elas conferidos por serem as únicas capazes de “criar” a vida.

... podemos supor que a sociedade era dividida em duas esferas sexualmente separadas, porém articuladas. Que, em sua respectiva esfera, cada um controlava diferentes tipos de recursos e, por essa razão, exercia sobre o outro, sob diversos modos e em diferentes graus, um poder específico (p.54).

E esse poder, como veremos, logo é estendido à agricultura, onde a mulher, de maneira mágica e sobrenatural, era responsável por uma boa colheita.

Esse fato é importante porque mostra como, na medida em que o paradigma racional, técnico-científico vai se tornando predominante, atingindo seu auge na modernidade, ao ponto em que tudo o que é considerado como místico vai sendo totalmente desqualificado, a isso corresponde, em parte, a ascensão da dominação masculina, visto estar o homem sempre vinculado à razão e à ciência, e a mulher, ao místico, ao descontrolado e às emoções. Connel (1995) argumenta que:

Ciência e tecnologia, vistas pela ideologia dominante como motores do progresso, são culturalmente definidas como pertencentes ao reino masculino. A masculinidade hegemônica estabelece sua hegemonia parcialmente por incorporar o poder da razão, assim representando os interesses de toda a sociedade; é um erro identificar a masculinidade hegemônica puramente com agressão física⁸ (p.164).

Antes disso, no entanto, existiu um período em que o misticismo e o poder sobre a vida, agora vinculado também à agricultura, predominou,

⁸ Science and technology, seen by by the dominant ideology as the motors of progress, are culturally defined as a masculine realm. Hegemonic masculinity establishes its hegemony partly by its claim to embody the power of reason, and thus represent the interests of the whole society; it is a mistake to identify hegemonic masculinity purely with physical aggression.

concedendo às mulheres um prestígio que não pode ser verificado em nenhuma outra época: é o culto à Deusa-mãe.

3.2.2 A IDADE DE OURO DA MULHER

Segundo alguns autores, dentre eles Badinter (1986), o período neolítico é considerado como o da idade de ouro da mulher. A época em que surgiram inúmeros mitos e lendas a respeito de sociedades matriarcais onde os homens se submetiam ao governo de uma mulher que detinha poderes absolutos sobre a sociedade; lendas a respeito de sociedades de guerreiras amazonas onde os homens são desvinculados de sua tradicional ligação com a guerra e com a caça, assumindo o papel de serviçais ou de objetos sexuais.

Esses mitos são contestados e existem poucas evidências de uma sociedade onde as mulheres controlavam o poder político dessa maneira ou de ter havido uma sociedade de guerreiras amazonas, apesar de tal possibilidade não estar ainda totalmente descartada, principalmente nas sociedades celtas.

Isso, no entanto, não quer dizer que do neolítico, até a Idade do Bronze, onde se inicia o patriarcado, as mulheres e tudo ligado ao feminino não tivessem de diversas maneiras se sobressaído em sua relação de poder com o masculino e gozado de privilégios pelos quais os movimentos feministas lutam até hoje para reconquistar (ou ao seu correspondente contemporâneo). Podemos pensar em alguns fatores a que se deveu essa configuração.

Essa foi a época em que os seres humanos deixaram de se submeter totalmente às determinações da natureza, no sentido de dependerem exclusivamente de seus caprichos para conseguir alimento: em outras palavras, deixaram de ser caçadores-coletores para se tornarem agricultores e pastores, o que acabou por finalizar para muitas tribos e culturas, a vida nômade.

Em termos das relações entre os gêneros, isso é importante por dois motivos: 1) o poder simbólico do caçador, que como já mencionamos é fonte importante do poder masculino torna-se quase inexistente, visto que ao invés de caçar, o homem passa a criar e domesticar os animais em pastos, algo pouco perigoso e arriscado e, portanto, pouco prestigioso; 2) junto com isso, as mulheres foram as que provavelmente, devido ao fato de estarem desde há muito tempo vinculadas à coleta de vegetais e legumes, inventaram o plantio, inventaram a agricultura, de modo que suas capacidades místicas para a criação da vida, provindas do fato de elas, sozinhas (como se acreditava) darem continuidade à existência da tribo, trazendo ao mundo os bebês (através da partenogênese), foram diretamente relacionadas à colheita. “Agora ligamos a fertilidade da terra à fecundidade feminina: as mulheres tornaram-se responsáveis pela abundância das colheitas, pois conhecem o “Mistério” da criação”. (Badinter, 1986, p.69)

Elas se tornam, portanto, as mães, tanto dos humanos quanto das plantas e até mesmo dos animais que os homens domesticavam, que também, obviamente, nasciam de fêmeas. Elas eram, portanto, deusas. Deusas-mãe, senhoras da natureza.

quanto mais nos afastamos da época dos caçadores, mais nos aproximamos da agricultura, e mais impressionante vai ficando o poder feminino.

No espaço de alguns milênios, os valores da vida vencem o fascínio da morte. A mãe torna-se o personagem principal das sociedades neolíticas (p.62).

É interessante notar o fascínio, admiração e o horror que uma época onde o feminino é tão valorizado causa. Isso fica claro nas obras literárias. Referiremo-nos a três textos literários, que, embora não possuam todo o rigor da ciência, nem por isso são menos relevantes quando se busca uma análise de fenômenos sociais: o escritor inglês Clive Barker (1995) (declaradamente homossexual), por exemplo, famoso por suas histórias fantásticas, no livro

Imajica, fala de uma sociedade (que existe num mundo de fantasia e não no nosso) governada basicamente por mulheres, onde havia uma harmonia entre elas e a natureza e entre elas e os homens, onde divindades diversas, inclusive algumas masculinas eram adoradas. Tal sociedade foi, no entanto, massacrada por um tirano, um semi-deus poderoso, o Deus-pai, o Deus-único, que desejava somente para si o status de Deus e via nessa sociedade, que não se submetia a ele, uma ameaça. Diferente da magia presente nessa sociedade feminilizada as principais armas desse Deus-pai são principalmente máquinas tecnológicas, criadas pelo poder da razão (apesar de ele também ser um bruxo, que se utiliza principalmente do esperma, importante símbolo masculino, para realizar seus encantamentos, sempre bélicos, agressivos e destrutivos).

Alan Moore (2002), outro escritor inglês, militante de esquerda e eremita recluso, em seu livro “Do Inferno”, que relata sua versão dos assassinatos ocorridos em Whitechapel conta uma história parecida com essa, mas utilizando elementos históricos. É a história dos Icenos, contada pelo personagem William Whitney Gull, baseado numa figura histórica verdadeira e que seria ninguém menos que, segundo a hipótese argumentada por Moore (2002), Jack o Estripador:

As mulheres já tiveram poder. No tempo das cavernas, a vida dependia do mistério do parto e nós servíamos a deusas-mães, não a deuses-pais. Então os homens se rebelaram (...) o tempo passou, e os Reinos foram transmitidos de pai para filho. O Matriarcado foi esquecido, a salvo pelos Icenos (...) Roma proibiu que Boadicéia, a Rainha dos Icenos, passasse sua coroa a FILHAS e não FILHOS. Quando se queixou, eles a desacatarem estuprando suas filhas e ela mesma. Um grave erro. Ela reuniu os icenos clamando para suas deusas maternas por vingança e queimou totalmente Londres (...) Roma recuperou-se e retomou a cidade arruinada. Boadicéia morreu neste local (...) onde os druidas de outrora realizavam sacrifícios para um Sol-pai (p.90).

Na história é com extremo medo que Gull, um médico nascido e criado na era vitoriana, considerada como parte da idade da razão, relata essa história, medo de que esses tempos retornem, destruindo o poder do homem e da racionalidade.

Vale ressaltar que, como defende Badinter (1986) é provável que esses tempos de uma suposta dominação feminina, como a dos icenos de Alan Moore, que teria se dado inclusive em termos políticos, jamais tenham existido de fato. O argumento que Moore (2002) se empenha em defender, no entanto, não depende da veracidade ou não desses fatos históricos, mas de sua mitologia: a simples idéia de que tais sociedades matriarcais podem ter existido são suficientes para que as sociedades ocidentais as utilizassem como contraponto, como o “outro”, como tudo aquilo que não queriam ser, para a solidificação de diversos valores masculinos, como a hegemonia da razão cartesiana, base fundamental, digamos, ideológica, para uma série de modificações nos modos de produção do ocidente.

Essa questão do “outro”, é algo sempre presente e de fundamental importância se quisermos entender a construção das masculinidades. Segundo Kimmel [s/d (b)] a masculinidade hegemônica sempre se constrói contra uma tela de outros, cuja masculinidade é sempre problematizada e desqualificada. Mosse (1996) fala do contratipo (*countertype*) necessário para que uma masculinidade ideal possa se definir, citando os mendigos, judeus, ciganos, criminosos, insanos e os “sexualmente desviantes”, sempre símbolos da desordem física e moral, como exemplos dos contratipos mais comuns da era moderna, contra os quais a masculinidade de que ele trata pôde emergir.

Plummer (2001), mostra como em grupos de crianças nos primeiros anos escolares, sempre são apontadas, dentre elas, aquelas que não se adequam às expectativas coletivamente autorizadas do companheirismo masculino, a quem faltam características dos estereótipos masculinos ou o tipo de solidariedade masculina para com o grupo. Essas crianças são maltratadas e humilhadas pelas demais e segundo o autor, são consideradas os outros (*the otherness*) a partir de onde se construirá nas demais a identidade masculina baseada nos padrões mais valorizados de masculinidade. Já Copes e Hotchstetler (2003) mostram como criminosos de rua, em sua tentativa de se definir como masculinos, contrastam seu estilo de vida com aqueles das pessoas “hesitantes, passivas e complacentes” (p.286). Como bem explica Masserschmidt (2000), a

respeito dos desafios de se conquistar uma auto-imagem masculina na adolescência: “Um dos caminhos, então, para validar a masculinidade na escola é se expressar e se definir como heterossexual, *tanto degradando a homossexualidade* quanto se engajando em praticas heterossexuais”. (p. 300)⁹

De diversas formas “Do Inferno” é um estudo e uma crítica sobre a masculinidade hegemônica e de como seu poder simbólico se exerce sobre pensamentos, sentimentos e comportamentos, tornando-a imperceptível, natural, cotidiano enfim. E essa, como afirma Bourdieu (1999), é a forma como a dominação masculina conseguiu se manter presente durante tantos anos no ocidente, mesmo que alterada em alguns de seus aspectos, pela sociedade em que se exerce.

Por outro lado, a maioria das obras literárias (e cinematográficas) estão mais de acordo com o pavor de Gull, do que com a crítica de Alan Moore. Ainda se tratando de razão, temos Michael Crichton, (branco, heterossexual) famoso escritor americano, que apesar de tratar de temas altamente ficcionais, como viagens no tempo e parques cheios de dinossauros, procura dar a esses um tratamento altamente científico e racional (motivo pelo qual, talvez, seja muito mais conhecido e apreciado que Alan Moore e Clive Barker, que fogem da cientificidade, tratando quase sempre de misticismo e magia).

Em um de seus poucos romances históricos, “Eaters of the dead”, (transformado em filme estrelado pelo símbolo sexual latino Antônio Banderas) ele relata a história de uma pequena aldeia viking, ameaçada pelos chamados “devoradores de mortos”, uma sociedade cruel e selvagem, que dentre outras inúmeras atrocidades, devora seres humanos. O que percebemos de interessante nisso é que logo no início na história, um dos heróis do livro encontra, para seu horror (ele se sente amaldiçoado somente por tê-la tocado) uma estátua da Deusa-mãe (inúmeras como essa foram encontradas, no mundo real, em sítios arqueológicos e datadas como do neolítico) obesa, com seios grandes e caídos e perna abertas, símbolos de sua fertilidade, poder que os

⁹ One of the ways, then, to validate masculinity at school is to express and define yourself as heterosexual both by degrading homosexuality and by engaging in heterosexual practices.

homens não possuem, sentada e imponente, deixada pelos “devoradores” no local onde dizimaram sem piedade uma pequena família de pacíficos fazendeiros vikings.

Os devoradores são, portanto, uma sociedade matriarcal, do tipo que, como já mostramos, provavelmente nunca existiu, visto concentrar em uma mulher todos os poderes, inclusive os políticos e bélicos. Sua governante, como mais tarde na história descobrimos, é uma mulher hedionda, um verdadeiro monstro a ser destruído pelo pequeno grupo de treze heróis, que deve entrar em sua caverna, onde ocorrem orgias e horrendos rituais de sacrifício e fertilidade, que além de provavelmente nunca terem existido daquela maneira, são retratados pelo autor como bizarros e amorais, e assassiná-la, sua única chance de vitória, visto ser a aldeia viking muito inferior em número de guerreiros. Segundo a história, com a morte de sua líder, os devoradores debandariam.

E no final, quando finalmente separa a cabeça da mulher-monstro de seu corpo, com um único golpe de sua enorme e pesada espada, arma dos vikings e conhecido símbolo fálico (apesar de que, admitimos que às vezes uma espada é só uma espada) o rei dos vikings e líder dos heróis é por ela envenenado, um truque sujo, que segundo crença comum e provavelmente de Michael Crichton também, somente uma mulher (ou um homem pouco masculino), criatura traiçoeira que não conhece a verdadeira honra de um guerreiro, poderia cometer.

Tudo nesse romance (nada parece ser mais masculino que um viking) evidencia um sentimento de opressão e horror causado pelo feminino (afinal são treze homens honrados e racionais, que apesar de vikings medievais, no romance possuem muitos valores ocidentais contemporâneos, contra um sem-número de selvagens descontrolados pertencentes a uma sociedade matriarcal) visto como um mal que contamina o mundo e deve ser impedido de avançar, tendo como alternativa a irracionalidade, a falta de honra e o caos completo. É um horror bastante presente hoje, ao fim da razão e ao retorno do místico e do feminino.

3.2.3 A EMERGÊNCIA DO PATRIARCADO

De qualquer modo, a época em que o feminino tinha certa preponderância vai, aos poucos sendo substituída por outra em que há um maior compartilhamento dos poderes e subseqüentemente pelo confisco pelo homem, de todos os poderes (BADINTER, 1986). O primeiro dos fatores a que devemos essa mudança é o homem começar a ajudar a mulher nos trabalhos agrícolas, tomando para si as tarefas mais pesadas desse processo. Assim, como já tinha afinidade no trato com os animais, depois de um tempo percebeu que poderia utiliza-los também na agricultura.

Quando o uso do arado puxado por um par de bois se impôs, a agricultura tornou-se domínio dos homens. O uso da charrua com relha de metal fez dela sua propriedade exclusiva. O campo se tornou seu bem. Para a mulher, só sobrou o jardim de antanho (...) a mulher conservou o prestígio de poder influenciar na fertilidade, e distribuí-la. Esse privilégio só começou a enfraquecer com a vinda da charrua, que rapidamente apareceu como um símbolo sexual masculino. A fertilidade da terra resultava, apenas, da ação do princípio feminino, mas sim da associação dos dois princípios (BADINTER, 1986, p.74).

Temos, portanto, que não somente no aspecto simbólico a mulher foi desprovida de seus poderes, mas principalmente, no aspecto técnico isso também ocorreu. O uso dos animais na colheita tornou-a, indiscutivelmente mais eficiente para a alimentação, largas extensões de terra podiam agora ser semeadas e os homens tomaram para si esse feito. Temos então, como já vínhamos aos poucos, demonstrando, que não somente em função da força o homem conseguiu sua hegemonia, mas principalmente, por tomar para si exclusivamente, o domínio da técnica e da razão.

Ao mesmo tempo, ao observar os animais de que cuidavam, os homens passaram a perceber a relação entre o ato sexual e a procriação, tomando

consciência de que aquele não era um poder exclusivo das mulheres e que elas dependiam deles para exercitar esse poder.

A força física, no entanto, também teve sua participação na emergência da hegemonia masculina, visto que com o aumento das populações devido ao avanço técnico, tribos começaram a se encontrar e a disputar porções de terra: a guerra tornou-se uma constante.

A guerra foi, sem nenhuma contestação, o apanágio e a opressão do sexo masculino. Com o desenvolvimento da agricultura, os guerreiros sucedem aos caçadores e recuperam o prestígio e o poder que os homens haviam perdido quando do declínio da caça. Com o tempo irão formar uma classe prestigiosa da Cidade, especializada nessa atividade perigosa e nobre (BADINTER, 1986, p.78).

E temos que surge, na idade do bronze, o patriarcado. E numa tentativa de defini-lo, Greig, Kimmel e Lang (2000), escrevem que:

Um dos feitos significativos dos estudos feministas foi o de nomear as conexões entre homem, gênero e poder e dar a eles expressões visíveis no termo “patriarcado”. Tanto na esfera pública quanto na doméstica o patriarcado se refere à institucionalização do poder do homem sobre a mulher na economia, na política, no lar e nas relações heterossexuais (p.7)¹⁰.

Assim, portanto, se estabelece esse poder institucionalizado, que como demonstramos, não é natural das relações entre homens e mulheres, mas que é visto e sentido como natural e portanto, imutável. E se alguns autores, principalmente autoras feministas como Badinter (1986) consideram-no como extinto, temos nossas dúvidas quanto a isso (apesar de obviamente, se o patriarcado ainda hoje persiste, ele o faz de formas bem diferentes daquelas de quando se iniciou) principalmente com relação a certos aspectos. De qualquer modo, apesar de não confundir-se com ela, é o patriarcado e a evolução da relação entre homens, mulheres e o ambiente que levaram ao seu surgimento que dá origem e visibilidade ao que hoje chamamos de masculinidade. Mesmo

¹⁰ One of the significant achievements of feminist scholarship has been to name the connections between men, gender and power and give them visible expression in the ‘term patriarchy’. In both the public and domestic spheres, patriarchy refers to the institutionalization of men’s power over women within economy, the polity, the household and heterosexual relations.

porque, como já esclarecemos, a masculinidade como discurso e como prática, não é propriedade dos homens.

4 AS MASCULINIDADES OCIDENTAIS

Tendo esclarecido portanto, como se constituiu o patriarcado e como ele se define, cabe agora estabelecer a masculinidade em seu conteúdo, deslocando o foco quase que totalmente para os modelos de masculinidade presentes nas sociedades ocidentais, definindo com mais rigor os elementos destes modelos e identificando as forças e interesses presentes no modo de produção capitalista que possibilitam a existência e a manutenção desses elementos, sendo, ao mesmo tempo, fortalecidos por eles, num verdadeiro mecanismo de *feedback*.

Haenfler (2004), por exemplo, defende que a masculinidade hegemônica legitima o patriarcado e valoriza principalmente competição, hierarquia, individualismo, proezas sexuais, força corporal, racionalidade, distância emocional, dominação e a coragem de se arriscar.

Trabalharemos todos esses elementos da masculinidade hegemônica e mais alguns que achamos pertinentes para o contexto brasileiro e para a temática que estamos desenvolvendo, sendo eles: a responsabilidade, a honra (talvez não tanto no sentido de *defesa da honra* machista que é o que se costuma enfocar quando se trabalha a masculinidade, mas mais num sentido de *honrar a palavra*, por exemplo), a culpabilização, o poder, a força (uma força não-física, interior, algo como força de vontade), o auto-controle e o controle sobre a natureza, o caráter ativo (em oposição ao passivo associado ao feminino), e por fim, permeando e solidificando todos esses aspectos numa forma mais ou menos coesa, a *razão, ou racionalidade*.

É importante demonstrar também, e isso é algo que tentaremos fazer durante todo o trabalho, que esses aspectos estão intrinsecamente relacionados entre si, se fortalecem mutuamente e dão subsídios uns para os outros, por vezes até se confundindo: a razão e o auto-controle, por exemplo, não existem

um sem o outro; dentro do contexto da masculinidade, um é o motivo de ser do outro.

E mesmo que se, em certos aspectos, esse modelo tenha sido modificado com o passar do tempo e por cada cultura ocidental em que ele se insere, pensamos haver até certo ponto, uma constância, principalmente no que diz respeito a esses elementos que descrevemos como constituintes do mesmo.

O que percebemos é que os elementos mais valorizados na masculinidade hegemônica do ocidente, obviamente estão em diversos momentos vinculados à relação de poder entre homens e mulheres, mas que também estão envoltos por diversas outras forças, fenômenos e formas de dominação. O que queremos dizer é que a masculinidade não se restringe à relação homem e mulher, apesar de ter surgido, como procuramos demonstrar, pela evolução histórica dessa relação.

Mosse (1997) por exemplo, explica que o processo de construção histórica da idéia de masculinidade presente no ocidente, e permeado pelas idéias iluministas, se inicia num contexto de início de reivindicações femininas nos fins do séc. XIX. Ele afirma que, nesse mesmo século, diversos outros “inimigos” ameaçavam o modo de vida da sociedade européia tradicional e que a idéia de masculinidade surge para conter esses inimigos, que seriam, dentre outros: as crises econômica e trabalhista, as novas tecnologias, temores de despovoamento, as guerras, doenças que ameaçavam a saúde individual, como a sífilis. Ele afirma ainda que *“As ‘novas mulheres’, lésbicas e homossexuais, estavam emergindo das sombras e desafiando a divisão tradicional entre gêneros, símbolos tangíveis de épocas fora dos eixos”*. (p.293)

Temos, portanto, que o modo de vida da sociedade européia tradicional de alguns séculos anteriores é o que possibilita a existência do modelo de masculinidade presente hoje no ocidente. E esses são, para a cultura ocidental, séculos de grandes mudanças e transformações em quase todos os sentidos: político, econômico, científico, religioso; valores foram modificados e destruídos e outros foram criados; muito do que se prezava na arte foi esquecido enquanto novos padrões estéticos emergiam; foram séculos em que ocorreram revoluções

na própria forma de o homem pensar e se relacionar com o mundo. Foi a idade da razão e no que hoje se concebe como modernidade claramente existe algo de masculino: o desejo por racionalização, ordem e controle (GARLICK, 2000)

E o que se percebe realmente é um casamento quase que perfeito, entre os principais valores patriarcais, construídos ao longo dos vários séculos anteriores, com uma nova ordem que se ergue, regida principalmente pela razão e pelo individualismo, que acabaram também por dar origem ao que hoje se chama sujeito da modernidade, uma construção que, apesar de atualmente enfraquecida e duramente atacada, permanece, e de várias formas se relaciona com a construção da masculinidade hegemônica ocidental.

Garlick (2000) confirma essa colocação. Ele defende que Hobbes, com seu conceito de Leviatã, busca manter e produzir a ordem e assim permitir o controle humano sobre o mundo e sobre a vida. Tendo isso em vista, ele argumenta que:

O ser humano (individual) é agora o sujeito que firma a verdade do mundo, e a emergência da masculinidade e da feminilidade pode ser entendida, por sua vez, como provendo um meio para estabilizar essa firmação, como um meio para prevenir a diferença de minar, de questionar a ordem¹¹ (p.164).

Dessa forma, segundo ele, e também de acordo com Mosse (1997) a masculinidade surge para manter certa ordem que se via ameaçada. Ora, esse controle (ou a ilusão do mesmo) e essa ordem, são conseguidos através da construção do sujeito da modernidade, legitimado pela forma de razão concebida por René Descartes. Sobre o sujeito, Touraine (1994) explica:

O que entendemos por Sujeito? Antes de tudo a criação de um mundo regido por leis racionais e inteligíveis para o pensamento do homem. De modo que a formação do homem como sujeito foi identificada, como se vê melhor nos programas de educação, com a aprendizagem do pensamento racional e a capacidade de resistir às pressões do hábito e do desejo, para submeter-se somente ao governo da razão (p. 218).

¹¹ The (individual) human being is now the subject that grounds the truth of the world, and the emergence of masculinity and femininity can be understood, in turn as providing a means to stabilize this ground, a way of preventing difference from undermining order.

Diante disso, para então, esclarecer melhor os modos como a modernidade e a masculinidade ocidental acabam por convergir, torna-se necessária uma breve explanação sobre a construção do sujeito racional da modernidade e da emergência da hegemonia da razão.

4.1 MODERNIDADE E MASCULINIDADES

A idade média ocidental se define, por alguns aspectos que sabemos estarem intimamente relacionados e que se fortalecem mutuamente: guerras, modo de produção feudal ou servil, e a religiosidade, Deus, infiltrado em praticamente todos os aspectos da vida das pessoas.

O sistema feudal foi complexo e funcionou de maneira diferente em momentos e regiões diferentes do ocidente (Anderson 1987), mas uma das constantes é que as pessoas pertenciam a uma dessas três classes: a dos servos, que trabalhava e englobava a maior parte das pessoas; a dos sacerdotes, que orava; e a da nobreza, que guerreava e detinha a posse das terras e assim controlava a produção. Excluindo-se o fato de que alguns membros do clero (os mais ricos) eram provenientes da nobreza, não havia mobilidade e as pessoas morriam na mesma classe em que nasceram (HUBERMAN, 1974).

E uma das estratégias para que tudo se mantivesse dessa forma era exatamente a religiosidade. Deus era o centro de tudo e se ele havia criado as coisas daquela forma, qualquer questionamento era visto como pecado. Resignação era a palavra do dia, de todos os dias, resignação a uma vida de sofrimento e abuso, devido a uma crença transcendente. A vida em carne e osso era concebida como sendo só uma transição, uma espécie de provação para

uma outra vida que viria após a morte, essa sim, *real*, eterna e (se fosse merecido) de salvação.

Nos sécs. XIII e XIV, o sistema de produção medieval entra em crise devido a uma série de fatores como a escassez de terras cultiváveis e inúmeras revoltas camponesas em vários pontos da Europa, revoltas que, se por fim terminavam individualmente derrotadas, em um contexto mais global, serviram para aos poucos, mudar o modo como o poder se distribuía entre os nobres e os camponeses (Anderson, 1987).

A ascensão da burguesia foi o que acelerou o fim da Idade Média, tanto em seu modo de produção (feudal) quanto em seu aspecto religioso, visto que para a burguesia, que passava cada vez mais a deter as riquezas, adquirir também uma posição social “digna” dessas riquezas, era necessário que o poder político da Igreja e dos nobres fosse diminuído.

Desse modo, um novo modo de pensar começou a ser criado, um modo onde não mais Deus seria o centro do universo, mas agora o próprio homem seria. Não mais deveria ser governado por leis transcendentais que ele não regulava e sobre as quais não exercia poder nenhum.

Um novo pensar religioso e filosófico emergiu e ele estipulava que através do trabalho (esse sim, o salvador) o homem poderia quebrar as barreiras da pobreza erguidas em seu nascimento e, por seu esforço individual, alcançar o paraíso ainda na Terra (e ainda, segundo as crenças da nova religião criada por Martinho Lutero, mais de acordo com a nova ordem que surgia, esse paraíso seria estendido até depois da morte).

Os autores Hardt e Negri (2001) descrevem com detalhes como se deu essa passagem de Deus para o homem, na era moderna, definida por eles como uma era de crise. Para esses autores, o declínio da vida regulada por uma entidade transcendente chamada Deus, foi fruto de uma revolução genuína do coletivo e que “não passou de um sintoma do evento básico da modernidade: a afirmação dos poderes *deste* mundo, a descoberta do plano de imanência” (p. 89).

Essa imanência surge através de uma gama de produções artísticas, teóricas e filosóficas que tinham em sua concepção, a noção de que o homem não precisa ir além de si, de seus afetos, desejos, intelecto e das relações que constrói com outros e com a natureza para atingir uma plenitude. Não é necessária uma mediação e um controle divino para que as pessoas possam viver, muito pelo contrário.

O que há de revolucionário nesta série de desenvolvimentos filosóficos que vai do século XIII ao XVI é o fato de que os poderes de criação que anteriormente tinham sido consignados exclusivamente aos céus são agora trazidos para a terra. É a descoberta da plenitude do campo de imanência (HARDT e NEGRI, 2001, p.91).

A crise de que falam esses autores, no entanto, não é tanto a crise surgida do conflito entre a transcendência de um Deus, que perdurou durante toda a idade média, contra as forças imanentes revolucionárias. Esse regime transcendente já estava condenado e por mais que as forças aprisionantes tentassem, não havia volta a ele. Teria que ser criada uma nova forma de dominação, uma mais de acordo com o novo paradigma, voltado para o próprio homem. Houve então uma contra-revolução.

Era de suprema importância evitar que a multidão fosse entendida, à la Spinoza, numa relação direta e imediata com a divindade e a natureza, como produtor ético da vida e do mundo. Ao contrário, em todos os casos uma mediação teve de ser imposta à complexidade das relações humanas (HARDT e NEGRI, 2001, p.96).

E qual foi, afinal, a forma que adquiriu essa mediação? Essa nova transcendência que surge na modernidade e que perdura até hoje? O nome mais simples que podemos dar a ela é *razão*. É imposto hoje que tudo passe por seu crivo e seu filtro: o uso de nossos corpos, afetos, instintos, e sentimentos como guias para nossas ações, como forma de apreendermos o mundo ou de transformar a natureza é quase sempre desqualificado. A razão deve sempre intermediar nossas conexões e é valorizada como melhor que os afetos, as emoções, como se realmente fosse possível separá-la deles.

Entretanto, por que a relatividade é necessária? Por que o conhecimento e a vontade não podem se proclamar absolutos? Porque cada movimento de autoconstituição da multidão deve ceder à ordem pré-constituída, e porque sustentar que seres humanos podem estabelecer de imediato sua liberdade de existir seria um delírio subversivo (HARDT e NEGRI, 2001, p.96).

E Touraine (1994) concorda ao explicitar a desqualificação e o não-reconhecimento daquilo que não seja racional, ou não tenha como base estudos científicos:

O ocidente, portanto, viveu e pensou a modernidade como uma revolução. A razão não reconhece nenhuma aquisição; ao contrário, ela faz tabula rasa das crenças e das formas de organização sociais e políticas que não se baseiem em uma demonstração do tipo científico (p.19).

Ora, a tabula rasa de que fala Touraine (1994), em nada difere do próprio método cartesiano, como descrito pelo próprio Descartes (1998), onde ele faz uma tabula rasa de seus próprios valores e crenças, tenta chegar a uma espécie de “zero absoluto” do conhecimento, para então, a partir desse zero, ir aquiescendo somente o que for válido, de acordo com os parâmetros da razão. É como se houvesse um ideal de se aplicar o método cartesiano para a sociedade como um todo, durante a modernidade e atualmente também, descartando-se tudo o que não seja reconhecido pela razão.

Obviamente que a razão em si, como construto filosófico e modalidade de pensamento não surgiu na modernidade. Segundo Émile Noel (1994), ao entrevistar Chatelet, a razão por vezes se confunde com a própria filosofia em seu surgimento: “vamos admitir: a razão foi inventada na Grécia, no século V antes da nossa era. Essa invenção foi formalizada por Platão” (p. 34).

O que, por outro lado, surge na modernidade ocidental e que a define para os termos da nossa pesquisa, é um certo discurso hegemônico de racionalização da própria vida em sociedade, como explicita Touraine (1994):

A particularidade do pensamento ocidental, no momento de sua mais forte identificação com a modernidade, é que ele quis passar do papel essencial reconhecido à racionalização para a idéia mais ampla de

sociedade racional, na qual a razão não comanda mais apenas a atividade científica e técnica, mas o governo dos homens quanto à administração das coisas. (...) É preciso descrever esta concepção da modernidade e da modernização como criação de uma sociedade racional (p.18).

E é no contexto da emergência da hegemonia da razão que surge o sujeito da modernidade, como o entendemos hoje. Dentro da obra de René Descartes (Hardt & Negri, 2001) é que podemos mais facilmente visualizar tal evento. Para ele o sujeito é um ser completo em si, apesar de submetido às leis incompreensíveis de Deus, já inscritas nele desde o nascimento e com as quais somente uma razão, sempre voltada para o interior, pode entrar em algum tipo de conexão. Tal concepção metafísica já diz como o sujeito moderno é internamente essencial, a-histórico e a-social e como a razão deve se desvincular para um plano superior e primar sobre os outros aspectos dos seres humanos, sendo a única maneira verdadeira de apreensão do mundo, constituindo-se, portanto, em uma nova forma de transcendência.

Giffin (1994), ao discutir os problemas ocasionados pela tradição dualista iniciada por Descartes, que separa a mente do corpo, valorizando a primeira em detrimento do segundo, coloca bem a questão:

A construção do sujeito, na tradição dualista que junta e valoriza a mente/razão, em oposição ao corpo/emoção, tanto nega o corpo e as emoções como fontes de conhecimento como considera que estes interferem (ou se opõem ao) processo de conhecimento, devendo, portanto, ser controlados para melhor conhecer. Esta seria a razão principal da desvalorização do corpo/emoção, nessa tradição. (p.151)

E é quando a razão se associa mais fortemente aos diversos elementos patriarcais, visto que o homem já exercia domínio sobre o reino do técnico e instrumental, devido à invenção da charrua para a agricultura.

Nolasco (1995) também aponta que a tradição iluminista serve para fortalecer o modelo de homem que ele problematiza. Segundo ele, uma das principais características associadas ao homem é a capacidade (e o dever) de suplantare suas emoções e sentimentos, não demonstrar a maneira como está

sendo afetado; suas decisões, ações e comportamentos têm que ser executados de maneira objetiva, controlada e sóbria.

... qualquer possibilidade de demonstração de ternura, carinho ou dor é diretamente associada a uma dúvida sobre a escolha sexual. Para um homem, ter os afetos fora das trilhas definidas socialmente para eles é sinal de que a homossexualidade não vingou (NOLASCO, 1995, p.18).

Quando se desqualifica todos esses outros aspectos do humano, só o que resta é a razão, ela sim, altamente valorizada.

E percebe-se aí mais uma forma de subjugar o feminino, visto existir uma crença de que as mulheres não são racionais ou objetivas, mas emotivas, dadas a comportamentos irregulares e imprevisíveis visto que são facilmente levadas e controladas por suas emoções e não pela razão. Não são, enfim, seres dignos de confiança, assim como não o são, homens não muito bem adaptados às exigências da masculinidade hegemônica que já apontamos. Mulheres que, no entanto, *no lugar e momento certo*, provam sua capacidade para o masculino (numa situação de chefia, por exemplo) parecem se tornar mais respeitadas. Ressaltamos, portanto, mais uma vez, que a masculinidade não é propriedade dos homens.

A hegemonia da razão, no entanto, não demorou a ser desafiada (apesar de não ter sido vencida). Dos três “filósofos malditos” da modernidade, que caminhavam na contra-mão do “*mainstream*” filosófico da época, dois pelo menos (Freud e Nietzsche) atacaram duramente a racionalidade e seu valor, enquanto que o terceiro (Marx) se utilizou de seus elementos e métodos para criar uma forma de contestação (o materialismo histórico) totalmente inesperada e revolucionária.

Foi Freud, com seu conceito de inconsciente, o primeiro a questionar de maneira rigorosa e sistematizada a noção cartesiana de que através da razão podemos ter total controle sobre nós mesmos e perceber e entender tudo sobre o mundo a nossa volta, com exceção dos mistérios divinos, os quais devemos deixar de lado. A invenção de Freud coloca em cheque a primazia da razão

porque ao afirmar o inconsciente, algo incontrollável de acesso bastante limitado, diminui a importância da consciência, por onde a razão funcionaria. A razão, portanto, estaria submetida a leis do inconsciente sobre as quais não possui controle algum.

Descartes (1998), no Discurso do Método, ao questionar toda a experiência prévia de sua vida à aplicação de seu método recém-inventado para se chegar à verdade das coisas, ousadamente questiona *toda* a existência, inclusive, por algumas poucas páginas a de Deus, chegando à conclusão de que naquele momento, a única coisa verdadeira é o fato desses seus questionamentos estarem existindo. Isso, segundo a lógica racional de seu método, não poderia ser negado, assim como não poderia ser negado o fato de *e/e*, um ser pensante e portanto criador dos questionamentos, estar existindo. É o famoso cogito sobre o qual se sustenta muito da filosofia cartesiana, o “penso, logo existo”, sendo importante notar que para Descartes (1998), essa capacidade de pensar, capacidade para o bom-senso ou razão, é inata e pertencente a todos os seres humanos de maneira individual, sendo algo que utilizamos de maneira consciente e voluntária.

A partir deste cogito, diz Descartes (1998), podemos passar a descobrir outras verdades, sendo que a próxima a que ele próprio chega, transformando sua filosofia no que Hardt e Negri (2001) chamam de transcendente é a da inegável existência de Deus. É interessante notar como Freud, com o conceito de inconsciente, desmonta o “penso logo existo”, visto que o inconsciente não nos deixa sequer escolher em que vamos pensar ou mesmo afastar um pensamento desagradável de nossa consciência. Não escolhemos ou controlamos nem o que vamos pensar.

E é mais ou menos o que Garcia-Roza (1988) afirma, sobre esse mesmo assunto:

Após o longo período empreendido, eis-nos de volta à questão do cogito. Começamos com o cogito cartesiano e chegamos ao cogito freudiano. O primeiro, na sua formulação original, afirmava: ‘penso, logo sou’. O segundo, numa das formulações que lhe empresta Lacan, afirma: ‘Penso onde não sou, portanto sou onde não me penso’. Se o

cogito cartesiano apresentava o Eu como o lugar da verdade, o cogito freudiano nos revela que ele é sobretudo o lugar do ocultamento (...) enquanto Descartes nos falava do sujeito da ciência, Freud nos falava do sujeito do desejo (p.196).

E tentando trilhar esse mesmo caminho, inclusive, Nolasco (1993), dicotomiza o modo como as representações masculinas, como ele as chama, podem ser concebidas e vivenciadas:

As representações masculinas de hoje, ainda estão calcadas na construção cartesiana. Porém, a procura de uma linguagem para expressar suas emoções, bem como a busca de uma redução dos níveis de violência e uma intensificação no envolvimento com a paternidade passam a caracterizar para o homem a transição de um modelo de representação cartesiano para um freudiano(p.34).

Giffin (1994), no entanto, parece discordar, pelo menos de parte dessa afirmação quando aponta que na psicanálise, que tenta transformar o sexo em objeto de conhecimento, nós terminamos por abandonar “os afetos e sentimentos, para ficar com as representações mentais, enfocando o que **pensamos** sobre isso...” (p. 151) Dessa maneira, a psicanálise nada mais seria que outra tentativa de racionalizar aspectos do humano que seriam mais intensamente vivenciados sem essa intermediação. Esse apontamento pode ser um pouco reducionista, afinal existem várias formas de se trabalhar com a psicanálise, mas é inegável que muito do que a psicanálise faz hoje, faz por esse viés representacional e não simplesmente usando da linguagem para expressar emoções, como afirma Nolasco (1993).

Além disso, o que Nolasco (1993) parece não perceber é que a herança freudiana, e o fato de agora existir um inconsciente, não parece influenciar de maneira muito positiva nas masculinidades que então se constroem, mas apenas serve para consolidá-las de outra forma, através da edipianização dos indivíduos e da sobrevalorização do nome do pai.

Albuquerque Jr. (2002), ao estudar a literatura produzida por homens que viveram no fim do sec XIX e início do séc. XX, aponta que:

Freud parece reverberar por toda esta literatura, no gesto que edipianiza todos os sujeitos, remetendo-os à família como lugar de origem, como lugar de construção de um eu fechado e centrado em torno do nome do pai, de sua fala e de seu falo (p.113).

O eu fechado na razão, portanto, agora se torna também um eu fechado no nome do pai e nas relações familiares. E lembremos que mesmo depois de Freud, permanece essa exaltação da razão em detrimento dos afetos, emoções e outros atributos do humano, como se realmente, na vida, a razão existisse em forma pura, desvinculada dos afetos e como se em determinado momento as pessoas pudessem agir somente pela razão (o que, de acordo com os valores cartesianos, seria sempre o ideal) ou serem totalmente guiadas por seus afetos e emoções (o que acontece com pessoas fracas e descontroladas).

É como se a noção de sujeito tivesse se reformulado, mas ao mesmo tempo, permanecido a mesma. O conceito de inconsciente está presente, é verdade, junto com toda a sua imprevisibilidade e dificuldade de “acesso”, mas por outro lado, na vida cotidiana, continuamos com o peso masculino de nos mantermos no controle o tempo inteiro, senhores de nós mesmos e do mundo à nossa volta, individualmente responsáveis por tudo o que nos acontece e tudo o que fazemos, mesmo sabendo conscientemente que, de fato, não temos como comandar de forma alguma as vontades do inconsciente e por conseguinte, muito da maneira como pensamos, sentimos e nos comportamos.

Albuquerque Jr. (2002) diz ainda que com a psicanálise o pai se torna a-histórico, algo como um zero na história, não havendo nada anterior a esse pai, ele se torna onde simplesmente brotam sujeitos cuja única história e maneira de se definir como *eu*, se resume nesse pai, não havendo outras forças envolvidas. O autor aponta que desse modo, esquece-se que a própria concepção de pai é uma construção histórica, cultural e política, assim como, obviamente, qualquer sujeito que daí brotasse, fosse esse o caso. E ele afirma ainda:

O nome do pai ou o não do pai serve de origem a uma identidade de sujeito masculino que se elabora como sua projeção, como sua continuação ou como distanciamento doloroso e traumático. O papai-mamãe é colocado sempre como o ponto de partida para se pensar

qualquer sujeito, sua identidade, sua masculinidade, na origem Édipo, embora triângulo pouco virtuoso (p.113).

Freud foi incrivelmente perspicaz ao perceber, na época do patriarcado mais tradicional, a força e influência que o pai exercia (ou deixava de exercer) no desenvolvimento dos filhos, e como isso poderia retornar mais tarde na forma de neuroses, ou (no caso da ausência do pai) psicoses. Seu “pecado” foi reduzir, pelo menos em última instância, visto que segundo a psicanálise essa é a base estruturante de qualquer pessoa, de qualquer época, em qualquer cultura, toda a potência do humano, a somente isso: um triângulo edipiano.

Assim, o que temos é que o sujeito da modernidade e a construção do masculino se confundem, tanto pelo viés cartesiano, no que diz respeito à primazia da consciência, da razão e da liberdade individual, quanto pelo freudiano, quando pensamos na questão do pai e de como a masculinidade dos filhos e sua própria identidade era definida por essa figura, apesar de que no caso de Freud, a questão do desejo e do inconsciente, ambas muito mais definidas pelos afetos e por uma falta de controle e previsibilidade, se distanciam dos modelos masculinos mais valorizados, regidos pela razão e pela confiabilidade.

A seguir, veremos com mais detalhes como se inserem nas sociedades ocidentais os modelos masculinos que têm como base essas construções da modernidade.

4.2A INSERÇÃO DAS MASCULINIDADES NAS SOCIEDADES OCIDENTAIS

Sabe-se, devido a algumas pesquisas, principalmente antropológicas, como a de Gilmore (publicada em 1990 e citado por Nolasco, 2001), que a quase totalidade das formações culturais existentes no planeta são de alguma

maneira influenciadas pelo que se chama masculinidade, que adquire formas diferentes, em diferentes sociedades.

Ramirez (1995) defende que as ideologias masculinas são dominantes nas "...sociedades que se estruturam com base em relações assimétricas entre os gêneros..." (p.77), ou seja, em sociedades onde existe algum tipo de subordinação do sexo feminino pelo masculino, em qualquer esfera, seja profissional, sexual, doméstica ou outra.

Não somos contra essa idéia e, como já foi colocado, pensamos que os modelos masculinos acabaram por se solidificar devido à forma como se desenvolveu a evolução da relação entre os sexos (Badinter, 1986), que acabou por se configurar numa tentativa de dominação, em vários níveis, da mulher pelo homem. Em um ambiente hostil como foi a maioria em que as culturas humanas se desenvolveram, onde se precisa caçar, enfrentar perigos e competir por alimentos, uma força física maior é um fator importante e acaba por deixar o homem numa situação favorável nas relações de poder com a mulher, muito mais devido às questões simbólicas do risco e do enfrentamento do perigo, do que efetivamente práticas, visto que, como vimos, o encargo das mulheres na coleta de alimentos, era tão ou mais importante que o do homem, na dieta dos humanos do paleolítico. E depois, no neolítico, quando toma posse da agricultura, e aí sim, assume o papel de *provedor*, que em praticamente qualquer sociedade torna-se uma função associada à masculinidade. Para ser um homem de verdade, é necessário que seja um bom provedor (NOLASCO, 2001). Essa seria talvez a genealogia desse aspecto da masculinidade nas mais diversas culturas e de forma alguma negamos que sua influência permanece nas relações entre os sexos e que ela ajuda a manter essa assimetria, como discute Ramirez (1995).

Acontece que, no ocidente pelo menos, uma masculinidade baseada estritamente nesses moldes patriarcais muito tradicionais não se sustenta mais. A obra de Marx nos mostra que a exploração do trabalho, que gera a mais-valia, é a base sustentadora do capitalismo, não existindo capitalismo sem exploração. E o trabalho hoje requer cada vez menos, o uso da força física, o que coloca as

mulheres também em condição de trabalhar e alimentar a máquina da exploração, tornando-se provedoras. E simplesmente não é da natureza do capitalismo, recusar força de trabalho, seja de qual sexo for. Isso, no entanto, não retira a função de prover da esfera de um ideal masculino construído historicamente e que parece corroborar a rivalidade e competitividade (agora então não só entre homens, mas entre homens e mulheres) que se fazem presentes nessa forma atual de capitalismo.

Passamos então a falar da competitividade, talvez o aspecto mais visível e que parece ser da maior importância quando nos propomos a discutir masculinidade dentro do contexto capitalista. Sendo o capitalismo um sistema de produção baseado na exploração e que, portanto, levará sempre a exploradores e explorados, se compete hoje não só para ocupar um lugar mais favorável nesse sistema perverso, mas se é obrigado a competir pela própria sobrevivência e pela sobrevivência dos seus, da família a quem o homem ou mulher deve prover. E o que se coloca é que (homem ou mulher) deve-se ser *viril* para ter alguma chance nessa competição.

Vale citar Gilmore (publicado em 1990 e citado por Nolasco, 2001) mais uma vez, quando fala do caso do Taiti, o único lugar onde ele, um antropólogo que viajou o mundo pesquisando como se dá a ideologia masculina em diferentes sociedades, não encontrou uma ideologia masculina nos moldes daquelas identificadas em outras sociedades. E uma das características da comunidade Taitiana que Gilmore associa a isso é o fato de sua economia ser cooperativa, ou seja, não há uma *competição* nos moldes individualistas das sociedades ocidentais, pela aquisição de capital, bens de consumo ou meios de sobrevivência. Como existe abundância de recursos naturais, não é necessário, como em outras comunidades, que o homem, mais forte, assuma tarefas de alto risco (o que impede a dominação simbólica). Em resumo: não há necessidade de competição entre homens e nem que o homem seja um provedor. Não queremos com isso, dizer que a competitividade capitalista é *necessária*, por não haver recursos suficientes para todos. Guareschi (2001) nos mostra que

com as tecnologias e os recursos naturais atuais, haveria mais que o suficiente para que todos os habitantes do planeta terra vivessem bem e dignamente.

No entanto, o modo de funcionamento de quase todas as demais economias, tanto ocidentais como orientais, não é comunitário. Muito pelo contrário. No Brasil, por exemplo, onde antes havia um sistema hierárquico e escravista, hoje, segundo Velho (2000), *“existe uma difusão de valores individualistas, esvaziados de conteúdos culturais e éticos, o que leva a uma crise no sistema de relações sociais. E isso ocorre em um contexto de expansão da economia de mercado e da cultura de massas”*. (p.17)

Nossa tentativa de associar o modelo masculino e o modo de funcionamento das sociedades ocidentais, em seu plano econômico e, mais ainda, de produção de modos de vida, pode usar esse pequeno detalhe que é o modo de funcionamento da sociedade taitiana para analisar alguns aspectos dessas sociedades. É possível articular diversos aspectos do modelo masculino de que tratamos a esses valores individualistas difundidos que comentamos acima. Não parece difícil pensar a competitividade, como coloca Guareschi (2001), como parte essencial do sistema capitalista e da hegemonia neoliberal atual, tanto em seu plano econômico quanto filosófico e social, como sendo em parte alimentada por uma rivalidade que pode, dependendo da situação (se favorecer a competitividade) estar presente no encontro entre homens, aspecto enfatizado por Ramirez (1995): *Nos encontros entre homens, expressa-se o poder e se aspira à subordinação do outro (...) e uma forma de subordinar é situar o outro na esfera do feminino*. (p. 77). E Kaufman (s/d) concorda ao afirmar que, em se tratando de gênero, a hierarquia não se dá somente dos homens sobre as mulheres, mas também do homens sobre homens, o que gera competição, conflito e até violência.

Como já enfatizado, nossa idéia expande um pouco o que diz Ramirez (1995), e pensamos que em uma situação de competição mulheres também procuram se colocar numa posição mais masculina que um homem ou outra mulher.

Podemos perceber que a idéia de masculinidade construída é um ideal heróico e impossível de ser alcançado, mas buscado por homens e muitas vezes por mulheres também. Mosse (1997) cita uma frase de uma feminista radical alemã, que na década de 1890, caracterizava uma das líderes do movimento feminista como tendo um espírito forte e másculo.

Como foi mostrado, a competitividade parece estar presente nas mais diversas culturas onde aparece a masculinidade, articulando-se de maneira peculiar em cada uma, principalmente naquelas que se sustentam através do modo de produção capitalista. Outros aspectos da masculinidade hegemônica do ocidente, no entanto, se tornam mais difíceis de serem demonstrados em outras culturas, mesmo porque é possível que nem existam por lá. A razão de que falamos, por exemplo, cartesiana, é tipicamente uma construção ocidental e européia, distante de tribos indígenas ou aborígenes, por exemplo, onde o próprio ritual que transforma meninos em homens, envolvendo chicoteamentos sangrentos ou que as mãos sejam picadas por formigas, nada têm do que nós, ocidentais, chamamos de racional, algo quase sempre baseado num sistema lógico e científico, que será sempre a melhor opção, onde tudo o que fazemos tem que possuir um objetivo e um motivo claros e pré-definidos, ou de nada vale. Reprovamos rituais desse tipo, mas muitas vezes não tanto por sua excessiva violência, mas porque ferem nosso limitado sistema de referência racional cartesiano.

A própria retenção das emoções, cuja falta pode causar uma perda no “auto-controle” (uma perda de *controle*) parece ser tipicamente ocidental, não necessariamente fazendo parte da esfera do feminino em outras culturas. Será que *Homem não chora* somente no ocidente?

Alvito (2000) mostra como essa questão do controle é importante, quando narra a mitologia urbana que se constrói em torno de um dos (anti) heróis masculinos mais presentes atualmente: o chefe do tráfico. Essa mitologia é construída principalmente pelas pessoas que moram dentro do território “pertencente” a um determinado chefe, a respeito da ascensão desse chefe.

As histórias de ascensão diferem de chefe para chefe, mas todas mostram como ele é um ser razoável e ponderado, capaz de erro, sim, mas somente por excesso de zelo, em nome da defesa da honra (se algo considerado desonroso acontece no seu território, como um estupro, por exemplo, isso é uma afronta à honra do próprio chefe: percebemos que em certo sentido, o chefe é seu território). E é somente nos termos da honra que as ações dos moradores da favela são julgados. O chefe nunca usa as drogas que trafica, apesar de antes de se tornar chefe, ter sido visto como usuário. *“Na posição de chefes, entretanto, o consumo de drogas traria desonra, seria indigno: se o indivíduo é o mesmo, a pessoa agora é outra.”* (ALVITO, 2001, p.157)

E Alvito (2001) explica ainda, em nota de rodapé, que o uso das drogas leva a um estado alterado da consciência, ambíguo, leva a ficar “doidão”, o que segundo a concepção dos moradores, se acontece, sempre traz a desgraça para o chefe do tráfico. Ora, percebe-se que esse estado ambíguo da consciência, causado pelo uso das drogas, não se adequa aos padrões exigidos pela masculinidade hegemônica, situando-se numa esfera à qual se associa o que não é racional, o emotivo e descontrolado (e, portanto, o não-confiável) o desonroso, irresponsável e imprevisível. O chefe do tráfico cai em desgraça, portanto, quando suas ações não são compatíveis com a masculinidade hegemônica da favela.

Não à toa, os *viciados* como são chamados os forasteiros que vão ao morro comprar drogas, são mal-vistos e mal-tratados, tanto pelos moradores, quanto pelos próprios traficantes de quem são clientes. “O viciado é visto como um *irresponsável*, incapaz de *prover* sua família de bens essenciais...” (ALVITO, 2001, p. 151). Percebe-se que o viciado, por não ser um provedor, condição essencial da masculinidade ocidental, é taxado de irresponsável.

Ao mesmo tempo, um chefe é elogiado por um morador porque consegue (segundo o relato desse morador) conversar por horas sem mudar o tom de voz, ou seja, consegue *manter-se inalterado*, sempre **no controle**, tanto de si, quanto de seu território. Ele é um sujeito-homem, termo utilizado pelos moradores de Acari, que significa um homem senhor-de-si, *responsável* e

totalmente no controle de seu próprio destino, um homem corajoso e que mantém sua palavra, conservando assim, sua honra.

Corroborando essas colocações, a pesquisa de Machado Filho (2003), que se utilizou do referencial teórico das representações sociais para estudar a masculinidade, junto a 208 homens da cidade de Vitória-ES, descobriu que as palavras de maior destaque na representação social da masculinidade são exatamente responsabilidade e honra, enquanto que Ribeiro (2000), que se utiliza do mesmo referencial teórico e realizou sua pesquisa com 289 estudantes de escolas públicas do Distrito Federal, com idade entre 14 e 20 anos encontrou que os elementos centrais da representação social de masculinidade desses jovens foram responsabilidade e honestidade.

E não é difícil perceber que a única forma de manter todos esses aspectos, esses requisitos para se manter homem é a razão. A razão é que dá a ilusão de controle, necessário para ser considerado responsável. Ora todas essas características presentes na construção da masculinidade hegemônica de uma favela do Brasil, percebemos também como presentes em quase todo o ocidente. Obviamente não estamos querendo dizer que elas são a mesma masculinidade, mas com certeza em diversos aspectos, talvez nos mais importantes, elas se confundem. Kimmel [s/d (b)], fala da emergência do que ele chama “masculinidade hegemônica global”, um fenômeno que estaria ocorrendo junto com a globalização econômica, política e cultural e que estaria reconfigurando formas de patriarcado regionais, tanto no âmbito público quanto no privado. Como bom exemplo podemos citar Copes e Hochstetler (2003), por exemplo, quando mostram que quando um criminoso mais velho e experiente se associa a um mais novo para cometer um crime, o conselho do mais velho para o mais novo é que este aja como um homem, mantendo-se calmo, frio e controlado, exatamente como deve se manter, em todos os momentos, um chefe do tráfico, sob pena de ser brutalmente destituído de seu cargo.

Já Haenfler (2004) faz um interessante estudo sobre o movimento straight-edge¹², mostrando suas duas faces no que diz respeito à masculinidade: a face progressista e a retrógrada. E cita como principal característica dessa última, exatamente a questão do controle e do auto-controle:

Muitas características dos sXe (como são chamados os movimentos straight-edge) inibem seu potencial como um movimento para uma masculinidade mais progressista. A abstinência, por exemplo, para alguns sXers, se tornou auto-controle, pelo auto-controle, uma maneira de provar que eles estavam no controle de seus desejos, o que em última instância refletia a ênfase patriarcal no controle em vez de evoluir para um ato de resistência mais significativo (p. 95)¹³.

A abstinência com relação a drogas e bebidas alcoólicas dos straight-edges visa exatamente a mesma coisa que a talvez mitológica abstinência dos chefes do tráfico: o auto-controle, o controle sobre seus desejos. E segundo Haenfler (2004), a abstinência dos membros do movimento acaba por “subverter” manifestações significativas da masculinidade hegemônica, visto que beber, em vez de significar, como de uma maneira mais tradicional, força, poder e masculinidade, acaba por ser vista como uma fraqueza que homens de verdade devem superar. Ora, tomando como base o que conta Alvito (2000) o mesmo com certeza pode ser dito com relação às drogas para os chefes do tráfico. Haenfler (2004) complementa afirmando ainda que alguns straight edges muitas vezes associam abstinência a força, honra e disciplina, palavras tradicionalmente associadas ao masculino e que talvez definam as principais características que, segundo a mitologia das favelas, um chefe do tráfico deve possuir para se manter firme no poder.

¹² O movimento straight-edge surgiu na costa-leste dos Estados Unidos no início da década de 80, mas encontra uma quantidade razoável de adeptos no Brasil, inclusive em Vitória-ES. O movimento é composto principalmente de adolescentes e jovens do sexo masculino, mas também possui uma quantidade razoável de mulheres. Seus membros se abstêm do álcool, tabaco e outras drogas num esforço para resistir a pressões sociais e criar um mundo melhor. Reúnem-se em clubes onde o som é alto e a música pesada. Muito da filosofia do movimento é expresso nas letras das músicas e os componentes das bandas geralmente são os líderes e mais prestigiados membros do movimento.

¹³ Several characteristics of sXe inhibited its potential as a movement toward a more progressive masculinity. For example, abstinence for some sXers became self-control for self-control's sake, a way to prove they were in control of their desires that ultimately reflected the patriarchal emphasis on control rather than evolving into a more significant act of resistance.

Nietzsche (1998), um dos filósofos que critica com mais força a primazia da razão, ataca não só a prepotência do humano de se achar no controle do mundo e de seus eventos, muitas vezes aleatórios e ao acaso, mas defende que nem suas próprias ações o homem pode racionalmente, por uma simples vontade da consciência, controlar. Dessa forma, percebe-se a abertura para percebermos responsabilidade e honra como ilusões, feitos impossíveis de serem alcançados.

Nietzsche (1998), com ironia, critica a idéia de *promessa*, associando a ela a noção de responsabilidade, visto não ser possível a nenhum homem sequer controlar suas ações presentes, quanto mais prever as futuras, ao mesmo tempo em que um homem que luta desesperadamente para manter sua promessa, sua palavra, muitas vezes a troco de nada que não seja sua própria satisfação e conforto pessoal providos pela idéia de que controla seu próprio destino, percebe muito pouco das forças em que está inserido e das quais faz parte. E ao dizer que as pessoas fazem parte das forças, não estamos, portanto, dizendo que elas são joguetes nas mãos do destino, mas que atuam. Agem, interferem e influenciam, são capazes de mudar situações, de transformar e principalmente de criar. *Atuar*, no entanto, não se confunde com *controlar*, como parece ocorrer no senso comum e em obras bastante pertinentes (e em certos momentos geniais), como a de Touraine (1994) a respeito da modernidade:

Aqueles que querem identificar a modernidade unicamente com a racionalização não falam do Sujeito a não ser para reduzi-lo à própria razão (...) o mundo moderno é, ao contrário, cada vez mais ocupado pela referência a um Sujeito que está libertado, isto é, que coloca como princípio do bem o controle que o indivíduo exerce sobre suas ações e sua situação e que lhe permite conceber e sentir seus comportamentos como componentes da sua história pessoal e de vida, conceber a si mesmo como ator. Sujeito é a capacidade de um indivíduo de agir e ser reconhecido como ator (p. 219).

A liberdade de que fala Touraine (1994) não é aquela da imanência, descrita por Hardt e Negri (2001), e da qual falamos anteriormente, justamente por se confundir com controle. Liberdade para nós não é controlar suas ações e sua situação, isso se aproxima demais de uma prerrogativa masculina contra a

qual estamos aqui, tentando lutar. Também não conseguimos perceber como esse controle pode nos permitir perceber e sentir nossos comportamentos como componentes de nossa história pessoal e de vida, isso sim algo que seria bastante próximo do que podemos conceber como liberdade. Atuar, ser um ator, enfim, agir, também não é controlar. Somente uma sociedade que prima por responsabilização individual, uma sociedade meritocrática como a nossa pode conceber as coisas de modo tão masculino.

Desde o início do século passado, Nietzsche (1998) já criticava a idéia de liberdade como provinda do controle:

...o indivíduo soberano, igual apenas a si mesmo (...) o homem da vontade própria, duradouro e independente, o que pode fazer promessas – e nele encontramos, vibrante em cada músculo, uma orgulhosa consciência do que foi finalmente alcançado e está nele encarnado, uma verdadeira consciência de poder e liberdade, um sentimento de realização. Este liberto ao qual é permitido prometer, este senhor do livre arbítrio, este soberano – como não saberia ele da superioridade que assim possui sobre todos os que não podem prometer e responder por si, quanta confiança, quanto temor, quanta reverência desperta – ele ‘merece’ as três coisas – e como, com esse domínio sobre si, lhe é dado também domínio sobre as circunstâncias, sobre a natureza e todas as criaturas menos seguras e mais pobres de vontade? O homem ‘livre’, o possuidor de uma duradoura e inquebrantável vontade, tem nesta posse, sua medida de valor: olhando para os outros a partir de si, ele honra ou despreza; e tão necessariamente quanto honra seus iguais, os fortes e confiáveis (os que podem prometer), (...) que dá sua palavra como algo seguro, porque sabe que é forte o bastante para mantê-la contra o que for adverso, mesmo “contra o destino” --: do mesmo modo ele reservará seu pontapé para os débeis doidivas que prometem quando não podiam fazê-lo, e seu chicote para o mentiroso que quebra a palavra já no instante que a pronuncia. O orgulhoso conhecimento do privilégio extraordinário da responsabilidade, a consciência dessa rara liberdade, desse poder sobre si mesmo e o destino, desceu nele até sua mais íntima profundidade e tornou-se instinto, instinto dominante... (p. 49).

E nesse sentido, conseguimos associar à citação de Nietzsche, também a noção da honra masculina, sendo que um homem só se mantém honrado quando cumpre suas promessas, quando mantém sua palavra, não importando o quê lhe venha contra ou o que deva fazer para cumpri-la. O homem honrado, portanto, o verdadeiro homem, é aquele que cumpre com suas responsabilidades.

Como já mostramos, a *culpa*, segundo Guareschi (2001) é uma construção histórica, utilizada como arma pelo capitalismo, que necessita dela para continuar existindo. E que caminho melhor e mais fácil, para se chegar à *culpa*, que não através da noção de responsabilidade individual? A pura responsabilização do indivíduo pelo seu ‘fracasso’ (que também é definido por parâmetros construídos historicamente, mas vistos como naturais), não levando em consideração o sistema perverso em que ele está inserido, e que ele é uma produção desse sistema, do jogo de forças histórico-social composto por ele, é o que leva à culpa.

E é exatamente um homem, um *indivíduo soberano*, como o descrito por Nietzsche (1998), ou alguém que aspira sê-lo é capaz de sentir culpa. E essa é uma das funções do modelo masculino ocidental: formar homens capazes, fortes, confiáveis e soberanos, ou, (e na verdade tanto faz) mostrar-se como algo para além de um modelo: como um ideal, mas que somente não seria alcançado por alguns poucos, inúteis, *feminilizados*, incapazes por sua própria fraqueza e falta de força de vontade, quando tal ideal é, com toda certeza, impossível de ser alcançado.

Garlick (2003) usa a questão do horror que hoje se tem à morte e que segundo ele e também segundo Foucault (2002; 2003), surge na modernidade, para analisar como a masculinidade está ligada ao controle e à razão. Ele explica que na idade média a morte não era vista com tanta aversão, ela era simplesmente a passagem para uma outra vida, mas que na modernidade, com a “morte de Deus” ela passa a representar o nada, a não-existência. E com isso, para seres individualizados e auto-suficientes, como os concebidos pelo sujeito da modernidade, a morte passa a ser fonte de grande ansiedade.

Foucault (2002; 2003) também trabalha a questão do atual tabu que existe com relação à morte, também relacionando-o com a questão do controle, não em termos de razão e masculinidade, mas tendo como base as suas teorias sobre as tecnologias de poder. Foucault (2002; 2003) explica que na Idade Média, o poder soberano do Rei sobre a vida e a morte, era simplesmente o de “fazer morrer” e o de “deixar viver”, e como durante a era moderna, novas

tecnologias de controle vão surgindo, que transformam o modo como esse tipo de poder se exerce:

O que outrora conferia brilho (e isto até o final do séc XVIII) à morte, o que lhe impunha sua ritualização tão elevada, era o fato de ser a manifestação da passagem de um poder para outro. A morte era um momento que se passava de um poder, que era o do soberano aqui na terra, para aquele outro poder, que era o do soberano do além (...) ora, agora que o poder é cada vez menos o direito de fazer morrer e cada vez mais o direito de intervir para fazer viver (...) o poder intervém sobretudo nesse nível para aumentar a vida, para controlar seus acidentes, suas eventualidades, suas deficiências, daí por diante a morte, como o termo da vida, é evidentemente o termo, o limite, a extremidade do poder. Ela está do lado de fora em relação ao poder: é o que cai fora de seu domínio... (FOUCAULT, 2002, p.295)

O que Foucault (2002; 2003) fala sobre a morte estar do lado de fora em relação ao poder é praticamente o mesmo que Bauman, citado por Garlick (2000) fala sobre ela, mas em relação ao domínio da razão: Bauman afirma ser a morte a representação da derrota da razão, porque o homem não pode *pensar* a morte. A morte estaria, portanto, segundo Bauman (1992) fora do alcance da razão e segundo Foucault (2002; 2003) fora do alcance do poder.

E Garlick (2000) argumenta que isso é algo particularmente problemático para os homens modernos, auto-denominados guardiões da razão. A estratégia então, segundo ele, é o esquadrinhamento da mortalidade em diversos eventos isolados, cada um com sua própria causa, todas *evitáveis*: “nessas circunstâncias, a morte se torna sujeita às ações humanas” (p 167). E de fato, como aponta Bauman (1992), hoje é difícil não se procurar algum **culpado** humano pelo fim de uma vida.

E por fim, da articulação entre morte, masculinidade e controle o que fica é a colocação exata de Garlick (2000): “...um homem pode restaurar seu senso de masculinidade racionalizando a morte, e assim recobrando o **controle** sobre a vida”. (p. 167), e que aproxima-se bastante das argumentações de Foucault (2002; 2003).

Touraine (1994), no entanto, alerta para não reduzirmos a modernidade e seu Sujeito à racionalização, e de fato não o fazemos, pois na modernidade

existe um verdadeiro momento de libertação pela imanência, e como já afirmamos, tomando como base Hardt e Negri (2001), a modernidade se define justamente pelo conflito que se dá entre essas forças imanentes, e as forças transcendentais da razão.

Fica um último ponto a ser discutido e que se articula de maneira indissociável com todos esses elementos da modernidade dos quais vínhamos falando: o individualismo, que segundo Szapiro e e Feres-Carneiro (2002), é nada menos que a “ideologia organizadora das sociedades ocidentais modernas”. (p.181) E de fato, os ideais de liberdade, igualdade e, por fim, propriedade que, pode-se dizer, compõem o individualismo moderno permeiam e influenciam toda a filosofia da época, refletindo um novo modo de se viver que se construía, em contraposição com as sociedades hierárquicas de até então (Dumont, 1983; Velho, 2000).

Numa sociedade hierárquica, explica Dumont (1983), a organização, pelo menos “no papel” é montada em benefício de todos, e a sociedade liberal (individualista) quebra tanto essa hierarquia quanto esse objetivo, valorizando a igualdade e recorrendo à troca mercantil para assegurar a satisfação geral. Desse modo, o indivíduo, e não o grupo passa a ser concebido como o ser real.

Uma colocação de Dumont (1983) parece resumir o que realmente estava em jogo na transição da hierarquia para o individualismo libertário:

Uma das grandes forças motrizes que estiveram ativas no desenvolvimento moderno, é um processo indignado contra as diferenças e desigualdades sociais, na medida em que são fixas, herdadas, prescritas – decorrentes, como dizem os sociólogos, da “atribuição” e não da “realização” individual – quer essas diferenças sejam questão de autoridade, de privilégios e de incapacidades, ou, em movimentos extremos e de desenvolvimentos tardios, de riqueza (p.93).

Ora, o que percebemos com essa colocação é uma associação clara do individualismo como totalmente articulada com a filosofia cartesiana da razão e com a aparição do sujeito moderno. Parece ocorrer também uma inversão da culpa: se antes a culpa da desigualdade era da sociedade como hierárquica, que já prescrevia aos seus membros o seu lugar político, social e econômico, antes

mesmo que nascesse, agora, em teoria não existe desigualdade, visto que pelo contrato social todos são iguais perante o direito. O que existe é o mérito individual de cada um para conquistar seu espaço, seus eventuais privilégios e sua propriedade, outro direito inalienável, colocado em pé de igualdade com o direito à própria vida. E de fato, se pensarmos bem, a propriedade é em muitos aspectos, desde a modernidade até os dias de hoje, a própria existência, visto que de muitas maneiras somos definidos pelo que possuímos.

Não estamos aqui dizendo que o individualismo é algo ruim, sabemos que de diversas maneiras seu desenvolvimento foi uma revolução, e que muitos de seus elementos levam à ação, à autonomia, à luta. É inegável que o individualismo, no início de seu desenvolvimento, fazia parte inclusive das forças imanentes de que já tratamos, das forças humanas em contraposição a algo transcendente, como um deus ou um sistema de classes sociais imutável e aprisionante. O que criticamos são as diversas apropriações que forças do modo de produção capitalista fazem dessa revolução que em certo ponto, foi realmente libertadora.

Um dos pontos que tentamos alcançar com toda essa explanação a respeito de modernidade é o de como, através das noções mais aceitas que temos de masculinidade, subsidiada por toda essa construção moderna, leva a um individualismo excessivo (com toda a carga filosófica que a palavra traz) em detrimento de um modo de vida mais baseado no conjunto, no social.

Szapiro e Féres-Carneiro (2002) explicam bem essa relação:

A crença na liberdade de escolha como valor, como formadora da idéia de indivíduo é o indicador de verdade no imaginário moderno. Na construção desse projeto, qualquer constrangimento ao exercício dessa liberdade é geralmente vivido como sofrimento. Toda restrição colocada pelo outro social é repudiada em nome da liberdade de escolha (p.181).

Assim, temos que a idéia de livre-arbítrio, que como demonstramos com Nietzsche (1998) está intimamente ligada à masculinidade hegemônica que podemos chamar de ocidental, e que tem uma força enorme em nossos dias, é derivada da concepção de liberdade provinda do individualismo moderno.

Resumindo, é uma noção de liberdade que leva do mérito à culpa num piscar de olhos, por colocar todo o peso dos acontecimentos nas costas do indivíduo, como se ele estivesse desligado dos demais e dependesse somente de si próprio para controlar os eventos e alcançar o que deseja.

Sob uma perspectiva mais social, no entanto, esse próprio desejo é fruto das relações que ele estabelece com o meio e com as pessoas, não havendo uma essência anterior a isso ou independente disso. A própria genética não parece determinar comportamentos, mas parece articular-se com o social de maneira quase indissociável na construção do ser e do desejo.

4.2.1 MASCULINIDADE E TRABALHO

Por fim, parece pertinente falarmos um pouco sobre trabalho, visto que parece ser ele, nos dias de hoje, o principal caminho que torna possível ao homem permitir-se se perceber como um provedor, um sujeito responsável, o que leva, devido à escassez de trabalho e emprego, a uma excessiva competitividade por um lugar mais privilegiado ou pelo menos por um lugar que possibilite a sobrevivência digna do homem e dos seus.

E sobre isso, Gilmore, citado por Connel (1995), afirma que é função da ideologia masculina motivar homens para o trabalho: *“Enquanto houver batalhas a serem travadas, guerras a serem vencidas, alturas a serem escaladas, trabalho duro a ser feito, alguns de nós terão que ‘agir como homens’”*.¹⁴ (p.33)

Além disso e talvez por causa disso, parecem ocorrer dentro do universo do trabalho, situações onde os modelos de masculinidade atuam de forma fortíssima, dando subsídio à possibilidade de sofrimento e exploração.

¹⁴ So long as there are battles to be fought, wars to be won, heights to be scaled, hard work to be done, some of us will have to ‘act like man’.

Dejours (2001) discorre sobre virilidade no trabalho, explicando como ser viril em nossa sociedade significa, entre outras coisas, ter a coragem de infligir sofrimento a outrem, em nome de alguma atividade maior (o trabalho), e como a falta dessa coragem viril, implica em desqualificação, em ser motivo de escárnio pelo grupo. Enfim, implica no que ele chama de uma quebra da identidade masculina. Diz Dejours (2001):

Um homem verdadeiramente viril é aquele que não hesita em infligir sofrimento ou dor a outrem, em nome do exercício, da demonstração ou do restabelecimento do domínio e do poder sobre o outro , inclusive pela força. (p.81)¹⁵

E para Dejours (2001), um dos maiores estudiosos da saúde do trabalhador, existe uma estreita relação entre a atividade do trabalho, a virilidade, e o exercício do “mal”, termo por ele solidificado num conceito, que conota uma série de atos que inflijam sofrimento dentro da atividade de trabalho, como a mentira, a exploração, a desqualificação, a coerção, entre outros. A questão da virilidade emerge quando o indivíduo é obrigado a, em nome de um bem maior como o bem estar da empresa, por exemplo, realizar o mal, para não perder seu estatuto viril.

E podemos fazer um paralelo entre essa perda com o que já defendemos sobre a masculinidade hegemônica, associando poder e responsabilidade: Não é suficiente a um homem que sua situação (no caso, de trabalho) lhe possibilite exercer poder sobre o outro. É necessário que ele seja capaz de fazê-lo, que tenha os “colhões” para tal. Um chefe, por exemplo, tem que ser capaz de mentir, demitir e explorar, como puder seus subordinados, ou não estaria cumprindo suas responsabilidades para consigo mesmo, para com o trabalho e a empresa, caindo na esfera do feminino, do não confiável. Ocorre

¹⁵ É importante notar que Dejours (2001) diferencia virilidade de masculinidade, “a qual se define precisamente pela capacidade de um homem de distanciar-se, libertar-se, de subverter o que lhe prescrevem os estereótipos da virilidade”.

mais ou menos o mesmo quando um trabalhador se nega a realizar alguma tarefa perigosa no trabalho (se por medo ou não é irrelevante) e é taxado de medroso ou maricas. Ambos têm que ser homens o suficiente para fazer o que têm que fazer.

Em parte, até aqui fizemos uma tentativa de mostrar como alguns dos aspectos mais presentes no que se pode chamar de masculinidade hegemônica do ocidente, como a razão, o controle, a honra e responsabilidade individual e competitividade se articulam e ajudam a fortalecer elementos bastante presentes em nossa sociedade, como o individualismo e a culpabilização.

Concordamos com Velho (2000) quando ele diz que hoje, a difusão dos valores individualistas, que terminaram com a maioria das sociedades hierárquicas do ocidente, são difundidos de sobremaneira como uma verdade absoluta, esvaziados de qualquer conteúdo cultural ou ético. Assim, pensamos que as masculinidades, em diversas de suas formas, não estão servindo somente para manter relações de poder assimétricas entre os sexos ou mesmo em relações que se estabelecem entre pessoas do mesmo sexo, mas também na manutenção de alguns processos a nosso ver pouco saudáveis, do nosso modo atual de produção.

E se quisermos perceber como se dá de fato, no cotidiano, a articulação entre o individualismo e a culpabilização e algumas das formas das masculinidades hegemônicas no ocidentais, uma pesquisa de campo parece fundamental.

O caminho óbvio e possivelmente mais proveitoso numa pesquisa com essa temática seria tentar identificar como se colocam os homens diante dessa masculinidade hegemônica, tentando perceber, por exemplo, de que forma o fortalecem e como a exercem como forma de poder, ou por outro lado tentam criar meios de resistir a ele; o que pensam e sentem e como lidam com a cobrança.

Por outro lado, cada vez mais o que se tem hoje, é a busca por uma igualdade entre homens e mulheres, nos mais diversos aspectos da vida, ao

mesmo tempo em que um dos pontos pouco explorados da literatura sobre o assunto talvez seja a questão de como as masculinidades como tecnologias de poder se exercem nas mulheres e são exercidas por elas, como influenciam nos seus comportamentos e maneiras de pensar e sentir. Isso parece ser bastante difícil de demonstrar visto que muitas vezes parece se dar de maneira bem mais difusa e sutil do que com os homens.

Tendo esses dois pontos em vista, o objetivo de nossa pesquisa é verificar como essa masculinidade hegemônica atua em homens e mulheres, através da captação do que essas pessoas pensam e sentem a respeito do que é ser masculino em nossa sociedade, enfatizando essa verificação nos aspectos das masculinidades que pressupomos ser os mais presentes na masculinidade hegemônica do ocidente. Também importante nesse sentido é tentar perceber se, e que tipo de mudanças vêm ocorrendo nos padrões hegemônicos de masculinidade e as repercussões decorrentes dessas possíveis mudanças.

5 MÉTODO

5.1 SUJEITOS

Foram escolhidas como participantes da pesquisa 20 pessoas, sendo 10 homens e 10 mulheres, com idade entre 23 e 30 anos. Os entrevistados possuíam o 3º grau completo, com exceção de três participantes, dois homens e uma mulher, que estavam, na época da entrevista, cursando o 3º grau. Todos eles eram de classe média.

Escolhemos essa idade porque, de maneira geral é a idade em que uma série de cobranças que já vinham sendo feitas, principalmente com relação à independência financeira, se tornam ainda mais fortes, principalmente no que diz respeito à classe média.

Os sujeitos foram abordados após indicação e todos se mostraram com bastante disponibilidade para a entrevista.

Para efeito da descrição das falas, os sujeitos serão identificados da seguinte maneira:

GH – Grupo de Homens: H1; H2;...

GM – Grupo de Mulheres: M11; M12;...

5.2 INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

Para coletar as informações necessárias, foi criado um roteiro com duas partes, onde a 1ª. tinha como foco a opinião dos entrevistados a respeito de homens e a 2ª. focalizava as opiniões a respeito das mulheres, sendo que o

mesmo roteiro foi aplicado para os 10 homens e para as 10 mulheres, com as devidas adaptações nas questões.

As entrevistas foram semi-estruturadas e se desenvolveram em torno do tema específico da masculinidade, e seguindo um roteiro de perguntas abertas previamente elaborado (Anexo A).

A escolha por esse roteiro dividido em duas partes se deve ao fato de que foi necessário criar um instrumento que coletasse informações dos sujeitos tanto a respeito do que pensam sobre homens quanto a respeito do que pensam de mulheres, dentro dos vários sub-temas abordados dentro da temática das masculinidades. Assim, num primeiro momento da entrevista se perguntava sobre homens e depois sobre mulheres.

Vale ressaltar que o fato de ter sido utilizado somente um roteiro onde as únicas alterações dizem respeito somente ao modo como se faz uma determinada pergunta a pessoas de sexos diferentes, ou quando simplesmente uma pergunta de um instrumento não cabia em outro, também devido ao sexo do sujeito entrevistado facilitou, no momento da análise, a comparação entre as respostas dos grupos masculinos e femininos.

O instrumento elaborado pretendeu coletar os dados necessários para responder aos objetivos da pesquisa, conseguindo informações prioritariamente através de perguntas feitas de maneira indireta com relação ao tema, visto que se realizadas de maneira direta, as respostas a questionamentos desse tipo tenderiam a atender ao que é politicamente correto ou no que o entrevistado imagina que o entrevistador quer ouvir. Pensamos ser válido, no entanto, colocar as últimas perguntas de forma mais direta, já que, por serem as últimas, haveria pouca probabilidade de se contagiar outras perguntas.

Essas perguntas procuraram obter dados a respeito da masculinidade nas diversas áreas das dinâmicas das relações cotidianas em que, pensamos, ela se insere mais fortemente nas relações de poder, como trabalho, sexualidade, cuidado com os filhos e algumas formas de relacionamentos afetivos, procurando detectar se, e como se inserem nessas áreas valores individualistas, de competitividade, culpabilização, honra, responsabilização

individual devido à presença da forma de masculinidade hegemônica mais atuante no ocidente.

5.3 PROCEDIMENTO

A primeira tarefa da coleta de dados foi encontrar sujeitos que possuísem as características acima descritas. Através de indicações aleatórias o entrevistador entrou em contato com os participantes, a princípio por telefone, quando marcava a entrevista e depois indo até a residência de todos eles para a aplicação das entrevistas.

Os sujeitos então foram informados em linhas gerais sobre os objetivos da pesquisa, sobre a entrevista a que seriam submetidos e que ficaria assegurada sua privacidade e anonimato.

No início da entrevista, então, os sujeitos foram informados sobre a pesquisa com mais alguns detalhes e foi também solicitado o consentimento informado dos sujeitos para a participação na pesquisa, através do termo de consentimento (Anexo B).

Só então foi iniciada efetivamente a coleta de dados baseada nos roteiros de entrevista (Anexo A). Apesar de existir um roteiro pré-determinado de perguntas, foi importante deixar o entrevistado falar com certa liberdade, de maneira que pudessem emergir em seu discurso informações relevantes sobre a questão da masculinidade, sem necessariamente estar ligada ao ponto do roteiro em questão. Por isso, em várias ocasiões, questões ulteriores do roteiro foram discutidas antes do momento previsto e também questões já abordadas foram retomadas. Isso, no entanto, de forma alguma resultou em problema devido ao auxílio de um gravador, o que também assegurou que nenhum dado relevante fosse perdido. Obviamente o uso do aparelho foi informado aos

participantes antes que se iniciassem as entrevistas. As entrevistas duravam em média de 30 a 60 minutos, dependendo do participante.

Em princípio, as entrevistas foram transcritas e os dados organizados em categorias e tabelas. Foi criada, na maior parte dos casos, uma tabela para cada tema avaliado, mas em dois casos (questões 10 e 11) foram criadas duas tabelas para um mesmo tema, devido à forma como foram realizadas as perguntas durante a entrevista, e que demandavam essas tabelas para serem adequadamente analisadas. As categorias foram elaboradas de acordo com as respostas dos participantes.

5.4 ANÁLISE DE RISCOS

Devido à natureza tranqüila da forma como seriam coletados os dados e também devido ao fato de que aparentemente as perguntas do roteiro não tocariam em nenhum ponto emocionalmente frágil ou traumático dos participantes, o fator de risco para o entrevistador e para os entrevistados era aparentemente nulo.

E de fato, em 19 das 20 entrevistas não houve problema algum durante o procedimento, mas uma participante do sexo feminino em determinado momento abalou-se um pouco emocionalmente devido à natureza das perguntas, principalmente quando perguntada sobre sua concepção de mulher fraca e muito sensível, visto que se identificou como tal. Mas foi algo rapidamente superado.

6 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise dos dados obtidos com o instrumento foi feita com o objetivo de se conhecer como essas mulheres e homens concebem, constroem e exercem as masculinidades mais valorizadas no ocidente, através de suas opiniões a respeito de vários temas, situações e contextos do cotidiano em que essas masculinidades se inserem com mais força e visibilidade.

Na medida em que os dados foram analisados, relações estreitas entre as categorias foram estabelecidas e também foram verificadas semelhanças e diferenças, contradições e correspondências através do conteúdo do discurso dos sujeitos e de sua associação com literatura pesquisada.

Tabela 1: Concepção de homem e mulher responsável*

CATEGORIAS DE RESPOSTA	GRUPO DE HOMENS (GH)		GRUPO DE MULHERES (GM)	
	Sobre homens f (%)	Sobre mulheres f (%)	Sobre homens f (%)	Sobre mulheres f (%)
Homem/Mulher de Bem	9 (50%)	8 (40%)	8 (42,1%)	8 (50%)
Trabalho	5 (27,8%)	5 (25%)	5 (26,3%)	3 (18,7%)
Segue valores e ideais pessoais	2 (11,1%)	4 (20%)	2 (10,5%)	2 (12,5%)
Família	1 (5,6%)	1 (5%)	3 (15,7%)	2 (12,5%)
Outras	1 (5,6%)	2 (10%)	1 (5,2%)	1 (6,2%)
TOTAL	18 (100%)	20 (100%)	19 (100%)	16 (100%)

* Em todas as tabelas foram consideradas respostas múltiplas.

A tabela 1 mostra que quando se perguntou sobre como é um homem ou uma mulher responsável, verificou-se que nos dois grupos as principais

categorias de resposta foram HOMEM/MULHER DE BEM e TRABALHO. Na primeira categoria foram incluídas respostas que indicavam a valorização de compromissos morais socialmente sancionados, como a honestidade, e o enfrentamento das conseqüências de seus atos. A segunda categoria mais associada à questão da responsabilidade tanto por homens quanto por mulheres, em relação a ambos os sexos, foi o trabalho, não havendo também diferenças entre os grupos.

Na categoria SEGUE VALORES E IDEAIS PESSOAIS podemos verificar que os homens associam mais as mulheres à manutenção de valores pessoais, a seguir seu próprios ideais e fazer o que quer dentro de suas possibilidades, do que associam isso aos homens. Já as respostas do GM não diferem muito para homens ou mulheres.

Na categoria FAMÍLIA notam-se algumas diferenças entre os grupos. As mulheres associam mais responsabilidade à família do que os homens (15,7% das repostas das mulheres associam homem responsável à família e 12,5% associam mulher responsável à família, contra 5,6% e 5% respectivamente, das repostas dos homens). É interessante notar que os homens não associam muito a mulher responsável às questões familiares, como poderia-se esperar em uma sociedade patriarcal tradicional e machista onde a mulher estaria confinada à vida privada, do lar, ou, talvez essa associação não esteja muito presente porque a mulher, afinal de contas, é considerada como a *cuidadora* e isso pode não ser considerado como responsabilidade. Em última instância é o provimento que indica o responsável.

Na cultura ocidental a questão da responsabilidade está intimamente associada à masculinidade, como pudemos verificar na pesquisa de Alvito (2001) sobre os chefes do tráfico, na dissertação de Machado Filho (2003) sobre representações sociais de masculinidade, onde o atributo aparece associado de modo significativo a “honra” e também na pesquisa de Ribeiro (2000). Os resultados apresentados na tabela 1 indicam que a responsabilidade está ligada a valores morais que caracterizam o “homem ou a mulher de bem”. Termos como “honestidade”, “cumprir com os deveres socialmente impostos”, “lealdade”

e “assumir as conseqüências de seus atos”, foram os que apareceram nas falas dos entrevistados e foram agrupados nessa categoria. Tal concepção de homem responsável condiz tanto com os resultados da pesquisa de Machado Filho (2003) quanto com Badinter (1993), que também destaca que a honestidade vem surgindo na sociedade como um dos parâmetros para um novo modelo de homem. Isto poderia ser considerado um avanço positivo se lembrarmos que numa visão mais tradicional, o homem deveria ser estimulado a ser competitivo e agressivo, quebrando regras e passando por cima do que fosse necessário para atingir seus objetivos. Podemos, para ilustrar, citar algumas falas que dizem respeito à questão da responsabilidade associada à honestidade:

“É aquela pessoa que tem uma atividade perante os seus princípios, que tem compromissos, seria um cara honesto, uma pessoa que tenha valores. (...) Valores no sentido de não ser desonesto, corrupto, esse tipo de valores”. (H4; SOBRE HOMENS).

“Acho que é a mesma coisa que eu pensei para o homem, valores, compromisso. A mesma coisa vale pra mulher também”. (H4, SOBRE AS MULHERES).

“É, seria mais de uma pessoa responsável e não especificamente de um homem. Se você assume um compromisso tem que ir ate o final, não mudar de idéia em cima da hora, combinou alguma coisa com alguém, vai ate o final, não mudar o time ou o jogo no meio do campeonato. Esse tipo de coisa”. (H5; SOBRE HOMENS)

“Pra mim não difere entre homem e mulher, é aquele que cumpre com os deveres que ele tem que cumprir, frente a sociedade, da família, da esposa, dos filhos. (...) Tem que ser uma pessoa sociável, dirigir conscientemente, agir conscientemente na rua, na empresa, e as leis básicas que tem que ser cumpridas, não matar, não roubar e depois vem a ética, o cara tem que ser ético, agir corretamente, ser educado, isso tudo pra mim é ser responsável”. (H7; SOBRE HOMENS)

Sobre a questão da honestidade, no entanto, cabe ressaltar a tendência das pessoas a buscar o politicamente correto em respostas desse tipo, principalmente quando se tem tantas perguntas que se parecem com testes morais. Porto (1999), por exemplo, ao analisar os dados obtidos em sua pesquisa sobre violência, através da concepção de sujeitos a respeito de ditados populares, também obteve grande parte das respostas no sentido de que deve prevalecer a honestidade. A autora, no entanto, fica atenta aos próprios resultados que obteve, percebendo que na prática, os discursos moralmente aceitos não estão se aplicando. Provavelmente o mesmo pode ser dito de

alguns de nossos resultados, mas de qualquer forma isso não diminui em nada a importância do fator “honestidade” na construção de uma nova masculinidade, que vem, como veremos logo adiante acompanhada de aspectos valorativos nem sempre tão saudáveis e positivos como se poderia esperar.

O fato de esta característica (ser de bem) aparecer fortemente também para a mulher responsável indica que existe uma tendência e uma tentativa de se igualar hoje (e isso se deve muito à luta dos movimentos feministas), não só responsabilidades e deveres de homens e mulheres, mas também a perspectiva moral pela qual são julgados seus atos e o que se cobra delas: o que parece estar acontecendo é que cada vez mais, em diversos aspectos da vida, o que vale para um homem, vale para uma mulher também. Obviamente não de maneira absoluta e total.

Apesar disso, o que verificamos mais adiante é que pelo menos no que diz respeito à questão da honestidade (isso não se aplica a outros aspectos da masculinidade), a mulher ainda tende a ser concebida (tanto por homens quanto pelas próprias mulheres) como possuindo pouca força moral e sendo pouco dignas de confiança.

Destacaremos agora um aspecto que, como verificaremos durante toda a análise, se faz bastante presente nos modelos de masculinidade contemporâneos e ocidentais: a *força*. Não a força física, mas uma espécie de força interior, individual, aplicada aqui no sentido de que o homem e a mulher devem ser *fortes* o suficiente para se manter honestos, não importando as adversidades.

Vale notar que por um lado, ambas são características interessantes desse modelo e, em certos aspectos, devem ser valorizadas, mas por outro, elas contribuem para a responsabilização e a culpabilização individual do homem e da mulher que por algum motivo, age desonestamente, mesmo nas situações em que se encontra em um dilema de solução quase “impossível”, ocasionado por fatores sociais que se encontram fora de seu controle. Essa responsabilização individualizante, fortalecida pela idéia presente sobre masculinidade construída ao longo da história, de que o homem deve ser o

senhor de si e do mundo, mantendo controle sobre si mesmo e sobre a natureza é parte importante de nossas análises e foi por nós verificada, nas contribuições de Guareschi (2001), Nietzsche (1998), Descartes (1998) , Badinter (1986;1993), Albuquerque Jr. (2002), e Alvito (2000).

A categoria SEGUE VALORES E IDEIAS PESSOAIS, que aparece em terceiro lugar dentro do GH e no GM sobre mulheres (e em quarto no GM, no que diz respeito a homens), é outra que também está vinculada à força de que estamos tratando nesse ponto, visto dizer respeito à capacidade de alguém para se manter firme diante de algum ideal ou valor pessoal para perseguir e buscar alcançar algum objetivo próprio.

A categoria TRABALHO também se faz bastante presente, mostrando que responsabilidade se associa fortemente a essa questão, e segundo as falas dos entrevistados, tanto no sentido da posse de um trabalho, de um emprego, quanto no sentido de cumprir suas obrigações dentro do trabalho que realiza. A questão do trabalho nos interessa em diversos aspectos, por ser parte importante do modelo de masculinidade que tratamos aqui e por isso ele será foco de análise em dados que se seguem. Por ora vale ressaltar que junto com a questão da família, que também aparece nesta tabela como uma categoria, o trabalho se liga a uma das características mais exaltadas de modelos de masculinidade mais tradicionais: a do homem como provedor. Apesar de tanto este tema, como os outros, de maneira geral, mostrarem uma certa tendência a desvincular o homem deste papel, em alguns momentos isso ainda se mantém bastante presente, como nas falas seguintes, ambas enunciadas por pessoas do sexo feminino:

“eu estou tentando pensar aqui... mas seria aquele homem que se preocupa em ter um emprego, não digo para sustentar uma família, mas para ele crescer como pessoa, seria por aí... cuidar da pessoa que está com ele, se preocupar enfim...” (M16; SOBRE HOMENS)

“no caso um pai, aquele que coloca as coisas dentro de casa, não deixa faltar, não deixa a família passar necessidade...” (M20; SOBRE HOMENS)

É bastante interessante a fala do M16, porque apesar de tentar, a princípio, fugir de uma concepção “machista” de que o homem deve sustentar uma família, ela entra novamente nesse paradigma ao afirmar que o homem deve possuir um emprego para cuidar da pessoa que está com ele, como se a mulher, nos dias de hoje, inserida como está na vida pública e no mercado de trabalho, ainda precisasse de alguém para cuidar dela economicamente. Mas esse aparente paradoxo é resolvido pela seguinte afirmação de Fonseca (2000):

A crença recorrente de que o homem é o legítimo provedor familiar confere, por consequência, uma posição de trabalhadora complementar à mulher (...). Percebida e legitimada socialmente como agente da esfera familiar e privada, a mulher vê-se não reconhecida, tanto no campo da reprodução, quanto no da produção, sendo compelida a manter-se, mesmo que de forma “simbólica” e aparente, sob a dependência dos homens (p. 47).

Temos assim, portanto, que mesmo que de maneira prática as mulheres estejam hoje conseguindo se emancipar, tornando-se independentes nos mais diversos aspectos, inclusive no financeiro, no campo simbólico, ela continua precisando de um homem que cuide dela, que a defenda. E Bly (2005), no seu discurso mitopoético reafirma essa concepção tradicional, na sua luta para retomar algumas das origens da masculinidade: “um homem que não pode defender seu próprio espaço, não pode defender mulheres e crianças”.

Outra fala interessante, enquadrada na categoria OUTROS, que diz respeito a um outro assunto mas que também mostra uma tentativa infrutífera de uma mulher de se desvencilhar de estereótipos naturalizados é a seguinte:

“...é chato falar isso, mas a mulher responsável entra dentro de uma seara que o homem não entra, que é ter uma casa bem cuidada. Entra nesse estereotipo da mulher responsável, entendeu? Tipo, ela tem todos os compromissos e ainda assim ela tem que ter a casa bem cuidada, isso é uma imagem que eu tenho, eu posso falar que racionalmente eu não acredito, mas vem na minha cabeça, mulher responsável tem que ter uma casa bem cuidada, também. Apesar de eu lutar contra isso, você fala mulher responsável, vem casa bem cuidada...” (M11; sobre mulheres)

Onde se percebe, na fala de uma advogada, que apesar de todos os movimentos e tentativas que alcançam até um nível razoável de sucesso, não é

uma tarefa simples a de desvencilhar a mulher da esfera privada, onde foi enclausurada no período do patriarcado. Homens também fortalecem essa concepção, como pode-se perceber na fala seguinte, relacionada ao contato com os filhos, mas ainda quando perguntado sobre responsabilidades gerais.

“Não vejo diferença entre as responsabilidades de homem e mulher, apesar de a mulher ter mais aquele lado carinhoso, no cuidado com os filhos, principalmente, acho que no dia a dia, nenhuma diferença, talvez com os filhos por aquele lado característico de cada um, do homem e da mulher, talvez a mulher tenha a obrigação de confortar mais nas horas que os filhos mais precisam. Seria essa a diferença”. (H2, sobre mulheres)

Tabela 2: O que pensam sobre homem e mulher sem emprego há mais de um ano

CATEGORIAS DE RESPOSTA	GRUPO DE HOMENS (GH)		GRUPO DE MULHERES (GM)	
	Sobre homens f (%)	Sobre mulheres f (%)	Sobre homens f (%)	Sobre mulheres f (%)
Responsabilização pessoal	9 (56,25%)	8 (53,3%)	7 (46,6 %)	5 (35,7%)
Responsabilização social	5 (31,2%)	5 (33,3%)	8 (53,3%)	6 (42,8%)
Outros	2 (12,5%)	2 (13,3%)		3 (21,4%)
TOTAL	16 (100%)	15 (100%)	15 (100%)	14 (100%)

A tabela 2 mostra que quando se pergunta para homens sobre o que eles pensam a respeito de uma pessoa que não tem um emprego há mais de um ano, a maioria das respostas se enquadra na categoria RESPONSABILIZAÇÃO PESSOAL, indicando que de acordo com a opinião dos entrevistados, o indivíduo é o responsável pelo estado de desemprego em que se encontra (respostas como “acomodado”, “não tem metas ou perspectivas” ou “medroso” foram agrupadas nessa categoria), não havendo muita discrepância se o desempregado é homem ou mulher (56,2% e 53,3% das respostas, respectivamente).

Já as respostas do grupo de mulheres, apesar de não haver diferença tão grande de frequência, parecem tender a atribuir o desemprego à causas sociais

como o mercado difícil, a falta de oportunidade ou mesmo uma falta de sorte (53,3% na categoria de causas sociais, contra 46,6% da categoria de responsabilização individual, quando se trata de homens desempregados e 42,8% contra 35,7% respectivamente, quando se trata de mulheres desempregadas).

Embora análises psicossociais ou econômicas sobre o mundo do trabalho, sobre os porquês das inegáveis injustiças que atualmente são infligidas contra os indivíduos, ou uma análise sobre algo como um processo de dessocialização ou mesmo sobre a identidade do excluído não sejam (apesar de importantes) objeto de nosso presente estudo, é impossível falar de desemprego sem que se trate minimamente dessas questões. Cabe, portanto, uma consideração de Dejours (2001) sobre o tema:

*Indubitavelmente, quem perdeu o emprego, quem não consegue empregar-se (desempregado primário) ou reempregar-se (desempregado crônico) e passa pelo processo de dessocialização progressivo, **sofre**. É sabido que esse processo leva a doença mental ou física, pois ataca os alicerces da identidade (p.19).*

Jimenez e Lefèvre (2004) explicitam a relação existente entre o mundo do trabalho e as características de uma certa masculinidade:

Criou-se uma cultura na qual apenas uma das variantes do trabalho, o trabalho assalariado ou emprego, foi valorizado positivamente e associado aos valores como: idoneidade, segurança, competência, confiabilidade etc., paralelamente foi construído um paradigma negativo do vagabundo enquanto um discurso e um instrumento do poder. (...) Ser homem tornou-se sinônimo de ser provedor, ou seja, ter condições para sustentar mulher e filhos, o que, para os mais pobres, significava submeter-se ao assalariamento (p.230).

E ainda, citando Matos, Jimenez e Lefévere (2004) complementam que “O sucesso dessa estratégia consistiu no fato de transformar o trabalho assalariado – um dos princípios do sistema – em padrão de masculinidade” (p.230).

Associando esses fatos ao que discutimos em relação aos dados da tabela 1 sobre como alguns aspectos da masculinidade contribuem para uma

responsabilização excessiva do indivíduo pelo estado em que se encontra (e sua conseqüente culpabilização, se esse estado não for desejável), e ao que Guareschi (2001) fala sobre ser essa culpabilização, essencial para a existência e manutenção do modo de produção capitalista, chegamos ao fato de como a masculinidade, nesse aspecto, ajuda no fortalecimento de alguns aspectos desse modo de produção, ao mesmo tempo gerando sofrimento imensurável.

E podemos visualizar algumas das perversas conseqüências dessa culpabilização. Segundo Ferber (2000), a questão do emprego e do trabalho, por serem importantes fatores na identificação do homem com o padrão de masculinidade mais valorizado nas sociedades ocidentais atuais, são também os pontos onde o homem se torna mais frágil. Dessa forma, a autora aponta como dois movimentos duramente criticados por ela se aproveitam dessa fragilidade: o movimento mitopoético, que busca uma retomada de valores de masculinidade considerados como positivos, dos quais o homem teria sido brutalmente despedido pelos movimentos feministas mais radicais; e também, de forma mais alarmante, o movimento da supremacia branca. Os discursos de ambos os movimentos se apóiam fortemente na questão do atual estado de coisas onde o homem encontra dificuldade em ocupar seu “lugar natural”, essencial, de chefe da casa, de provedor. Ambos os discursos colocam essa dificuldade como um ataque direto ao homem (branco, especificamente no caso dos discursos da supremacia branca), e também como uma grave alteração na ordem natural e por conseqüência correto, de como o mundo deveria estar funcionando. Ambos os discursos capitalizam a culpa.

E de fato, pelo menos dentro das respostas do GH, a tendência é a culpabilização individual, não se levando muito em consideração fatos como o de o sistema capitalista depender de um exército de desempregados para continuar existindo. Ou seja, em um determinado momento, sempre vai haver desempregados, simplesmente não existe espaço empregatício para todos. Seria lógico, portanto, considerar que não existe “culpa”, no que diz respeito a isso.

Vale citar algumas falas dos entrevistados que ilustram bem isso:

“Bom, se ele esta procurando o emprego, ou ele esta com problemas de currículo né, as habilidades técnicas dele não atendem o que o entrevistador quer, ou ele não esta sabendo passar muito bem o que ele sabe e quer na hora da entrevista. Agora se ele não esta procurando, ou ele é um irresponsável igual na primeira pergunta, ou ele ta acomodado, ou tem medo de enfrentar o mercado, ou ele não precisa do emprego, tem uma outra fonte de renda, de herança ou pensão e não sente necessidade de procurar emprego”. (H2; sobre homens)

É uma fala bastante interessante que, mesmo quando não condena diretamente a pessoa, atribuindo-lhe adjetivos pejorativos como irresponsável e acomodado, atribui a ele a total responsabilidade por seu estado, devendo-se isso ao currículo ou ao modo como se comporta numa entrevista. Não existe em nenhum momento a menor tentativa de se contextualizar socialmente o fato.

Alguns dos entrevistados homens, no entanto, tentam fazer uma articulação entre as duas responsabilidades (pessoal e social) ao se referirem ao tema:

“Se a gente for parar pra pensar no ponto de vista sócio econômico do nosso país, é muito comum (ficar sem emprego há mais de um ano), mas como tem pessoas que entram e saem de empregos num período muito curto, eu posso pensar que tem pessoas que ou não têm força de vontade (...) Aí tem diversos tipos de pessoa, que não gostam de trabalhar, que não têm interesse, e aí ficam vagando por um tempo grande sem mostrar interesse”. (H4; sobre homens)

Mas respostas tão radicais no sentido de crítica social, como a seguir, só foram enunciadas por mulheres:

“Acho que é maioria dos homens do nosso país. Acho a coisa mais comum do mundo não conseguir emprego aqui nesse país, então o sistema não tá funcionando bem mesmo, eu sou economista e conheço as dificuldades de arrumar um emprego. Claro que a sociedade condena muito um homem há um ano sem trabalhar”. (M14; sobre homens)

E ela ainda complementa de uma maneira até inesperada:

“...nosso vizinho mesmo, ele não trabalha, a mulher dele trabalha muito, fica de plantão, e ele fica em casa, aí eu fiquei pensando assim que eles têm uma babá pra cuidar da criança, e o que me deixou insatisfeita foi que além de ele não trabalhar fora, ele não cuida da criança, ele podia tranquilamente cuidar das coisas da casa, sem precisar de empregada ou babá. (...) Então o que me incomodou foi isso e não o fato de ela trabalhar fora e ele não, mas é o fato de ele poder fazer os outros serviços né...” (M14; sobre homens)

Essa segunda fala não só contra o que defendem Jiménez e Lefèvre (2004), sobre ser o trabalho assalariado o único socialmente valorizado, como por enquanto desvincula o homem da esfera pública e o situa na esfera privada, atribuindo-lhe a possibilidade de cuidar da casa e dos filhos, como tipicamente se esperaria de uma mulher. O incômodo da nossa entrevistada não se deveu ao fato do homem não estar exercendo a função de provedor, mas ao fato de não estar trabalhando de modo algum.

A isso se associa o trabalho de Siqueira (1997), sobre a constituição da identidade masculina. Estudando o sistema de relações dentro de uma família pobre, onde a mulher trabalha fora e o marido cuida dos deveres domésticos, ela percebe que pelo menos nesse caso, esse arranjo está funcionando bem. O marido, apesar de ainda manter os conceitos mais tradicionais do que seria trabalho de homem e de mulher no ambiente doméstico, realiza ambos os tipos, com a intenção de manter a família funcionando e conseguir melhorias para ela, além de não sobrecarregar a esposa de serviço.

O fato de o casal ter valores e metas em comum no sentido do alcance dessas melhorias, constitui-se em condição de possibilidade para a implantação de estratégias que incluem a alteração dos padrões convencionais de divisão sexual do trabalho na família (p.7).

O que parece ter acontecido nesse caso e também o que começamos a ver no cotidiano, é uma espécie de resignificação dos valores relacionados à divisão do trabalho. É como se a dificuldade atual em se conseguir um emprego valorizado em termos masculinos forçasse os homens a essa resignificação, tendo como alternativa o sofrimento decorrente de sua culpabilização pessoal pela “falha” em conseguir um emprego.

E apesar da maioria das respostas das mulheres realmente se enquadrar melhor na categoria RESPONSABILIZAÇÃO SOCIAL, algumas podem ser bem culpabilizantes, como a seguinte:

“Depende da pessoa, pode ser uma pessoa que é simplesmente, está conformado e vai levando, se você consegue ficar sem emprego por um ano sem passar fome, é até estranho,

quando você está acomodado com a situação. Às vezes a pessoa não tem o mínimo de organização pra se levar, tem falta de meta, de perspectiva, não tem ligação com o tempo, com o que está acontecendo. Pode ser uma pessoa que não tem uma visão de futuro, vive um dia depois do outro e vai levando". (M13; sobre homens)

É interessante notar nas respostas que, apesar de não haver diferença na frequência de resposta de homens sobre homens ou sobre mulheres, ou de mulheres, sobre homens ou mulheres, *as respostas do GH são diferentes das respostas do GM*. Isso indica duas coisas: 1) que existe uma tendência a se igualar homens e mulheres, não atribuindo ao homem ou à mulher maior ou menor responsabilidade no que diz respeito à empregabilidade; 2) que a concepção que as mulheres possuem sobre a responsabilização no que diz respeito ao emprego, difere da concepção dos homens a respeito do mesmo tema. Podemos pensar se isso se deve ao fato de não estarem as mulheres, pelo menos nesse aspecto, tão sujeitas ao modelo de masculinidade (que como tentamos mostrar, fortalece essa ideologia individualizante e culpabilizante) quanto estão os homens e por isso possuem uma concepção que dá uma ênfase maior aos fatores e problemas sociais.

Vale, por fim, notar algumas falas que vão no sentido de diferenciar a situação para homem e mulher como a seguinte, que atribui à mulher uma maior dificuldade em conseguir um emprego devido aos cuidados que deve ter com os filhos, atribuição essa que, como se percebe, continua em parte naturalizada no cotidiano.

"...talvez seja mais difícil pra mulher até, porque talvez ela não consiga um emprego, eu veria com melhores olhos, porque talvez ela tenha um filho e esse filho toma mais tempo dela e isso dificulta mais ainda ela. Então eu acho que eu abonaria, apesar da situação difícil pros dois, não é culpa nem responsabilidade do homem nem da mulher, mas a dificuldade da mulher seria talvez maior ao meu ver". (M11, sobre mulheres)

Outra fala vai contra isso e mostra uma concepção machista na qual "atributos" femininos podem ser utilizados para se conseguir as coisas com mais facilidade em nossa sociedade.

"Acho que pra uma mulher, ainda é mais tranquilo, por mais que ela não consiga há mais de um ano, acho que é mais fácil para ela conseguir, do que um homem. O mercado é mais, por

mais que não seja justo com as mulheres, no sentido de salário, etc, vejo como mais acessível pra mulher, então vejo que ela está a menos perigo que o cara (...) mulher consegue as coisas com mais facilidade... uma amiga minha, a Bia, que fala que é bom ter peito grande porque eu chego num bar e o cara me atende na hora! E eu: 'ai meu Deus, não fala isso...'” (M12, sobre mulheres)

Tabela 3: O que pensam sobre um chefe que exerce pressão excessiva

CATEGORIAS DE RESPOSTA	GRUPO DE HOMENS (GH)		GRUPO DE MULHERES (GM)	
	Sobre homens f (%)	Sobre mulheres f (%)	Sobre homens f (%)	Sobre mulheres f (%)
Normal e natural	6 (60%)	5 (50%)	6 (60%)	6 (50%)
É errado exercer tal pressão	4 (40%)	3 (30%)	4 (40%)	4 (33,3%)
Outros		2 (20%)		2 (20%)
TOTAL	10 (100%)	10 (100%)	10 (100%)	12 (100%)

Na tabela 3, verifica-se que tanto homens como mulheres concebem como “normal” a chefia exercer uma pressão excessiva sobre seus subordinados. Foram agrupadas na categoria “NORMAL E NATURAL” as respostas desse tipo. No caso, se enquadram nessa categoria 60% das respostas dos homens, no que diz respeito a chefes homens e 50% das respostas dos homens, no que diz respeito a chefes mulheres e exatamente a mesma percentagem pode ser considerada nas respostas das mulheres: 60% para chefes homens e 50% para chefes mulheres.

Novamente, como nas tabelas anteriores, em geral não existe diferença de tratamento para homens ou mulheres: sejam homens ou mulheres, os chefes têm “permissão” para exercer a pressão necessária para que o trabalho seja cumprido, o que novamente indica uma tendência a se igualar homens e mulheres, mesmo que tal igualdade se dê em níveis questionáveis e que pouco fujam aos preceitos masculinos tradicionais.

A questão da virilidade emerge quando o indivíduo é obrigado a, em nome de um bem maior, como o bem estar da empresa, por exemplo, realizar o

mal (de acordo com a concepção do termo elaborada por Dejours, 2001), para não perder seu estatuto viril.

Enfatiza Dejours (2001)

Quem recusa ou não consegue cometer o mal é taxado de “veado”, “fresco”, sujeito “que não tem nada entre as pernas”. E não ser reconhecido como um homem viril significa, evidentemente, ser um “frouxo”, isto é, incapaz e sem coragem, logo, sem “a virtude” por excelência. (...) No sistema da virilidade, (...) abster-se dessas práticas iníquas é prova de fraqueza, de covardia, de baixeza, de falta de solidariedade... (p. 82).

E de fato, tudo pode e deve ser feito em nome do trabalho e da empresa, para que esta prospere incluindo, como já vimos, o que Dejours (2001) chama de “exercício do mal”, como demissões, mentiras, ameaças e a tal pressão excessiva, que por ser um modo de se infligir sofrimento um pouco mais sutil e sancionado socialmente optamos por abordar aqui.

A inserção da virilidade no mundo do trabalho, do modo como concebe Dejours, seria mais uma “estratégia de defesa” (estratégia de defesa do cinismo viril), como muitas outras estudadas pelo autor e funciona mais ou menos como as demais. Essas são estratégias “subjetivas” e funcionam, por exemplo, para que o trabalhador suprima o medo de cumprir tarefas perigosas. A diferença sendo que, no caso da estratégia de defesa do cinismo viril, ela é utilizada para suprimir o sofrimento que o chefe sentiria ao quebrar padrões éticos (que seriam parte importante de sua identidade, no caso de ele não ser um psicopata ou sociopata) no momento de ocasionar sofrimento a outro, permitindo assim, que ele o faça.

Apesar de um pouco distante do corpo conceitual que optamos por trabalhar aqui, as considerações de Dejours são pertinentes demais no caso do trabalho, para que sejam deixadas de lado. Isso sem contar que a presença da força, de que já falamos um pouco se faz presente também na estratégia de defesa do cinismo viril (quem não exerce sofrimento, afinal, é taxado de frouxo).

O resultado mostrado na tabela 3 evidencia que, apesar de por pouca diferença, prevalece o que observa Dejours (2001): em nome do trabalho, é permitido quase que qualquer coisa.

“Se é pelo trabalho dele, por mim... é o que ele tem que fazer? Então é isso mesmo. Se é o trabalho dele, é o trabalho dele”. (M15; sobre homens).

“...eu penso que ele está agindo da maneira como o mercado pede hoje, principalmente nas empresas privadas, nas públicas nem tanto. Mas eu acho que ele está fazendo a parte dele, não tem como fugir disso”. (H2; sobre homens).

“É, sei lá, no momento da empresa, aquela hora exige muito, então tem que fazer aquilo que seja melhor para a empresa, melhor para o desenvolvimento da empresa e do trabalho que eles estão exercendo ali porque teoricamente uma pessoa não vai exigir uma coisa da outra sem uma certa necessidade”. (M19; sobre homens)

Outras falas, no entanto, recusam esse modo de funcionamento, apontando que isso, inclusive, pode prejudicar o bom andamento do trabalho:

“Ridículo, odeio isso, tenho pavor, pavor desse tipo de comportamento. Porque isso não é necessário, pra exercer qualquer tipo de poder, essa pressão, essa pressão é mais da pessoa do que do próprio administrativo do trabalho. Eu não gosto de trabalhar sob pressão, odeio quem faz isso comigo e odeio os chefes que fazem isso”. (M11; sobre homens)

“Eu acho que pelo que eu estudei, esse tipo de gerência não funciona, então a pressão sobre os subordinados não funciona nem nunca vai funcionar. Agora existem aquelas pessoas que se acham obrigadas a pressionar seus subordinados até mesmo por vaidade, porque acha que humilhar ou responsabilizar pessoas que estão abaixo dele é muito fácil, muito mais fácil apontar o dedo pra alguém e forçar com que alguém faça o serviço, cobrar, do que ele mesmo fazer, porque na verdade nenhuma empresa funciona com esse tipo de situação”. (H4; sobre homens)

Percebemos, portanto, (que apesar da resistência a esse modo de funcionamento) mais um modo como a masculinidade (ou, como conceitua Dejours, para facilitar seu trabalho e suas análises: virilidade) se insere ao modo capitalista de produção, no presente caso ajudando na manutenção de formas pouco saudáveis de trabalho, mas que ajudam na constante produção da mais-valia, que sustenta o capitalismo através da exploração da força de trabalho. E exatamente por isso, essa força deve ser explorada a qualquer custo, com o uso de qualquer estratégia, mesmo uma tão perversa quanto a do cinismo viril.

Tabela 4: Concepção de homem e mulher fraco (a)

CATEGORIAS DE RESPOSTA	GRUPO DE HOMENS (GH)		GRUPO DE MULHERES (GM)	
	Sobre homens f (%)	Sobre mulheres f (%)	Sobre homens F (%)	Sobre mulheres f (%)
Passividade	9 (69,2)	7 (53,8%)	5 (35,7%)	4 (36,3%)
Falta de coragem e responsabilidade	3 (23%)	4 (30,7%)	6 (42,8%)	4 (36,3%)
Falta de controle sobre a própria vida	1 (7,7%)	1 (7,7%)	1 (7,1%)	1 (9%)
Não acredita no termo			1 (7,1%)	1 (9%)
Outros		1 (7,7%)	1 (7,1%)	1 (9%)
TOTAL	13 (100%)	13 (100%)	14 (100%)	11 (100%)

Quando se perguntam a homens e mulheres sobre como eles concebem um homem ou uma mulher fraca, as respostas são divergentes. Os homens associam mais fraqueza à PASSIVIDADE (respostas como “passivo”, “que desiste fácil”, “não corre atrás de seus objetivos” ou “que vai sempre pelo caminho mais fácil” foram agrupadas nessa categoria) tanto quando perguntados sobre o homem fraco (69,2%), quanto quando perguntados sobre a mulher fraca (53,8%).

Já as mulheres associam a fraqueza tanto à PASSIVIDADE (como os homens) quanto à uma FALTA DE CORAGEM e RESPONSABILIDADE, no sentido de não se manter firme diante de algo com o que não concorda ou diante de uma consequência que seus atos causaram (algumas das falas foram “não mantém as decisões que toma”, “foge das responsabilidades”, “não cumpre o que acha certo” ou “não defende suas idéias”), de maneira que a frequência de

respostas para as duas categorias foi praticamente a mesma. No caso da categoria FALTA DE CORAGEM OU RESPONSABILIDADE, o homem fraco aparece em 42,8% das respostas e a mulher fraca em 36,3%, não havendo grande diferença em relação à da categoria PASSIVIDADE.

O que pode verificar é um claro reflexo do horror à passividade, que aflige os homens, sendo a dicotomia ativo – masculino/ passivo – feminino ainda uma das mais fortes diferenças construídas entre os gêneros.

Segundo Badinter (1993): *“O homem peleja sempre contra si mesmo para jamais ceder à fraqueza e à passividade que estão sempre à sua espreita.”* (p.133).

O caráter ativo parece ser, talvez, mais ainda do que a racionalidade e o controle, que segundo Giffin (1994), seriam a base da identidade masculina, o que é buscado de maneira quase mais desesperada pelos homens em sua luta cotidiana pela aproximação a algum ideal de masculinidade hegemônica. Obviamente que estes três fatores (controle, razão e o caráter ativo), estão interligados na construção prática das masculinidades ocidentais, mas enquanto que os dois primeiros, por vezes podem ser abdicados sem que se “perca pontos” nas escalas de masculinidade, sendo que inclusive um ato considerado irracional ou impulsivo pode ser considerado bastante masculino, principalmente se a alternativa for a passividade, o “não fazer nada”, não parece haver momentos em que a um homem é permitida a abdicação do caráter ativo. A própria agressividade é valorizada como uma característica eminentemente masculina, provavelmente por estar intrinsecamente vinculada a esse caráter ativo.

Até mesmo quando o que está em jogo é sua própria saúde, os homens relutam em adotar determinadas medidas, se estas se aproximarem da passividade. Villela (1998) explica como isso ocorre, no caso da prevenção de certas doenças:

...a prevenção se torna mais difícil quando o comportamento a ser adotado implica restrição de alguma coisa, pois acarreta um sentido de “fraqueza” ou de imposição de limites, ambos incompatíveis com a idéia de força e da resistência masculina, como no caso da exigência

de repouso, de moderação no uso do álcool ou de dietas alimentares. Aí também se inclui a orientação do uso de condom em todas as relações sexuais, que se choca com a concepção da sexualidade masculina como um impulso irrefreável, derivado do corpo, de difícil controle e contenção. (p.134)

Assim, como explica Vigoya (2001), apoiando se numa pesquisa de Leñero, até quando usam o preservativo, o significado atribuído a esse comportamento muitas vezes continua sendo machista, no sentido de que adotar medidas preventivas de controle de natalidade, não quer dizer necessariamente que os homens estão assumindo responsabilidade por um planejamento familiar ou pela sua proteção e da parceira contra doenças sexualmente transmissíveis, mas que isso é mais sentido pelos homens como uma fuga do compromisso marital e das responsabilidades, adotando uma medida defensiva contra as mulheres.

A análise de Vigoya (2001) pode, em certos sentidos, ser dualista, visto que pressupõe que *ou* os homens usam preservativo por um motivo responsável, *ou* o usam por um motivo machista, sendo que é mais provável que ambos os motivos estejam presentes no ato, e até mesmo moralista, quando prega que o compromisso marital deve, em última instância, ser visado, mas ela atenta para um fato interessante: que devemos sempre buscar o significado presente nas mudanças ou podemos terminar vendo as coisas de forma muito ingênua.

Dessa maneira, como expõe Kimmel [s/d (b)], os homens tendem a pensar em si mesmos como imbatíveis, como imunes a doenças, tendem a não pensar na sua saúde e bem estar de uma maneira geral. Percebemos como a própria palavra “paciente” se aproxima da passividade. E de fato, a própria condição de paciente, de enfermo é incompatível com os ideais viris de atividade afastando-se demais dos pressupostos da masculinidade hegemônica. Não à toa, muitos homens nessa situação se deprimem, percebendo-se como desprovidos de sua identidade masculina. Dessa forma, além da própria doença física, um homem nessa situação acaba por ter que lidar também com essa ameaça à sua masculinidade.

Claramente percebemos, portanto, como essa dualidade ativo/passivo aparece na área da sexualidade, em diversos aspectos. A esse respeito, Giffin (1994) coloca:

Aplicado à construção dos gêneros, o dualismo afirma, em primeiro plano, que o homem é ativo e a mulher, passiva. Aplicado à construção da sexualidade, ele funde a identidade de gênero e a identidade sexual (ser homem é praticar sexo com mulheres e vice-versa), resultando na hegemonia heterossexual, baseada em dois tipos de seres: homens sexualmente ativos e mulheres sexualmente passivas. Aqui, um confronto entre opostos é a base da sexualidade: o homem vai fazer e a mulher é feita (p.151).

Seja numa relação homem/mulher, onde o homem precisa “mostrar quem manda”, precisa “domar” a mulher, ou mesmo numa relação entre homens, onde é comum a concepção de que o homossexual é somente o que participa de maneira passiva da relação sexual, o caráter ativo é sempre associado ao masculino. É a frase que ouvimos no cotidiano: “quem come não é veado”.

Ainda dentro do campo da sexualidade, Nunes (1998) também traz à tona a questão da suposta passividade feminina, fazendo uma análise sobre como a psicanálise associa a feminilidade ao masoquismo, e a masculinidade ao sadismo:

... de um lado ele (Freud), considera que o masoquismo seria corolário de uma atitude passiva, o que o aproximaria da passividade constitutiva da essência feminina. De outro lado, ele considera que o masoquismo estaria mais de acordo com o complexo de Édipo feminino, já que a fantasia masoquista inconsciente se aproximaria da experiência edípica natural das mulheres (...) Freud diz que a sexualidade do menino tem um elemento de agressividade e um desejo de subjugar que o liga mais às pulsões sádicas (p. 230).

E, de acordo com as respostas, percebemos que as mulheres também valorizam esse caráter ativo, mas com a mesma frequência de respostas, aparece a necessidade de haver coragem e responsabilidade e isso também para as próprias mulheres.

Podemos dentro desse tema, talvez de maneira óbvia, visto a natureza da pergunta feita aos entrevistados (“quando você consideraria um homem como

fraco?”) associar as respostas das três categorias a uma característica importante do modelo masculino: a força, cuja falta transforma os homens em fracos, em perdedores. Na categoria PASSIVIDADE, sua falta pressupõe a ausência de um caráter ativo de conduta, algo inaceitável para um homem e em certa medida até mesmo para uma mulher, nos dias de hoje, como colocam alguns participantes:

“...aquele cara que não tem vontade de vencer, basicamente isso. Quando o cara tem vontade ele faz qualquer coisa, quando ele não faz, ele fica lá, a esmo da situação”. (H4; sobre homens)

“...ele não vai conseguir terminar compromisso, vai ficar sempre pulando de um lado para o outro, vai ser aquela pessoa muito passiva, aí eu consideraria isso uma pessoa fraca”. (H5; sobre homens)

Na categoria FALTA DE CORAGEM E RESPONSABILIDADE, a força daria ao homem a capacidade para manter suas opiniões, cumprir com suas responsabilidades e assumir as conseqüências de seus atos, o que pode ser facilmente visualizado pela seguinte fala:

“Homem fraco, primeiro é aquele que não cumpriu com a palavra, que assumiu um compromisso e não o fez. Pra mim é sinal de fraqueza, não tem responsabilidade, não tem compromisso. Um homem em que faltou às vezes a ele coragem. Como a uma pessoa que falta coragem, uma pessoa fraca é aquela que falta coragem, não que requeira força física, não, fraco aí pra mim não tem nada a ver com força física, mas tem a ver com falta de caráter. Uma pessoa fraca pra mim é aquela que não tenha caráter, então caráter inclui varias coisas, a falta de compromisso e responsabilidade, ate mesmo a falta de atitude, quando é necessária uma atitude, mesmo que seja um sim, um não. Isso que pra mim é um homem fraco”. (M11; sobre homens)

E na categoria FALTA DE CONTROLE SOBRE A PRÓPRIA VIDA, essa força daria ao homem meios para manter o controle sobre sua vida e não sucumbir frente a um momento difícil:

“Ele é fraco quando ele não consegue controlar... quando ele perde controle total sobre a vida dele, quando ele se entrega a um vício, não tem controle nenhum sobre as ações dele. Eu acho que em parte a gente não tem total controle sobre nossas ações e pensamentos, mas eu chamaria de fraco aquele que perdeu completamente o controle sobre a vida dele”. (H3; sobre homens)

“...o fraco é o que se entrega, que não sabe chegar nesse ponto, porque eu acho que toda dificuldade que você passa na vida, tem seu período de luto, digamos assim, tem um período que você fica triste ou magoado ou o que quer que seja, mas esse período passa, se esse período passa e aquela pessoa continua naquilo, essa é uma pessoa fraca. Se já passou o luto e a pessoa sabe virar e falar, eu to sentindo ainda mas vou ter que continuar minha vida, saber olhar pra frente, senão é fraco”. (M12; sobre homens)

Percebemos que através somente da força, portanto, podemos fazer aparecer um certo modelo de homem. A força “existe” para que o homem ou a mulher possam se manter firmes e inteiros diante de uma situação desfavorável, para manterem seus ideais e o que acham certo, mesmo que vá contra tudo e contra todos e mesmo que isso tenha conseqüências graves, como a perda de um emprego (como mostrado na tabela 17). É isso, ou a pessoa é fraca.

O personagem Jack Bauer, da série de TV “24 Horas” é uma clara encarnação do ideal contemporâneo do que um homem deve ser, nesse sentido de força de que estamos tratando. E podemos pensar nele com base nessas três diretivas que acabamos de enunciar: 1) antes de mais nada ele é *ativo* na busca de seus objetivos, nunca se deixa levar pelas circunstâncias, pelas pessoas, pela burocracia ou por seu trabalho prescrito, e nunca desiste; 2) além disso, sempre impõe as suas vontades e ideais em qualquer situação: sendo corajoso ao extremo, não teme perder seu emprego, ir para a prisão para o resto da vida, ser extraditado, torturado ou mesmo a morte, ao ponto de em certa situação, literalmente morrer sob tortura (seu coração cessa de funcionar, para ser ressuscitado logo após por seus algozes); 3) e por fim, talvez a maior dificuldade de Jack Bauer em se manter um homem verdadeiro e forte, não esteja relacionada a seu trabalho ou a seus inúmeros e bem armados inimigos, mas ao controle sobre a própria vida. Por duas vezes Jack perde esse controle e sucumbe: na primeira, ele cai em depressão devido ao assassinato da esposa, (que ocorre por ser ele um agente anti-terrorista) isolando-se do convívio social e até mesmo de seu trabalho, e na segunda é obrigado a se viciar em heroína para manter um disfarce, tornando-se pouco confiável e fraco. Nas duas vezes, no entanto, ele se recupera vigorosamente, e ambas em nome do próprio trabalho patriótico que o deixou nessas situações.

A resposta de um único sujeito, de certa forma vai contra essas três diretivas, quando afirma não acreditar no termo “homem fraco”:

Eu acho que na verdade, não existem pessoas fracas, existem pessoas com alguns problemas psicológicos, vamos supor, às vezes tem uma depressão ou essas síndromes do pânico, ou uma ansiedade, uma timidez excessiva e isso acaba deixando a pessoa fraca em certos aspectos, mas a pessoa ser fraca, fraca mesmo, acho que não acredito nessa expressão, homem fraco (...) Conheço pessoas que eram muito tímidas e hoje se transformaram completamente, antigamente podiam ser considerados “homens fracos”, e hoje em dia podem ser considerados exemplos, mudaram e mudaram pra melhor, aquilo não impediu elas de terem uma vida legal. (M17, sobre homens)

Apesar de apontar características que enfraquecem, a fala traz uma diferença fundamental com relação a quase todos os outros: ela coloca a fraqueza como transitória e que pode ser superada, além do que, o que ela define como fraqueza não se contrapõe muito bem com o construto de força que percebemos tão presente nas falas sobre masculinidade, não só neste tema mas em quase todo o trabalho.

Um dado interessante é o de como em nenhuma das respostas (em nenhum dos temas por nós abordados) levantou uma questão aparentemente bastante presente em nosso cotidiano, bastante ligada à virilidade: a do enfrentamento direto a outros homens. Ramirez (1995) já havia falado sobre isso e PORTO (1999) aproxima-se de uma análise desse tema, ao perguntar a seus entrevistados o que pensam sobre o ditado: “homem que é homem não leva desaforo para casa”, no que 39,8% de seus entrevistados responderam que o homem deve reagir a desaforos e 46,4% afirmam que apanhar na cara e não reagir é sinônimo de covardia, em ambos os casos a classe sócio-econômica pouco importou. E a autora afirma, com base nesses resultados que:

Esses conteúdos valorativos são, ou parecem ser, critérios orientadores de conduta, na medida em que a concordância com eles revela um certo tom imperativo, no sentido de ser esse o comportamento esperado do homem (p.133).

Em nossa pesquisa, no entanto, em nenhum momento covardia foi associada esse tipo de situação. Apesar de termos abordado a questão da competitividade entre homens, esse tema do enfrentamento mais direto não foi abordado por nós de forma mais específica, porque se afasta um pouco de nossos objetivos principais. Se tivesse sido, possivelmente tais resultados tivessem sido diferentes. Mas de qualquer maneira, diferente de Porto (1999) pensamos que os resultados que ela obteve indicam inclusive uma certa tendência a flexibilidade nesse aspecto da virilidade: afinal, um homem levar um tapa na cara de outro, parece ser em nossa sociedade uma das maiores formas de humilhação possível e o fato de que mais de 50% dos entrevistados não pensarem ser covardia uma falta de reação a esse ato, é até, em certo sentido, surpreendente. A impressão que fica é que esse resultado seria bem diferente, se essa pesquisa tivesse sido realizada uns 15 ou 20 anos antes, o que parece indicar mudança.

Tabela 5: Concepção de homem ou mulher bem sucedido (a)

CATEGORIAS DE RESPOSTA	GRUPO DE HOMENS (GH)		GRUPO DE MULHERES (GM)	
	Sobre homens f(%)	Sobre mulheres f(%)	Sobre homens f(%)	Sobre mulheres f(%)
É feliz com a vida que tem	5 (22,7%)	3 (15,7%)	3 (15,7%)	3 (15,7%)
Tem dinheiro, bens ou bom emprego	6 (27,2%)	6 (31,7%)	6 (31,7%)	6 (31,5%)
Alcançou objetivos pessoais	4 (18,1%)	3 (15,7%)	3 (15,7%)	4 (21,0%)
Tem família e ela está bem cuidada	4 (18,1%)	5 (26,3%)	5 (26,3%)	5 (26,3%)
Outros	3 (13,6%)	2 (10,5%)	2 (10,5%)	1 (5,2%)
TOTAL	22 (100%)	19 (100%)	19 (100%)	19 (100%)

A tabela 5 mostra que quando se perguntou para os homens sobre o que é um homem ou mulher bem sucedida, o que a maioria das respostas (27,2%) indica é que é aquele que possui dinheiro, bens materiais ou um bom emprego, seguidos pelas categorias É FELIZ COM A VIDA QUE TEM (22,7%) e empatados em terceiro, ALCANÇOU OBJETIVOS PESSOAIS e TEM FAMÍLIA E ELA ESTÁ BEM CUIDADA, ambas com 18,1% das respostas. Quando perguntados sobre a mulher bem sucedida, a maioria das respostas (31,5%) também entra na categoria TEM DINHEIRO, BENS OU BOM EMPREGO, seguida pela categoria TEM FAMÍLIA E ELA ESTÁ BEM CUIDADA e empatados em terceiro aparecem as categorias “É FELIZ COM A VIDA QUE TEM e ALCANÇOU OBJETIVOS PESSOAIS, com 15,7% das respostas.

No caso das respostas fornecidas pelas mulheres, a maioria das respostas também se enquadra na categoria TEM DINHEIRO, BENS OU BOM EMPREGO (31,5% tanto para homens quanto para mulheres bem sucedidas). Logo abaixo aparece a categoria TEM FAMÍLIA E ELA ESTÁ BEM CUIDADA (26,3% das respostas tanto no que diz respeito a homens quanto para mulheres). E com pouca diferença são seguidas pelas categorias É FELIZ COM A VIDA QUE TEM (15,7% para homens e para mulheres) e ALCANÇOU OBJETIVOS PESSOAIS (15,7% para homens e 21% para mulheres).

A primeira indicação é a clara concepção de que a pessoa bem sucedida na vida é aquela que possui bens materiais, mesmo tendo o entrevistador o cuidado de dar ênfase na palavra “vida” ao final da pergunta, que era feita do seguinte modo: “Para você, o que é um homem bem sucedido na vida?” E isso ocorre nas respostas dos grupos de homens e grupos de mulheres, sobre homens ou sobre mulheres. O politicamente correto, homem sucedido é um homem feliz, apareceu com relativamente pouca frequência, principalmente nas respostas das mulheres, em detrimento de respostas como a seguinte:

“É um homem que tem uma situação financeira confortável, não ligo muito pra isso de ostentar, de ter riqueza, mas um cara que consegue se sustentar, que consegue pagar pelo necessário e pelo supérfluo que ele quer ter, se ele gosta de música, ele vai conseguir pagar pela música dele, pelo CD dele, pelo som maneiro que ele quer ter...” (H12; sobre homens)

Esse enunciado é representativo de praticamente todos os outros: uma rejeição à ostentação (que pode muito bem se dever ao “politicamente correto”, dada a situação de entrevista), mas uma clara demonstração do valor de felicidade que o respaldo financeiro possui. Mas não estamos aqui julgando nossos entrevistados: realmente é muito difícil para alguém que gosta de música ser feliz, se não puder comprar seus CDs. O que colocamos em questão é um sistema que produz esse tipo de situação, onde realmente só se consegue ser feliz com dinheiro no bolso, o que torna possível consumir.

E mais uma vez aparece a igualdade entre homens e mulheres, pelo menos no que diz respeito à primeira categoria mais freqüente, a dos bens materiais. Se pensarmos, no entanto, no que defende Badinter (1993), quando fala sobre como a honra e a força física, aspectos tradicionalmente valorizados pela maioria dos modelos de masculinidade, vêm sendo substituídas pelo sucesso, pelo dinheiro e pelo trabalho socialmente valorizado, não podemos deixar de ressaltar que junto com todos os inegáveis benefícios de uma relação de poder mais balanceada entre os sexos, consequência dessa crescente igualdade entre eles nos diversos aspectos da vida, acompanha uma adoção pelas mulheres de valores tipicamente masculinos e que servem aos propósitos de forças que visam a manutenção de facetas do modo de produção capitalista, que apesar de não explicitamente ligadas à relação homem-mulher, também levam a formas de dominação e exploração

Outro ponto que podemos destacar é a ligação entre mulher e família, mais especificamente os filhos. Tanto nas respostas dos homens quando perguntados sobre mulheres, quanto nas respostas das próprias mulheres, essa categoria aparece em segundo lugar, mostrando que, apesar de a constituição de uma família não mais poder ser considerada a única forma de realização da mulher, à questão do trabalho valorizado e dos bens materiais acompanha a produção histórica da ligação inexorável mulher-família. De acordo com as falas de vários participantes, permanece uma idéia na qual a mulher, mesmo com um bom trabalho, com dinheiro, só é realmente bem sucedida e feliz quando também possui uma família:

“É foda porque, normalmente quando você fala de mulher, você lembra de criança. A mulher, mesmo que emancipada, trabalha fora, ela sempre vai ser mãe. Por mais que o cara tome o papel de ser pai, ela sempre vai ser mãe”. (H9, sobre mulheres)

A categoria ALCANÇOU OBJETIVOS PESSOAIS, que não tem tanto destaque, se associa à questão da força, no sentido que um homem ou uma mulher deve ser forte o suficiente para atingir seus próprios objetivos. Uma pessoa fraca não luta por seus sonhos, é passiva, vai sempre pelo caminho mais fácil que nunca é o mais satisfatório. Em diversas vezes retornamos a questão da força porque percebemos, pelo menos dentro dessa pesquisa, ser ela um dos aspectos mais valorizados e presentes dentro do que se concebe atualmente como masculinidade.

E por fim, a categoria É FELIZ COM A VIDA QUE TEM, que aparece com praticamente a mesma frequência que a categoria ALCANÇOU OBJETIVOS PESSOAIS, é considerada menos importante. A felicidade e o sentimento de satisfação pessoal ficam em segundo ou terceiro planos, sendo obscurecidas pela valorização de bens materiais ou pelo fato de possuir e manter uma família.

Uma fala interessante, que distingue mulheres de homens, incluída na categoria OUTROS, é a seguinte:

“No meu ponto de vista a mulher bem sucedida é aquela que consegue ficar serena, que ela não se preocupe, que ela se sinta confortável e segura, acho que é mais uma questão de segurança do que de realização. Acho que isso se difere um pouco do pensamento masculino, a mulher pensa mais em segurança, esse tipo de coisa”. (H8, sobre mulheres)

Trocar realização por segurança e serenidade é simplesmente afirmar a passividade da mulher, em oposição ao caráter essencialmente ativo do homem. Dentro desse tema, tal colocação só ocorre uma vez, mas grande parte das respostas da tabela 7 **“O que pensam sobre investir num relacionamento com pessoa mal sucedida financeiramente”** condizem com esse tipo de enunciado, afirmando que a mulher quer alguém que cuide dela e lhe forneça suporte financeiro.

A tabela 6 explicita o que pensam os participantes a respeito de um homem ou mulher que, por medo, deixa de realizar uma tarefa perigosa, que é parte de seu trabalho. No caso das respostas fornecidas por homens, a maioria das respostas se enquadram na categoria **ESTÁ CERTO EM NÃO REALIZAR A TAREFA**, 41,6% quando se trata de emitir a opinião sobre um homem que fica com medo e 38,4% no caso de esta ser uma mulher. A segunda categoria que mais aparece, quando se pergunta sobre homens é a **ESTÁ NO TRABALHO ERRADO**, com 33,3% das respostas e a terceira **É FRACO OU MEDROSO**, com 16,6%. Já quando se pergunta a homens sobre mulheres as categorias **ESTÁ NO TRABALHO ERRADO** e **É FRACO OU MEDROSO** aparecem empatadas com 23% das respostas.

Tabela 6: O que pensam sobre homem e mulher terem medo de uma tarefa perigosa, mas que faz parte de seu trabalho

CATEGORIAS RESPOSTA	GRUPO DE HOMENS (GH)		GRUPO DE MULHERES (GM)	
	Sobre homens f(%)	Sobre mulheres f(%)	Sobre homens f(%)	Sobre mulheres f(%)
Está no trabalho errado	4 (33,3%)	3 (23,0%)	2 (18,1%)	2 (18,1%)
É fraco ou medroso	2 (16,6%)	3 (23,0%)	3 (27,2%)	3 (27,2%)
Está certo em não realizar a tarefa	5 (41,6%)	5 (38,4%)	3 (27,2%)	3 (27,2%)
Se estava previsto, não pode ter medo			3 (27,2%)	3 (27,2%)
Quer chamar a atenção		1 (7,6%)		
Outros	1 (8,3%)	1 (7,6%)		
TOTAL	12 (100%)	13 (100%)	11 (100%)	11 (100%)

Nas respostas fornecidas pelas mulheres, três categorias aparecem empatadas, tanto sobre homens quanto sobre mulheres: **É FRACO OU MEDROSO**, **ESTÁ CERTO EM NÃO REALIZAR A TAREFA**, e uma categoria que só aparece para respostas de mulheres, a **SE ESTAVA PREVISTO, NÃO**

PODE TER MEDO, todas com 27,2%. A categoria que aparece por último, no GM, dentro das respostas sobre as mulheres é a ESTÁ NO TRABALHO ERRADO.

É bastante interessante, no caso das respostas dos homens, aparecer com tanta frequência a aceitação da interferência do medo, na realização de um trabalho, mesmo porque, como explica Dejours (2001), a virilidade dentro das relações de trabalho impõe que mínima demonstração de medo deve ser punida. Isso porque, segundo o autor, é como se o medo fosse “contagioso” e quando uma demonstração desse tipo acontece, existe o risco de todos sucumbirem a ele, o que atrapalha a boa realização do trabalho. Desse modo existe uma espécie de pacto viril entre os trabalhadores, que suprime o medo coletivo, mas não, é claro, sem conseqüências nocivas para sua saúde física e mental. Kimmel [s/d (b)] vai além, e usando como base uma pesquisa antropológica norueguesa de quase duas décadas atrás, afirma que:

Naquelas sociedades nas quais se permitia aos homens reconhecer o medo, níveis de violência eram baixos. Naquelas sociedades, no entanto, onde a bravata masculina, a repressão e negação do medo eram atributos definidores da masculinidade, a violência tendia a ser alta (p.8)¹⁶.

E ele conclui afirmando que se quisermos diminuir em alguma coisa os níveis de violência em nossas sociedades, é necessário, portanto, que seja criado um modelo masculino no qual o medo seja aceito.

É interessante como, segundo Copes e Hochstetler (2003), o mesmo se dá com criminosos jovens. Segundo os autores, existe um momento, geralmente logo antes de um crime, onde eles se juntam para se exhibir, contar vantagens, falar de histórias de crimes passados, exagerar na recompensa e subestimar os riscos do crime que estão para cometer. E nesse momento não pode haver hesitação ou demonstração de medo por parte de nenhum dos componentes da

¹⁶ In those societies in which men were permitted to acknowledge fear, levels of violence were low. In those societies, however, where masculine bravado, the repression and denial of fear, was a defining feature of masculinity, violence was likely to be high.

quadrilha, sob risco de ser rechaçado e humilhado, sendo destituído de sua identidade masculina.

Essa aceitação do medo, que aparece nos resultados da pesquisa, parece mostrar um progresso positivo, visto que leva a uma execução mais saudável do trabalho, o que pode levar mesmo a uma melhora no processo produtivo, o que seria uma vantagem também para a empresa, ou, se for o caso, da própria não realização do trabalho.

“Eu acho que ele está certo, porque o medo é uma virtude do homem, se o homem souber utilizar o medo ele vai se proteger muito mais, então se ele não se sentir seguro, ele não tem que fazer isso mesmo não, mesmo que seja rotineira, se naquele momento ele não se sentiu seguro, tá mais do que certo. Eu acho que tem que olhar esse sexto sentido” (H2; sobre homens).

É interessante como o entrevistado descreve o medo como um sexto sentido e principalmente, como o valoriza, visto que o que comumente se chama de sexto sentido é tipicamente associado ao feminino (como também o medo). E uma segunda fala se assemelha a essa, mas com um sentido quase oposto:

“Acho que com mulher rola até mais (medo), por causa de essa questão, acho que a mulher tem esse lado mais místico, menos controlado, mas mais místico, mais premonitório, então acho que a mulher está mais suscetível a essas questões, sei lá, sobrenaturais. Se uma mulher sonha que vai morrer se estiver trabalhando num torno mecânico e o homem sonha a mesma coisa, acho muito mais provável a mulher não trabalhar que o homem não trabalhar por conta desse medo”. (H1, sobre mulheres)

Enquanto que a fala do H2 claramente valoriza esses traços tipicamente femininos (medo e sexto sentido), o H1 exclui o medo e exalta a racionalidade do homem como uma característica que os torna mais aptos ao trabalho.

As duas outras categorias que aparecem no caso das respostas dos homens, no entanto, são as **ESTÁ NO TRABALHO ERRADO** em segundo lugar e **É FRACO OU MEDROSO** em terceiro, que concebem pejorativamente o trabalhador que em determinada situação sente medo. Vale notar que só foram agrupadas na categoria **ESTÁ NO TRABALHO ERRADO**, falas que claramente culpabilizavam o trabalhador, colocando-o como um empecilho e taxando-o

muitas vezes de irresponsável, numa super-valorização do processo de trabalho, em detrimento dos próprios trabalhadores. Foram falas como as seguintes:

“Está no trabalho errado. Se ele não está conseguindo fazer o trabalho dele, melhor arranjar outro (...) o cara tem medo, podia procurar outro emprego, tem a ver com produtividade, o cara não vai fazer o negócio direito com medo”. (H5, sobre homens)

“Acho que o cara tem que trocar de trabalho, acho que se o cara não consegue terminar a tarefa proposta então alguma coisa tá errada, ou o problema tá nele, ou ele não bate com aquele trabalho, então tem que trocar de campo, o que não dá é pra ficar empurrando com a barriga porque sempre empurra alguém do seu lado ou na frente. Então ele não tá capacitado para aquela determinada tarefa”. (H10, sobre homens)

Outras falas, que relativizavam a situação, explicando, por exemplo, que para seu próprio bem o trabalhador poderia buscar outra atividade, não foram agrupadas nessa categoria. A existência da categoria **ESTÁ NO TRABALHO ERRADO** reflete como hoje continua forte a concepção historicamente produzida do trabalho como algo quase transcendente ao próprio homem e que deve ser valorizado acima de tudo: o trabalhador, por sua vez, não pode ficar no caminho da realização do trabalho.

No caso das respostas das mulheres nota-se a categoria **SE ESTAVA PREVISTO, NÃO PODE TER MEDO**, que tem relação com a questão masculina da honra, de manter a palavra, promessas e decisões (analisada mais a fundo na tabela 16 **“O que pensam sobre a obrigação de homens e mulheres de honrar promessas que fazem”**). A questão da honra fica clara em falas como as seguintes:

“Eu penso que ele não está apto para o trabalho que ele foi designado. Porque se ele foi designado para um trabalho e isso estava nas cláusulas, isso estava previsto que poderia acontecer, ele deveria dar conta de fazer”. (M12, sobre homens)

“Ele pode ser fraco, nesse momento. Ele pode ser um cara fraco, porque se é o trabalho dele, se ele tem que desenvolver aquilo, se previamente ele se predispôs a fazer aquilo, eu acho que ele tem que ir até o fim e se ele não foi, eu acho que ele é fraco”. (M19, sobre homens)

“...eu talvez pensasse assim, se eu assumi um compromisso pra fazer aquilo e já estava estabelecido, eu não poderia ter medo porque eu assumi anteriormente, então aí no caso eu falaria, você é uma pessoa... que história é essa? Não pode acontecer isso! Agora se a situação

implica em coisas a mais, que não estavam previstas, eu acharia natural". (M11, sobre homens)

Percebemos que, como colocaram as entrevistadas, se a atividade não estava prevista na hora da contratação e da firmação do acordo, o trabalhador não precisa cumpri-la (ou seja, ele pode sentir medo e não realizar a tarefa devido a isso), mas se ele tinha conhecimento prévio de que teria que realizar essa atividade, não pode se recusar.

É interessante perceber como, mais do que os homens, as mulheres tendem a valorizar esse aspecto de assumir os compromissos mantendo-se firmes a eles diante de uma adversidade, o que pode ser verificado também na categoria FALTA DE CORAGEM E RESPONSABILIDADE, relacionada a **“Concepção de homem e mulher fraco (a)”** (Tabela 4), onde se verifica que mulheres, mais do que homens, tendem a caracterizar como fracos, aqueles que não cumprem o que se propuseram.

Por fim, uma última fala merece ser destacada, porque se relaciona a outro fator que aparece de maneira constante nas falas dos entrevistados: a concepção das mulheres como seres pouco confiáveis e amorais que se utilizam de artifícios pouco honestos para conseguir seus objetivos, que no caso da fala seguinte é simplesmente “chamar atenção”:

“Pode ser que a história dessa mulher faça ela pensar mais no individual do que o homem, pense um pouquinho mais nela, justamente pra equilibrar essa diferença que a sociedade faz, tenta aparecer um pouco mais, se arrumar mais, justamente pra equilibrar né, se a sociedade dá mais oportunidade pro homem, então tem que equilibrar de outra forma. Talvez tenha mais diferença por isso né, ‘ah não vou fazer o trabalho porque posso chamar atenção pra algum outro aspecto...” (H7, sobre mulheres)

Percebemos nesse enunciado que além de afirmar que a mulher pensa mais no individual que o homem (que pensa, portanto, mais no coletivo, é mais altruísta, como esse mesmo entrevistado afirma em outra parte da entrevista), sendo, portanto, mais egoísta e individualista, o sujeito afirma também que a mulher deixa de realizar o trabalho não devido a um medo genuíno mas porque pode chamar atenção para algum outro aspecto e com a intenção de ganhar

alguma coisa com isso. Seria uma atitude, portanto, premeditada e “enganadora”, que, de acordo com o modo como o sujeito coloca, seria própria das mulheres e dificilmente atitude de um homem.

A tabela 7 mostra as respostas de homens e mulheres quando perguntados se investiriam em um relacionamento prolongado com uma pessoa mal sucedida financeiramente. Também foi perguntado o que pensam homens e mulheres, nesse mesmo sentido sobre o sexo oposto: homens acham que mulheres investem em relacionamentos com homens mal sucedidos financeiramente? E o que as mulheres pensam a respeito dos homens?

Tabela 7: O que pensam sobre investir num relacionamento com pessoal mal sucedida financeiramente

	GRUPO DE HOMENS (GH)		GRUPO DE MULHERES (GM)	
CATEGORIAS DE RESPOSTA	Resposta Pessoal f(%)	O que pensa sobre a mulher f(%)	Resposta Pessoal f(%)	O que pensa sobre o homem f(%)
Só investe se houver potencial para mudança	2 (20%)	1 (8,3%)	7 (70%)	
Investe incondicionalmente	8 (80%)	2 (16,6%)	2 (20%)	8 (80%)
Não investe		3 (25%)	1 (20%)	2 (20%)
Depende do “tipo” de homem/ mulher		6 (50%)		
TOTAL	10 (100%)	12 (100%)	10 (100%)	10 (100%)

No caso das respostas dos homens, 80% deles dizem que incondicionalmente investiriam numa relação com uma mulher mal sucedida financeiramente, enquanto que 20% afirmam só investir se houver potencial para mudança, potencial para que a mulher saia desse estado. Perguntando-se sobre como imaginam ser o comportamento das mulheres, as respostas se dispersam. A maioria das respostas se refere à categoria DEPENDE DO TIPO DE

HOMEM/MULHER (50%), vindo em segundo a idéia de que as mulheres não investem de maneira alguma em homens assim (25%), seguida pelos que acham que elas investem sem problema algum (16,6%) .

Já a maioria das respostas das mulheres se enquadram na categoria SÓ INVESTE SE HOUVER POTENCIAL PARA MUDANÇA (70%), seguida pela categoria INVESTE INCONDICIONALMENTE (20%) e por ultimo a NÃO INVESTE (10%) que não aparece para as respostas dos homens. Quando perguntadas sobre o que pensam ser o comportamento dos homens com relação a esse assunto, 80% das respostas caem na categoria INVESTE INCONDICIONALMENTE e 20% na categoria NÃO INVESTE.

O fato de a maior freqüência de respostas dos homens ser a de afirmarem investir sem problemas em uma mulher mal sucedida, permite duas interpretações: a primeira e mais ingênua é a de que os homens não se importam tanto com a questão financeira, o que os leva a dar ênfase em outros aspectos da vida para a construção de um relacionamento duradouro; a segunda interpretação é a de que permanece ainda hoje uma concepção tradicional e machista de que o responsável pelo sustento da casa é o homem.

Usando, portanto, o tema referido na tabela 5, que explicita a concepção de homens e mulheres sobre pessoas bem sucedidas na vida, podemos inferir que a segunda interpretação que propusemos é mais plausível: homens se importam sim, com dinheiro, só não se importam muito com o fato de sua parceira não o possuir.

A única outra categoria que obteve “respostas pessoais” dentro do GH foi a SÓ INVESTE SE HOUVER POTENCIAL PARA MUDANÇA e ainda assim com baixa freqüência. O fato de que nenhuma resposta dos homens se enquadra na categoria NÃO INVESTE corrobora o que dissemos sobre os dados demonstrarem que permanece a concepção do homem como provedor. Afinal, se cabe a eles o sustento da casa, não têm porque se preocupar com a situação financeira da mulher com quem pretendem se relacionar.

A forte presença da categoria DEPENDE DO TIPO DE HOMEM OU MULHER, e ainda, de isso ocorrer somente dentro do GH, (a categoria, portanto,

poderia se chamar simplesmente “depende do tipo de mulher”) mostra mais uma vez a desconfiança dos homens com relação à capacidade moral das mulheres. É interessante como nos poucos casos em que algum homem afirmava somente investir em mulheres assim, se houvesse potencial para mudança, essa condição era justificada por algum motivo mais nobre, como eles preferirem mulheres independentes:

“Se ela fosse mal sucedida financeiramente e gostasse disso, não. Porque apesar de eu achar que ela pudesse ser bem sucedida, não seria a mulher pra mim, ela poderia ser bem sucedida se ela pegasse um cara rico, se ela fosse mal sucedida mas buscasse, corresse atrás disso, é mais o meu perfil de mulher, porque eu gosto de mulheres mais independentes...” (H1, sobre mulheres)

Quando se trata, no entanto de falar sobre a recusa das mulheres, normalmente há um julgamento moral envolvido, mesmo que de forma sutil:

“Muitas sim e muitas não (...) Acho que é um fator de peso para as mulheres, não de muito peso, mas acho que é um fator de peso. Eu acho que eu não ia querer uma mulher dessas.” (H6, sobre mulheres)

“Depende do tipo, do grau de amadurecimento dessa mulher...” (H8, sobre mulheres)

Dentro do GH, nas respostas dos homens sobre mulheres a categoria NÃO INVESTE apareceu em segundo lugar, demonstrando que os homens tendem a pensar que as mulheres valorizam bastante o aspecto financeiro, na hora de escolher um parceiro.

“Acho mais difícil (a mulher investir) porque a mulher procura o alicerce financeiro ali, a maioria procura no homem né. Com certeza pra escolher um homem pra casar ela vê o lado financeiro mais do que o homem, pra ela seria um problema maior”. (H2, sobre mulheres)

“Acho que não, acho que pela criação dela, a mulher procura, as mulheres procuram uma pessoa pra cuidar dela acho que tem muitas mulheres que tem essa visão de parceiro”. (H3, sobre mulheres)

E é interessante como a única fala dentro do GM, na coluna de respostas pessoais, que se enquadra na categoria NÃO INVESTE, se aproxima bastante

de algumas concepções que os homens têm sobre as mulheres, no sentido de que elas procuram sim, nos homens, um “alicerce financeiro”:

“Não investiria, porque eu não sairia da minha vida que eu vivia com a minha família, pra uma situação pior do que a que eu já vivi. Não vivo por causa da própria segurança assim que você tem com uma família que vai investir num casamento, numa relação duradoura, sabendo que eu vou piorar, sair do meu conforto pra uma coisa que não vai me trazer tanta segurança. Não investiria não”. (M20, resposta pessoal)

É uma fala em que a entrevistada se coloca como pouco autônoma, como incapaz de conseguir por ela própria sua independência e o conforto que possuía na casa de sua família, colocando o homem como o único capaz de prover-lhe isso.

E na verdade, de um modo geral, as respostas das mulheres não contradizem em muito a concepção dos homens, a maioria das mulheres afirma que só investiriam numa relação duradoura com um homem mal sucedido se houvesse potencial para mudança, para que ele “saísse do buraco”.

Em algumas falas, esse potencial está relacionado ao caráter ativo do homem:

“Investiria se ele não fosse uma pessoa acomodada...” (M12, resposta pessoal)

Mas na maioria somente se relaciona a uma preocupação com o estado de coisas a longo prazo:

“No nível que eu estou agora, isso até que não faz tanta diferença não tenho planos de me casar e constituir família no momento, agora eu acho que se fosse uma pessoa que eu investisse no relacionamento e ele começasse a se tornar uma coisa mais consistente e essa pessoa permanecesse nesse estado, eu não sei se eu iria querer continuar, porque você quer progredir junto com a pessoa, você quer que a pessoa melhore, então se ela continuasse assim, talvez eu não quisesse manter a relação”. (M17, resposta pessoal)

Talvez não seja exatamente o caso da resposta acima, mas mesmo com todas as mudanças e progressos que vemos acontecer nas relações de gênero os resultados presentes nessa tabela mostram como algumas concepções permanecem, como a do homem provedor. Apesar de isso se mostrar diferente

em alguns dos outros temas, essa contradição é normal, visto que essa questão do provedor, como muitas outras, possui diversos aspectos, alguns se modificam e outros não. Tanto o fato de os homens “não se importarem” em investir numa relação com uma mulher mal sucedida financeiramente, quanto a resistência das mulheres em investir num homem mal sucedido corroboram esse fato: o homem, apesar de tudo, continua com a carga de, em certos sentidos, servir como provedor financeiro.

Tabela 8: O que pensam sobre homens e mulheres muito sensíveis

CATEGORIAS DE RESPOSTA	GRUPO DE HOMENS (GH)		GRUPO DE MULHERES (GM)	
	Sobre homens f(%)	Sobre mulheres f(%)	Sobre homens f(%)	Sobre mulheres f(%)
É homossexual ou afeminado	4 (30,7%)		1 (6,6%)	
É bom ou normal ser sensível	5 (38,4%)	5 (41,6%)	7 (46,6%)	2 (15,3%)
É estranho e não natural	1 (7,7%)		1 (6,6%)	
Associa sensibilidade à fraqueza, covardia ou frescura	2 (15,3%)		4 (26,6%)	10 (76,9%)
Acham chato e irritante	1 (7,7%)	3 (25%)	2 (13,3%)	1 (7,7%)
Desequilíbrio e falta de controle		3 (25%)		
Outros		1 (8,3%)		
TOTAL	13 (100%)	12 (100%)	15 (100%)	13 (100%)

A respostas exibidas na Tabela 8 referem-se à questão sobre o que homens e mulheres pensam a respeito de homens e mulheres consideradas muito sensíveis. As respostas dos homens com relação a homens considerados muito sensíveis ficaram distribuídas do seguinte modo: **É BOM OU NORMAL SER SENSÍVEL** (38,4%), **É HOMOSSEXUAL OU AFEMINADO** (30,7%),

ASSOCIA SENSIBILIDADE A FRAQUEZA, COVARDIA OU FRESCURA (15,3%). Já as respostas dos homens com relação a mulheres muito sensíveis distribuíram-se assim: É BOM OU NORMAL SER SENSÍVEL (41,6%), seguidas por CHATO E IRRITANTE e DESEQUILIBRIO E FALTA DE CONTROLE, ambas com 25%.

No caso das respostas das mulheres sobre homens considerados muito sensíveis as respostas dividiram-se do seguinte modo: É BOM OU NORMAL SER SENSÍVEL (46,6%), ASSOCIA SENSIBILIDADE A FRAQUEZA, COVARDIA OU FRESCURA (26,6%), e ACHAM CHATO OU IRRITANTE (13,3%) e sobre mulheres muito sensíveis: ASSOCIA SENSIBILIDADE A FRAQUEZA, COVARDIA OU FRESCURA (76,9%) e É BOM OU NORMAL SER SENSÍVEL (15,3%).

O fato de a maioria das respostas dos homens considerar a sensibilidade como normal ou mesmo como uma qualidade nos homens aponta para um distanciamento de um modelo mais tradicional de masculinidade, onde não havia espaço para a sensibilidade, característica mais fortemente associada ao que é considerado feminino. Segundo a concepção tradicional, homens não são sensíveis, pelo contrário, devem ser durões, inabaláveis e racionais.

Uma fala do H6, ilustra o que vem ocorrendo nesse sentido e define bem de que maneira, nos dias atuais, deve ser a sensibilidade num homem:

“Eu acho maneiro assim, acho normal, acho bom. Pra começar eu acho que sou um cara muito sensível, eu tenho sensibilidade para as coisas que acontecem ao meu redor, as coisas que acontecem eu me sinto mal, eu não gosto de machucar as pessoas, não gosto de briga, de confusão. Eu gosto de ver filme romântico... não, filme romântico mais ou menos né... mas eu gosto de filme que me cause emoção assim, não tenho medo de sentir emoção, não tenho medo de chorar. Aí por mim assim, eu tiro a idéia que é um negócio tranquilo. Não acho que sensibilidade e masculinidade tenham alguma relação”. (H6, sobre homens)

Essa última frase do enunciado, que tenta de maneira explícita desvincular masculinidade de sensibilidade, no entanto, mostra a necessidade de se reiterar que apesar de sensível, isso não implica em ser ele “menos homem”, tamanha força com que a sensibilidade é tipicamente associada ao feminino. Isso serve também para mostrar que não se dissolve tão facilmente

uma concepção tão intrínseca e naturalizada como essa. Falas como a seguinte, ilustram isso:

“Aí entra pra um lado um pouco machista, eu acho que homem e mulher são seres bem distintos, por mais que exista hoje aí aquela questão de o homem ser mais... macio, mais tolhido, ainda assim a instituição corpo humano são coisas distintas, são hormônios que diferem, a agressividade masculina, a forma de pensar masculina (...) e está mais que provado que o indivíduo que invade esse espaço que não é natural dele é meio que diferente... mas então o homem que seja afeminado, é afeminado. É uma escolha, um formato de vida. (...) Muito sensível tende ao afeminado... acho que sensibilidade sempre foi um adjetivo feminino, sensibilidade, eu digo... muita. Então não tenho o que pensar dele, mas é estranho. Pensaria: estranho. É um cara estranho”. (H8, sobre homens)

O que se confirma ainda mais no fato de que a segunda categoria mais presente é a É HOMOSSEXUAL OU AFEMINADO:

“...se alguém fala um comentário qualquer ele se ofende então é sensível demais, é muito fresco, já puxa ah é veado pra cacete, não agüenta nada (...) Então não tenho uma idéia fechada pra cima de sensível, depende do contexto que ele me jogar na hora. Mas se for num contexto pejorativo, já digo logo, é bicha, aquele cara é veado”. (H5, sobre homens)

Tudo isso são boas evidências sobre como os homens nos dias atuais encontram-se sem referência, ou seja, encontram-se num momento de crise, como define Nolasco (1993). Eles devem sim ser sensíveis, mas ao mesmo tempo a sensibilidade ainda é vista como uma característica feminina e os homens acabam muitas vezes, como esses mesmos resultados demonstram, afastando-se do ideal de masculinidade hegemônico, tornando-se, portanto, menos homens, por se mostrarem sensíveis demais. Isso sem contar que além de sensíveis, devem também ser fortes e racionais, duas “características masculinas” que devem o tempo inteiro ser demonstradas pelos homens.

Além dessas duas categorias, aparece também ASSOCIA SENSIBILIDADE A FRAQUEZA, COVARDIA OU FRESCURA, onde o homem muito sensível é visto não como um homossexual mas como um fraco ou um covarde, algo que talvez, como explicado nas tabelas 12 “Amigos que se interessam pela mesma pessoa (o que deveria acontecer)” e 13 “Amigos que se interessam pela mesma pessoa (o que realmente acontece)”, o desqualifique ainda mais do que se o “xingassem” de mulher ou de homossexual, porque o

aproxima de termos como o de “mulherzinha” (verificar análises das tabelas 12 e 13) e retira dele totalmente o valorizado atributo da força, que pode estar presente numa mulher ou num homossexual (mas nunca num “mulherzinha”).

Nota-se que apesar da construção histórica (mas que muitas vezes é vista como um dado natural) que associa mulheres à sensibilidade, a frequência das respostas do GH sobre mulheres, que se enquadram na categoria É BOM OU NORMAL SER SENSÍVEL, é apenas pouco maior que a frequência dessa categoria quando se perguntou sobre homens sensíveis.

Já dentro do GM, existem diferenças maiores e de certa forma inesperadas. É interessante como quando se trata de homens, a maioria das mulheres considera a sensibilidade como uma qualidade positiva, mas quando se pergunta sobre mulheres, as respostas mostram que elas consideram mulheres muito sensíveis como fracas, covardes ou frescas. As respostas demonstram uma verdadeira repulsa por mulheres assim, como mostram as falas a seguir:

“Aí eu tenho preconceito. Não gosto de mulher fresca. (...) Então seria essa frescura e pra qualquer pessoa, mas eu acho muito mais difícil encontrar um homem com esse tipo de frescura do que uma mulher”. (M14, sobre mulheres)

“Mulher sensível é uma mulher fresca”. (M20, sobre mulheres)

“...chega uma hora que vai ser irritante, porque já esperam isso das mulheres, então além de ser muito sensível, ela é muito previsível e aí cara... por favor, cara, me poupe, porque não esperam que a mulher seja forte, esperam o contrário, então... é chato. Vai chegar num ponto que você vai falar: bicho, tá, mas para de chorar, por favor”. (M12, sobre mulheres)

E esse conteúdo está presente em parte considerável das respostas, de fato, todas as mulheres entrevistadas, pelo menos uma vez expressaram uma avaliação negativa por uma mulher muito sensível. Esse dado nos remete a dois fatores já verificados em nossas análises e que podem ser neste caso, associados entre si: 1) a tendência das respostas dos sujeitos deste trabalho a igualar, nos mais variados planos, homens e mulheres. Portanto, no sentido que mulheres muito sensíveis se afastam da concepção mais largamente difundida do que seja um homem (homens seriam pouco sensíveis), essas mulheres são

vistas com desconfiança; ou seja, se a tendência geral é igualar, tudo o que difere muito disso, tende a ser desqualificado; 2) a questão da *força*, altamente valorizada, que será explicada abaixo.

Ora, a sensibilidade sempre foi associada às mulheres e à feminilidade. Mas Osterne (2001), apoiando-se em Chauí, questiona esse fato, de as mulheres serem sempre consideradas “as sensíveis”, em uma sociedade racionalista onde sensibilidade é considerada uma forma menor ou mesmo, como coloca a própria autora, uma ausência de pensamento. Vale notar um questionamento de Chauí, apontado por Osterne (2001): “o eterno elogio à sensibilidade feminina não esconderia, afinal, uma enorme discriminação e não criaria o primeiro passo para a violência?” (p.130). Uma possibilidade que se apresenta, com relação a este tema é pensar essa repulsa das mulheres com relação à sensibilidade como uma tentativa de se livrar de um estigma de fraqueza e inferioridade intelectual, trazidos justamente pela idéia de sensibilidade, e de se aproximarem cada vez mais da razão e da força, aspectos tipicamente masculinos e muito mais valorizados socialmente.

E nos questionamos novamente a que preço essa igualdade vem sendo conquistada, visto que apesar de estarem as mulheres cada vez mais se aproximando dos homens, a impressão que fica é a de que os valores masculinos propriamente ditos e que levam à dominação, à desigualdade e à exploração, não vêm sendo questionados de maneira satisfatória, mas simplesmente buscados pelas mulheres como forma de igualdade, o que daria mais força ainda a esses valores.

E para finalizar, uma última fala merece ser destacada, devido ao seu conteúdo inusitado:

“...eu acho q a sensibilidade pode ser usada pra vários fatores na vida do cara, na verdade sensibilidade está muito ligada a bom senso, bom senso e isso são muito íntimos e pra mim, na minha concepção de várias coisas, bom senso dita você não ser tão estranho nem tão normal... um cara sensível eu acho que ele tem esse poder, isso que eu acho bom”. (H9, sobre homens)

É inusitada porque ao equacionar sensibilidade ao bom senso, e defini-los como o faz, o H9 produz um verdadeiro amálgama entre as duas bandeiras opostas do masculino e do feminino: razão e sensibilidade, desmontando totalmente essa dicotomia sem sentido e sem real fundamento, e que no entanto possui imensa força e influência no modo de pensar das sociedades ocidentais, onde são percebidos como mutuamente excludentes.

Tabela 9: O que pensam sobre homem ou mulher que age de forma considerada não racional

	GRUPO DE HOMENS (GH)		GRUPO DE MULHERES (GM)	
CATEGORIAS DE RESPOSTA	Sobre homens f(%)	Sobre mulheres f(%)	Sobre homens f(%)	Sobre mulheres f(%)
Associam a um desequilíbrio, histeria ou uma fraqueza	6 (46,1%)	4 (33,3%)	7 (43,3%)	7 (53,8%)
Associam a agressividade e irresponsabilidade	6 (46,1%)	4 (33,3%)	6 (37,5%)	4 (30,7%)
Usam como desculpa para seus atos, fazem showzinho		1 (8,3%)	1 (6,2%)	1 (7,7%)
Outros	1 (7,7%)	3 (25%)	2 (12,5%)	1 (7,7%)
TOTAL	13 (100%)	12 (100%)	16 (100%)	13 (100%)

A Tabela 9 mostra que quando se pergunta para homens e mulheres o que eles pensam a respeito de um homem ou mulher considerada como não muito racional, as duas categorias que predominam são: ASSOCIAM A UM DESEQUILIBRIO OU UMA FRAQUEZA; e ASSOCIAM A AGRESSIVIDADE E IRRESPONSABILIDADE, sendo que as duas categorias aparecem empatadas no GH, quando se pergunta sobre homens ou sobre mulheres e no GM se

observa uma leve preponderância da primeira, principalmente quando se pergunta sobre mulheres.

Os homens parecem associar mais a falta de razão a um desequilíbrio quando falam de homens do que quando falam de mulheres, ocorrendo o inverso dentro das respostas fornecidas pelas mulheres. E existe também uma preponderância nas respostas dos homens no que diz respeito a associar falta de razão à agressividade, se comparadas às respostas das mulheres.

Dentre todos os temas, este é o único onde praticamente somente aparecem respostas carregadas de negatividade. Em qualquer das três categorias, as respostas são como as seguintes, a primeira de um homem e a segunda de uma mulher:

“Acho que ele tinha que procurar se tratar, porque uma pessoa que age por impulso, que não consegue controlar suas emoções, ela só toma decisões erradas, pode machucar muitas pessoas, ferir muitas pessoas, acho que uma pessoa dessas devia procurar se tratar”. (H2, sobre homens)

“Eu tenho pavor, eu já passei por isso. Tenho nojo de gente assim, simplesmente ignoro. (O que é pra você agir de forma não muito racional?) Pra mim é tomar decisões sem pensar, muito por impulso e agressividade principalmente. Acho agressividade uma coisa totalmente irracional”. (H15, sobre homens)

As duas únicas respostas que não têm um sentido negativo foram enquadradas na categoria OUTROS. Uma refere-se à questão do ponto de vista, afirmando que o que é racional para uma pessoa, pode não ser para outra; e uma resposta que associa não-razão à emotividade, num sentido positivo.

Tal configuração de respostas mostra o quão forte e presente se faz, ainda hoje, o paradigma racionalista que emergiu na modernidade, principalmente com Descartes e que já foi analisado na introdução. De qualquer modo, o que se observa é que mesmo com a cobrança social e o desejo dos próprios homens de desenvolver sua sensibilidade, continua um estigma onde tudo o que não é racional é desqualificado, visto como um desvio, uma doença, como atos que prejudicam a própria pessoa ou outras ou até como algo moralmente errado.

Ambas as categorias predominantes e também a categoria USAM COMO DESCULPA PARA SEUS ATOS, FAZEM SHOWZINHO, onde o não-racional é visto como um engodo, uma falsidade ou uma desculpa da pessoa para atos considerados errados, nos remetem à questão da força e da honestidade, presentes na categoria HOMEM DE BEM (Tabela 1), onde temos que uma pessoa deve ser forte para assumir o que faz e as consequências dos atos que pratica. Dessa forma percebemos como a razão associa-se à força na construção de um modelo de masculinidade que, de acordo com as respostas que obtivemos, acaba por atuar cada vez mais, em mulheres também. No presente caso, por exemplo, as mulheres valorizam excessivamente o que é racional e pensam sim, que mulheres também devem agir de maneira racional, assim como os homens, algumas até enfatizando como é necessário que as mulheres adquiram a razão que os homens já possuem para uma melhora de sua situação no mundo profissional.

A diferença entre as respostas das mulheres e dos homens, refere-se ao tipo de desqualificação. As mulheres tendem a considerar como desequilibradas e fracas as que não agem racionalmente, mais do que as consideram como irresponsáveis, o que não acontece no caso do GH:

“...acaba sendo uma fraca, é uma fraca se ela faz isso é porque ela é uma fraca”. (M15; sobre mulheres)

Podemos então, associar tal fato ao que mencionamos no tema referido na Tabela 8, que diz respeito ao que as mulheres pensam a respeito do excesso de sensibilidade nas próprias mulheres: é uma fraqueza. Temos então que as mulheres, de acordo com as respostas, tendem a preferir ser (como os homens são considerados) mais racionais e menos sensíveis.

Nesse sentido destacamos uma fala bastante ilustrativa sobre o modo como é visto aquele que age de forma não muito racional:

“É um desequilibrado mental. Eu acho que todo homem é dotado da racionalidade pra saber o ponto certo de medir cada emoção: nem muito amor, nem muito ódio, nem muita raiva nem muita alegria”. (H8, sobre homens)

É talvez isso o que ocorre quando, como expõem Negri e Hardt (2001), a razão é utilizada como forma intermediária para todas as nossas conexões com o mundo: uma verdadeira anestesia, uma falta de intensidade no viver, uma busca por um lugar por demais acomodado de equilíbrio, que deve ser alcançado a qualquer custo.

Como explica Rolnik (1996):

As forças (imagens, sensações, experiências), ao invés de serem produtivas, ganham um caráter diabólico; o desassossego trazido pela desestabilização torna-se traumático (...) breca-se o processo, anestesiando a vibratidade do corpo ao mundo e, portanto, seus afetos (p.2).

Rolnik não fala especificamente da racionalidade nesse caso, mas o enunciado de nosso entrevistado se mostra claramente inserido no processo descrito por ela, indicando, um horror ao excesso, à desestabilização e ao menor sinal de desequilíbrio. Horror que parece estar sendo combatido com o auxílio da racionalidade, não, obviamente, sem tristes consequências. Obviamente não somos “contra” o que chamamos de equilíbrio, mas que este esteja sempre suscetível a desestabilizações e por que não, eventuais excessos que levem à mudança, em determinados momentos.

As tabelas 10 e 11, por possuírem a mesma temática, serão descritas e analisadas em conjunto.

Na tabela 10, podemos identificar a categoria É NORMAL A RECUSA como sendo a mais presente, tanto para o grupo de homens, quanto para o grupo de mulheres, seguida, a boa distância, pela categoria É HOMOSSEXUAL.

Tabela 10: O que pensam sobre solteiro (a) que rejeita um convite sexual

CATEGORIAS DE RESPOSTA	GRUPO DE HOMENS (GH)		GRUPO DE MULHERES (GM)	
	Sobre homens f(%)	Sobre mulheres f(%)	Sobre homens f(%)	Sobre mulheres f(%)
É homossexual	3 (15,7%)		1 (7,7%)	
É normal a recusa	10 (52,6%)	9 (81,8%)	10 (77,0%)	9 (90,0%)
Fazem uma crítica sobre como isso ainda serve como prova de virilidade	3 (15,7%)		1 (7,7%)	
Perdeu a chance	2 (10,5%)	1 (9,0%)		1 (10,0%)
Outros	1 (5,26%)	1 (9,0%)	1 (7,7%)	
TOTAL	19 (100%)	11 (100%)	13 (100%)	10 (100%)

Tabela 11: O que pensam sobre solteiro (a) que sempre aceita convites sexuais

CATEGORIAS DE RESPOSTA	GRUPOS DE HOMENS (GH)		GRUPOS DE MULHERES (GM)	
	Sobre homens f(%)	Sobre mulheres f(%)	Sobre homens f(%)	Sobre mulheres f(%)
É bom, normal aceitar	8 (80,0%)	4 (33,3%)	6 (60%)	5 (38,4%)
É bom, se estiver fazendo porque quer e não para se mostrar ou provar algo	2 (20,0%)	3 (25%)	2 (20%)	3 (23,0%)
Condena a atitude		5 (41,6%)	2 (20%)	5 (38,4%)
TOTAL	10 (100%)	12 (100%)	10 (100%)	13 (100%)

Esse é, talvez, de todos os resultados apresentados o que demonstra com mais clareza um certo progresso positivo com relação a modelos tradicionais de masculinidade hegemônica, onde o homem deve se mostrar sexualmente ativo em todos os momentos. Como bem disse o H5, em se tratando de virilidade: “é aquele que comparece sempre”.

Apesar dessa fala, todos os homens entrevistados, em algum momento apontam como sendo normal a recusa do homem em dormir com uma mulher que o convida, mesmo que três o classifiquem como homossexual.

É interessante frisar ainda que desses homens entrevistados, outros três ainda fazem uma crítica sobre como o fato de não recusar um convite sexual ainda serve como prova de virilidade, segue uma delas:

“Não, eu nem acho porra nenhuma... comigo mesmo, ah, a mulher está dando mole, mas você não tá afim... pô, nada a ver, igual um amigo meu, ficou todo preocupado por que se ele não pegasse a mulher, a gente ia dizer que ele é bicha... pô, maior palha isso, inútil...” (H10, sobre homens)

É uma crítica que mostra um certo cansaço dos homens em ter, o tempo inteiro que se mostrar viris para seus colegas. Copes e Hochstetler (2003) afirmam que os atores demonstram que são apropriadamente masculinos ou femininos realizando comportamentos que os outros possam facilmente interpretar dentro de um sistema avaliativo formado culturalmente. Kimmel [s/d (a)], por sua vez, faz um comentário bastante interessante:

Uma das coisas que eu percebi ultimamente é que isso (Kimmel falava de como todos temos em nós, um lado feminino e como isso pode emergir na hora “errada”) leva a um terceiro nível de homofobia, que é o medo de outras pessoas nos perceberem como sendo gay (...) Para ter certeza que ninguém tenha a idéia errada de que eu possa de alguma maneira ser gay, uma pessoa faz um repertório elaborado de comportamentos, idéias, exhibições... aquele terror que alguém nos veja como gays abastece a maneira como falamos, agimos, nos vestimos, nos movemos no mundo – para ter certeza que ninguém tenha a idéia errada. Como resultado a homofobia se torna uma verdadeira camisa de força, nos empurrando para uma definição de masculinidade bem tradicional... (p.2)¹⁷

¹⁷ One of the things that I’ve noticed lately is that that leads to a third level of homophobia, which is the fear that other people might perceive us as being gay (...) To make sure no one could get

E isso, esse horror a ser percebido como gay foi o que aconteceu com o amigo do H10, ou, se não tanto, pelo menos o horror a não ser percebido como enquadrado nos parâmetros mais tradicionais da masculinidade hegemônica. Por fim, seu comportamento e sentimentos foram determinados por esse horror. A angústia que sentiu acabou por determinar que ele “pegasse a mulher”. Mas a coisa não para por aí, e percebemos que o peso exercido pela masculinidade hegemônica e suas exigências são ainda mais brutais: fica clara na fala do H10 um tom negativo com relação à atitude do amigo, afinal ele cedeu a pressões sociais e fez algo que na realidade, não queria. Foi enfim um fraco, foi passivo, não tomou o controle da situação como um verdadeiro homem faria. É nítido que um progresso parece estar se dando em relação à sexualidade, mas não na questão do caráter ativo, do enfrentamento, e do controle presentes na masculinidade hegemônica.

E Haenfler (2004), no que diz respeito à sexualidade percebe algo parecido em suas análises sobre o movimento straight-edge, apontando que esse é um aspecto em que o movimento mostra seu lado mais progressista, no sentido de os homens não precisarem se provar uns aos outros ou às mulheres em termos de conquistas sexuais, sendo que essas conquistas, como o autor coloca, são vistas, assim como a bebida, de maneira diversa da visão mais tradicional da masculinidade hegemônica: são vistas como fraqueza, como vício, como uma falta de controle sobre si mesmo, o que se aproxima do que encontramos em nossas respostas.

E dentro da categoria OUTROS encontramos uma fala que se relaciona à do H10:

“só não pode recusar, se for por medo” (M16, sobre homens)

the wrong idea that I might somehow be gay, one goes through an elaborate repertoire of ideas, behaviors, displays... that terror that someone might see us as gay fuel all the ways in which we talk, act, dress, move in the world – to make sure no one could get the wrong idea. As a result homophobia becomes a real straight jacket, pushing us toward a very traditional definition of masculinity...

Ambas as falas nos remetem à questão da força e da coragem, às quais já nos referimos. Tudo bem que o homem recuse o convite sexual, o que não pode ocorrer é uma recusa devido ao medo e à covardia. Do mesmo modo algumas respostas da categoria É NORMAL A RECUSA, exemplificadas pelo enunciado acima, também estão de acordo, ao afirmarem que o homem não deve aceitar o convite, baseado no que seus pares vão pensar sobre ele e sua sexualidade. O homem deve ser forte para enfrentar o grupo a que pertence ou não merece fazer parte dele.

Em se tratando de mulheres, tanto no GH quanto no GM, as respostas, apesar de também aparecerem com maior frequência na categoria da normalidade, o fazem por outros caminhos. Nesses casos, o que é dito é que o normal é exatamente a mulher recusar tais convites, devido à cultura, sociedade, criação individual e transmissão de valores. Mas não deixa de ser interessante uma resposta feminina que diz que a mulher que recusa, *“perdeu uma chance de ficar com um cara gato”*, (M13, sobre mulheres).

A fala aponta na direção da tão falada liberação feminina que, como demonstra a tabela 11, ainda parece um pouco distante do ideal proposto pelas feministas, visto que a maioria das respostas do GH, quando se refere a homens, cai na categoria É BOM OU NORMAL ACEITAR, mas quando se trata das mulheres, a maioria se enquadra na categoria CONDENA A ATITUDE, o que mostra que com relação aos homens se mantém uma permissividade, mas com relação às mulheres que aceitam muitos convites sexuais a concepção é negativa, e nas respostas encontradas, adjetivos como “puta” e “galinha” se somam a convicções do tipo:

“...eu não ficaria com uma mulher assim.” (H9, sobre mulheres)

Ou ainda, num enunciado de uma mulher:

“Não acho saudável. Não só por ser mulher, mas porque fica uma imagem ruim” (M16, sobre mulheres)

É até notório um certo “susto”, um desconforto que os homens tem sentido com relação a essa nova forma, mais, digamos, agressiva, das mulheres no que diz respeito a sua busca por parceiros:

“Acho que pode estar acontecendo uma coisa ruim que esta acontecendo muito com as mulheres hoje em dia, talvez por causa de uma super... não é feminilidade, um super feminismo, que na verdade não é feminismo, é um machismo às avessas e a mulher esta se sentindo na obrigação de correr atrás do prejuízo, eu vejo isso muito acontecendo. Eu vejo muito as mulheres, que na maioria das vezes querem estabilidade, um namorado e tudo mais saírem dando pra um monte de gente, se obrigando a ter esse desapego sexual, esse desapego de poder não querer... ela tem que dar, é igual ao homem, essa pressão social de ter que comer e acho que esta acontecendo muito com mulher...” (H1, sobre mulheres)

Essa acaba também sendo, apesar de um pouco machista, uma fala que problematiza certas questões que já vínhamos tratando aqui, como a aproximação das mulheres de certos valores masculinos considerados como pouco positivos. A seguinte, no entanto, é puramente machista e parece até mesmo deixar transparecer um sentimento de ameaça, sentido pelo sujeito:

“Hoje em dia está muito complicado rapaz, têm horas que você tem que se fingir de veado pra segurar as pontas, porque tem mulher dando tiro pra tudo que é lado aí, então tem hora que você tem que pensar duas vezes porque senão... a cada ano que passa as coisas vão mudando, há 20, 30 anos atrás, você não veria a situação que você vê hoje de mulher cantando homem, partindo pro ataque e assim por diante”. (H4, sobre mulheres)

Vale notar que nenhum homem condena outro que aceita muitos convites sexuais e que as mulheres condenam mais as mulheres que assim o fazem do que condenam os homens, o que mostra como persiste esse aspecto bem tradicional da masculinidade, que diz respeito à sexualidade, e isso persiste inclusive nas mulheres.

A categoria intermediária É BOM SE ESTIVER FAZENDO PORQUE QUER E NÃO PARA SE MOSTRAR OU PROVAR ALGO, é mais uma que, em certo sentido, pode se associar à questão da força interna e individual: um homem ou mulher deve estar seguro do que quer e fazer as coisas porque assim o deseja e não para provar algo para alguém.

Tabela 12: Amigos que se interessam pela mesma pessoa (o que deveria acontecer, segundo os entrevistados)

CATEGORIAS DE RESPOSTA	GRUPO DE HOMENS (GH)		GRUPO DE MULHERES (GM)	
	Sobre homens f(%)	Sobre mulheres f(%)	Sobre homens f(%)	Sobre mulheres f(%)
Transparência, conversa e acordo	8 (66,6%)	8 (80%)	5 (41,6%)	9 (69,2%)
Dar espaço para a mulher/homem decidir	1 (8,3)		2 (16,6%)	
Competição saudável	3 (25%)	2 (20%)	5 (41,6%)	4 (30,7%)
TOTAL	12 (100%)	10 (100%)	12 (100%)	13 (100%)

Tabela 13: Amigos que se interessam pela mesma pessoa (o que realmente acontece, segundo os entrevistados)

CATEGORIAS DE RESPOSTA	GRUPO DE HOMENS (GH)		GRUPO DE MULHERES (GM)	
	Sobre homens f(%)	Sobre mulheres f(%)	Sobre homens f(%)	Sobre mulheres f(%)
Transparência, conversa e acordo	4 (40%)	3 (27,2%)	3 (27,2%)	2 (20%)
Disputa, briga, desonestidade	6 (60%)	8 (72,7%)	8 (72,7%)	8 (80%)
TOTAL	10 (100%)	11 (100%)	11 (100%)	10 (100%)

As tabelas 12 e 13 serão descritas e analisadas em conjunto porque tratam do mesmo tema.

A tabela 12 mostra que quando se pergunta a homens sobre que atitude dois amigos que se interessam pela mesma mulher deveriam tomar, a maioria responde que deveria haver TRANSPARÊNCIA, CONVERSA E ACORDO entre

os dois. Já uma outra parcela de respostas, também considerável, afirma que o que deveria acontecer é uma COMPETIÇÃO SAUDÁVEL, ou seja, que eles podem disputar a mulher, mas sem usar de “truques sujos”, como a mentira, por exemplo. Já dentro do GM, ocorre um empate quando se trata de responder sobre homens, entre as categorias TRANSPARÊNCIA CONVERSA E ACORDO e COMPETIÇÃO SAUDÁVEL, mas quando se fala sobre as mulheres, a história muda e a categoria TRANSPARÊNCIA CONVERSA E ACORDO se sobressai.

Essa questão foi elaborada para analisar a associação de alguns aspectos de dois pontos presentes na quase totalidade dos modelos masculinos, principalmente dos ocidentais: a competitividade e a sexualidade.

O que se verifica, dentro do GH, é que os homens não prezam tanto essa competitividade quanto se esperaria de um modelo de masculinidade tradicional, onde o homem se equipara ao macho de outras espécies, devendo disputar com outros machos o direito de usufruir da fêmea. Pelo contrário, o que se encontra é uma vontade e uma cumplicidade dos homens no sentido de se firmar acordos para que a amizade se mantenha. Se isso, no entanto, parece se configurar como uma quebra de certos valores masculinos, outros com certeza são exaltados. Sobre o assunto, Badinter (1993) expõe:

Imobilizado na ação, o herói viril não para de enfrentar outros homens (...) o enfrentamento não impede os sentimentos viris. Aliás a amizade entre homens – de coloração homossexual latente – reforça a masculinidade ameaçada pelo amor a uma mulher. Em caso de conflito entre dois sentimentos, quase sempre é o dever de solidariedade masculina quem vence: o caubói parte para novas aventuras... (p. 135)

De fato, o que se percebe ao longo da história e também no cotidiano é que os homens tendem a formar verdadeiras confrarias onde a presença da mulher é inconveniente em alguns casos, e formalmente proibida em outros (podemos pensar em grupos desse tipo desde amigos numa mesa de bar, até a maçonaria). Os laços de amizade entre homens se dão de tal maneira que muitas vezes a mulher é percebida como uma ameaça. Algumas falas do H1 ilustram bem como a mulher é muito pouco bem-vinda nesses círculos:

“eu sempre uso esse termo: de vez em quando tem homens que são ‘mulherzinha’, não no sentido efeminado do termo, mas no sentido de intrigueiro, de gerar picuinhas (...) é uma sensibilidade vingativa e não tão transparente (...) de forma geral a mulher vai e pega (o homem) escondido ou então vai e pega pra sacanear, pra poder ficar com o homem, mesmo sendo amiga (...) o homem é mais transparente, tem vínculos de amizade mais intensos e mais respeitosos”. (H1, sobre homens)

E Trindade e Nascimento (2004) fazem uma análise exatamente sobre o mesmo termo: “mulherzinha” que condiz quase que perfeitamente com o modo como nosso entrevistado o utiliza:

O termo “mulherzinha”, relacionado aos homens com menor “grau” de masculinidade, aponta para uma caracterização não diretamente calcada no feminino. O diminutivo, pejorativamente utilizado, localiza o sujeito ao qual é atribuído em um espaço menos favorável que o da mulher, possivelmente esse é o preço a ser pago pela renúncia ao ideal de alcançar em maior grau os atributos típicos da masculinidade... (p.153).

Trindade e Nascimento estão, no caso, falando do caráter ativo do homem, quando se referem a esses atributos típicos da masculinidade. Nosso entrevistado, no entanto, se refere às qualidades do “HOMEM DE BEM”, como honestidade e transparência, que já vimos nessa pesquisa como bastante presentes nos modelos de masculinidade tradicionais. De qualquer maneira, a falta de atives ou de honestidade caracterizam o homem como mulherzinha.

O “strike team” (mais ou menos traduzido como “grupo de assalto”) da série “The Shield” pode ser visto como um exemplo dessas confrarias masculinas de que falamos. Ele é formado por quatro policiais que, apesar de corruptos, enfrentam gangues e traficantes da pior espécie, com a verdadeira intenção de “limpar as ruas”. E além disso precisam lidar com o cerco que cada vez mais se fecha em torno deles dentro da delegacia em que trabalham.

Os quatro conseguem se manter vivos e fora da prisão somente graças à amizade e à confiança que compartilham entre si, definidas em determinado momento por Vic Mackey, o líder do Strike Team, como “brotherhood”. E no fim da terceira temporada da série, quando o Strike Team é finalmente destruído, isso não se deveu aos seus inimigos, traficantes ou policiais, que por mais

poderosos que sejam sempre sucumbem, mas à perda de confiança interna do grupo, de uns pelos outros e à dissolução desses laços de amizade masculinos que mantinham o grupo indestrutível. E “obviamente” essa dissolução ocorreu exatamente por culpa de uma mulher que, como não poderia deixar de ser, de acordo com a visão que em diversos momentos os homens têm, é intrigueira, vingativa e “pouco transparente”, como a caracterizaria o H1. E essa concepção de que as mulheres tentam os homens a se desviarem de seu caminho é algo largamente difundido em nossa sociedade, como destaca Giffin (1994), em parte citando Seidler:

Na medida em que a mulher é identificada com a natureza/corpo/emoção, e o homem com a cultura/mente/razão, as mulheres são vistas como ‘constantemente tentando os homens a desviarem do caminho da razão e da moralidade’. A mulher é sedutora, pecadora, responsável pela atração sexual do homem e portanto guardiã da moralidade (p. 151)

É interessante ainda como a respeito disso, Garlick (2000) mostra como os homens aproximam as mulheres da morte:

As mulheres e a morte compartilham, tradicionalmente as mesmas características; as duas são vistas (pelos homens) como misteriosas, ambíguas, irrepresentáveis e ameaçadoras ao senso de totalidade e estabilidade de um homem (p. 167).¹⁸

E de fato, é assim que os criadores da série “The Shield”, não necessariamente todos homens, visto que em nossos resultados, algumas falas de mulheres também as colocam como menos capazes moralmente que os homens, as concebem, visto que é uma delas quem destrói a totalidade e a estabilidade do grupo de amigos, consequentemente causando sua morte.

E podemos, dentro desse contexto da hegemonia da razão, utilizar a crítica de Nietzsche (1998), para tentarmos entender o surgimento dessa concepção negativa a respeito das mulheres. Na medida em que elas

¹⁸ Woman and death traditionally share the same characteristics: both have been seen (by man) as mysterious, ambiguous, unrepresentable, and threatening to man’s sense of wholeness and stability.

supostamente se distanciam da razão, não possuem capacidade para o controle (de si e do mundo), sendo incapazes de *prometer* e cumprir as próprias promessas, tornando-se, portanto, criaturas pouco confiáveis, assim como seria um homem não suficientemente forte.

O empate entre as duas categorias (TRANSPARÊNCIA, CONVERSA E ACORDO e COMPETIÇÃO SAUDÁVEL) dentro das respostas do GM demonstradas na tabela 12, mostra que nesse caso elas tendem, se comparadas às respostas dos homens, a preferir a competição, principalmente no caso de dois homens que se interessam pela mesma mulher. Na situação inversa, no entanto, a maioria das respostas indica que elas pensam que mulheres que se interessam pelo mesmo homem não deveriam competir, mas entrar num acordo. Tal configuração de respostas ilustra como as mulheres podem atuar no fortalecimento de aspectos pouco positivos dos modelos de masculinidade, por vezes mais até do que os próprios homens, no presente caso estimulando e cobrando uma competitividade entre os homens. E isso se torna ainda mais evidente pelo fato de que, de acordo com as respostas, isso não se aplica também a elas próprias: fica algo como se somente os homens devessem competir entre si pelas mulheres, elas não. Essa qualidade de respostas não deve também, deixar de fortalecer concepções como as do H1, que os homens costumam ter a respeito das mulheres.

A tabela 13 explicita o que os sujeitos pensam realmente acontecer quando dois amigos se interessam pela mesma pessoa. Apesar das respostas da tabela 12, a maioria dos homens admite que, na realidade, o que parece acontecer mais entre eles é uma disputa desleal pelo objeto de desejo, ficando a categoria TRANSPARÊNCIA, CONVERSA E ACORDO pouco menos presente que DISPUTA, BRIGA E DESONESTIDADE muito mais presente quando se referem a mulheres que se interessam pelo mesmo homem, o que confirma a concepção verificada na tabela 12, de que os homens pensam as mulheres como mais competitivas e desleais.

E no caso, as próprias mulheres se consideram mais competitivas e desleais, visto ser maior a frequência da categoria DISPUTA, BRIGA E DESONESTIDADE para mulheres do que para homens, no GM.

Tabela 14: Qual a principal responsabilidade de um homem ou uma mulher para com o filho

CATEGORIAS DE RESPOSTA	GRUPO DE HOMENS (GH)		GRUPO DE MULHERES (GM)	
	Sobre homens f(%)	Sobre mulheres f(%)	Sobre homens f(%)	Sobre mulheres f(%)
Transmitir valores	7 (36,8)	6 (28,5%)	6 (42,8%)	7 (46,6%)
Sustentar financeiramente	4 (21%)	4 (19,0%)	1 (7,1%)	
Educação formal	3 (15,7%)	3 (14,2%)	2 (14,2%)	2 (13,3%)
Cuidados afetivos	5 (26,3%)	7 (33,3%)	5 (35,7 %)	6 (40%)
Dar de mamar		1 (4,7%)		
TOTAL	19 (100%)	21 (100%)	14 (100%)	15 (100%)

Na tabela 14 explicita-se o que responderam homens e mulheres sobre as principais responsabilidades de um homem ou mulher para com seus filhos. No GH, a maioria das respostas se enquadra na categoria TRANSMITIR VALORES, que é seguida pela CUIDADOS AFETIVOS e logo depois pela SUSTENTAR FINANCEIRAMENTE. Em se tratando das responsabilidades das mulheres, a categoria que aparece primeiro é CUIDADOS AFETIVOS, seguida por TRANSMITIR VALORES e então SUSTENTAR FINANCEIRAMENTE.

No GM, as mulheres também consideram como a principal responsabilidade dos homens para com os filhos a transmissão de valores, e depois cuidados afetivos e em terceiro aparece a EDUCAÇÃO FORMAL. E sobre elas próprias as mulheres respondem que em primeiro lugar, sua responsabilidade é TRANSMITIR VALORES, seguida por CUIDADOS AFETIVOS e então EDUCAÇÃO FORMAL.

É interessante notar como os homens consideram sua principal responsabilidade a transmissão de valores positivos, o que se associa claramente com a categoria mais presente na tabela 1 “Concepção de homem e mulher responsável” a HOMEM DE BEM. Se um homem responsável é um homem de bem, nada mais lógico que a principal responsabilidade de um homem seja transmitir esses valores “de bem” para seu filho, para que este se torne, também, um homem responsável.

Seguindo essa linha de pensamento, ocorre, no entanto, algo “ilógico” quando se pergunta aos homens sobre as responsabilidades das mulheres para com os filhos, porque apesar de na Tabela 1, a categoria HOMEM OU MULHER DE BEM aparecer também como mais proeminente para as mulheres dentro do GH, na presente tabela, a que aparece com mais força é a categoria CUIDADOS AFETIVOS, apesar de a diferença de frequência não ser tão grande.

De qualquer modo, essa frequência de respostas ilustra como persiste, pelo menos entre os homens essa datada noção de que ao homem cabe “educar” o filho, ou seja, transmitir valores positivos, e à mulher cabe supri-lo afetivamente. A fala seguinte mostra exatamente isso:

“...em primeiro lugar a educação, porque eu acho que as coisas tem que ser divididas entre o casal, um da mais um pouco carinho, outro educação, por uma questão ate de referência, eu tenho muito isso, questão de referencia dentro da família, porque misturar muito as coisas, depois o bolo pode desandar, então eu acho que cada um tem que ter uma função dentro de casa”. (H4, sobre homens)

Tal concepção dos homens de que as mulheres não tem tanta responsabilidade na transmissão de valores aos filhos é talvez, a característica mais importante deste tema, mesmo porque, segundo longa formação histórica, confirmada por diversas falas dessa pesquisa, para os homens, as mulheres não possuem um senso moral tão forte e correto que possam transmitir aos filhos, sendo melhor, portanto, que se ocupem de ser carinhosas e afetuosas com os pequenos. Isso também se relaciona ao que expõe Vigoya (2001), utilizando-se dos dados de uma pesquisa realizada por Latapí, no México, onde ele descobre que as mulheres têm um papel importante nas atividades de seus

filhos mais voltadas ao âmbito doméstico, mas têm um papel menos significativo nas decisões relacionadas às atividades dos filhos no reino do público.

Podemos perceber desse modo, que o homem toma para si a responsabilidade de tornar seu filho um homem de verdade, se levarmos em consideração que a honestidade e os “bons” valores apareceram nessa pesquisa como sendo parâmetros quase que definidores das formas de masculinidade mais valorizadas e que em algumas falas dos homens pudemos perceber como, para eles, as mulheres não seriam muito confiáveis nesse aspecto. É como se as mulheres não possuíssem, em sua natureza, o necessário para criar os filhos como um homem de verdade.

E Bly, (2005) com sua visão essencialista, e em diversos aspectos reacionária, concorda, ao explicar como os “demônios da desconfiança” agem no ocidente no sentido de cortar os laços entre os homens velhos e novos, o que enfraquece a posição de mentor e impede a iniciação dos homens jovens na forma adequada, essencial e interior de masculinidade, tornando os homens passivos e ingênuos, a ponto de deixar que a mulher governe a casa (!).

Ferber (2000) explica bem a cultura mitopoética nesse sentido, tomando como base as obras de Bly e Messner:

É a natureza feminina degradar a masculinidade de um garoto, então uma mulher não pode criar um garoto para ser um homem (...) ele pode em algum aspecto não ter uma face masculina, ou ele pode até mesmo não ter face alguma (...) garotos só se tornam homens com a ajuda de outros homens (p.50).

Por outro lado a questão financeira que coloca o homem como provedor fica obscurecida, em favor dessas outras ligadas à honestidade, valores morais e afeto, o que de certa forma surpreende positivamente. E surpreende também que dentro do GM, essa categoria aparece com menos força ainda (somente em uma das respostas) porque esse resultado vai contra o que se mostra na tabela 7, **“O que pensam sobre investir num relacionamento com pessoa mal sucedida financeiramente”**, onde fica claro que as mulheres não tem tendência

a um investimento em uma relação a longo prazo com um homem mal-sucedido e que preferem homens bem sucedidos financeiramente.

As mulheres, no entanto, acreditam que sua responsabilidade principal com relação aos filhos não é a de fornecer afeto (ficando essa categoria em segundo lugar) mas também transmitir valores, o que é compatível com as respostas da tabela 1, onde também assumem que a principal responsabilidade das mulheres é “ser de bem”.

Ainda assim, segundo as respostas, as mulheres pensam que sua responsabilidade no que diz respeito ao fornecimento de afeto aos filhos é maior do que a dos homens, o que confirma a permanência dessa concepção histórica que já mencionamos.

Vale citar a pouca importância que ambos os grupos deram à categoria EDUCAÇÃO FORMAL, o que é preocupante e mostra como as pessoas andam desacreditadas do valor de tal forma de educação, apesar de Siqueira (1997) ter encontrado uma grande preocupação com essa questão na família que investigou.

A tabela 15 mostra que quando perguntados sobre o que pensam sobre alguém que não está conseguindo um bom desempenho sexual, a maioria dos entrevistados, tanto do grupo de homens quanto do de mulheres afirmam pensar que se trata de um problema psicológico da pessoa. Dentro do GH essa categoria é seguida, quando se refere a sobre homens, pela PROBLEMAS NA VIDA (onde se inclui a questão do trabalho e do emprego) e logo abaixo segue PROBLEMAS NA HORA DO SEXO COM O PARCEIRO. Ainda dentro do GH quando se pergunta sobre mulheres, a segunda categoria mais presente é PROBLEMAS NA RELAÇÃO, seguida por PROBLEMAS NA HORA DO SEXO COM O PARCEIRO.

Tabela 15: O que pensam sobre um homem ou mulher que não está tendo um bom desempenho sexual

CATEGORIAS DE RESPOSTA	GRUPO DE HOMENS (GH)		GRUPO DE MULHERES (GM)	
	Sobre homens f(%)	Sobre mulheres f(%)	Sobre homens f(%)	Sobre mulheres f(%)
Problemas psicológicos	6 (28,5%)	4 (28,5%)	7 (25%)	6 (25%)
Problemas físicos	2 (9,52%)	1 (7,1%)	5 (17,8%)	3 (12,5%)
Problemas na vida	4 (19%)		5 (17,8%)	4 (16,6%)
Problemas na relação	2 (9,52%)	3 (21,4%)	3 (10,7%)	3 (12,5%)
Problemas na hora do sexo com o parceiro	3 (14,2%)	2 (14,2%)	5 (17,8%)	4 (16,6%)
É normal	1 (4,7%)	1 (7,1%)	1 (3,5%)	1 (4,1%)
Deve procurar tratamento	2 (9,5%)	1 (7,1%)	2 (7,1%)	1 (4,1%)
Outros	1 (4,7%)	2 (14,2%)		2 (8,3%)
TOTAL	21 (100%)	14 (100%)	28 (100%)	24 (100%)

Já no GM, ocorre um empate entre três categorias no segundo lugar, em se tratando de homens: PROBLEMAS FÍSICOS, PROBLEMAS NA VIDA e PROBLEMAS NA HORA DO SEXO COM O PARCEIRO, seguidas em terceiro pela PROBLEMAS NA RELAÇÃO. E quando se trata de falar sobre mulheres, o GM coloca em segundo lugar, empatadas: PROBLEMAS NA VIDA e PROBLEMAS NA HORA DO SEXO COM O PARCEIRO e em terceiro, também empatadas: PROBLEMAS FÍSICOS e PROBLEMAS NA RELAÇÃO.

Essa questão foi elaborada para investigar um pouco mais a questão da sexualidade, tão presente nos valores associados à masculinidade. O que se descobre através das respostas e que condiz com as respostas das tabelas 10 “Solteiro (a) que rejeita convite sexual” e 11 “Solteiro (a) que sempre aceita tais convites”, é que pelo menos com relação à sexualidade, parece haver uma certa

tendência à mudanças com relação a paradigmas tradicionais de masculinidade, onde o que define o homem é indissociável de seu desempenho e apetite sexual. A grande maioria das respostas considera, de fato, um desempenho sexual que deixa a desejar como um problema (seja físico, psicológico, na vida, na relação do casal em geral ou especificamente da hora do sexo e etc.) com apenas um mínimo de respostas se enquadrando na categoria É NORMAL, mas esse problema não tende a se ligar a opiniões negativas sobre a questão, a uma culpabilização do indivíduo ou mesmo a um questionamento sobre a opção sexual da pessoa, com algumas raras exceções que foram enquadradas na categoria OUTROS.

Apesar disso, uma análise mais aprofundada dos resultados mostra sim, alguns aspectos que levam ao modelo de masculinidade e a diferenças no que diz respeito a concepções de homem e mulher. Assim, a segunda categoria que mais aparece no GH, por exemplo, em se tratando de homens, associa um desempenho sexual problemático a fatores como trabalho, dinheiro e empregabilidade, sendo que essa categoria *nem aparece* nas respostas dos homens quando falam nas mulheres. É como se, de acordo com as respostas, esse tipo de problema dissesse respeito somente aos homens e afetasse somente os homens, não tendo tanta relevância para mulheres, que afinal, como mostra a tabela 7 (**“O que pensam sobre investir num relacionamento com pessoa mal sucedida financeiramente”**) tendem a procurar no homem, seu “alicerce financeiro”, como bem define o H2 ou alguém que “cuide delas”.

As mulheres, no entanto, quando falam delas mesmas destacam a categoria PROBLEMAS NA VIDA, como a segunda mais presente, mostrando que esse tipo de problema afeta seu desempenho sexual. E as mulheres também colocam essa categoria como importante para o desempenho do homem, admitindo que problemas na vida podem afetar o desempenho deles.

Outro ponto interessante é como os homens consideram (como fica bastante presente no senso comum) que as mulheres são mais afetadas sexualmente por problemas na relação do que eles próprios, enquanto que as mulheres não colocam essa questão como uma das mais pertinentes para elas

mesmas e colocam também que o modo como as coisas se desenrolam na cama, entre o casal, pode afetar o homem, diminuindo a responsabilização dele por seu próprio desempenho, o que parece ser uma novidade.

Quando perguntados sobre a importância de se manter uma promessa, a grande maioria dos entrevistados, tanto do grupo de homens quanto do grupo de mulheres demonstrou dar grande valor ao fato de cumprir o que se prometeu, mas respeitando certos limites morais, como o respeito à lei ou à vida. Esse tipo de resposta foi agrupado na categoria DEVE FAZER O MÁXIMO, MAS COM CERTOS LIMITES.

Tabela 16: O que pensam sobre a obrigação de homens e mulheres de honrar promessas que fazem

CATEGORIAS DE RESPOSTA	GRUPO DE HOMENS (GH)		GRUPO DE MULHERES (GM)	
	Sobre homens f(%)	Sobre mulheres f(%)	Sobre homens f(%)	Sobre mulheres f(%)
Deve fazer o máximo mas com certos limites	5 (50%)	6 (60%)	7 (70%)	7 (70%)
Deve cumprir	1 (10%)	1 (10%)	2 (20%)	2 (20%)
Deve avaliar a situação atual antes de cumprir	2 (20%)	2 (20%)	1 (10%)	1 (10%)
Deve cumprir se for uma promessa para si mesmo	2 (20%)			
Outros		1 (10%)		
TOTAL	10 (100%)	10 (100%)	10 (100%)	10 (100%)

Dentro do GH aparece em segundo lugar, tanto sobre homens, quanto sobre mulheres a categoria DEVE AVALIAR A SITUAÇÃO ATUAL ANTES DE CUMPRIR, apesar de bem abaixo da primeira categoria. E empatado com essa categoria, mas somente quando se pergunta sobre homens, vem a categoria

DEVE CUMPRIR, SE FOR UMA PROMESSA PARA SI MESMO, que não aparece quando se pergunta sobre as mulheres. Já a categoria DEVE CUMPRIR aparece em terceiro lugar quando se pergunta sobre homens ou mulheres.

Verificando o GM percebemos que a categoria DEVE CUMPRIR aparece em segundo lugar e a DEVE AVALIAR A SITUAÇÃO ATUAL ANTES DE CUMPRIR aparece em terceiro, ambas idênticas no que diz respeito a homens ou mulheres.

A questão do cumprimento das promessas foi, desde longa data, associada ao homem e à masculinidade e a presente questão foi elaborada tendo em vista uma análise semelhante à da tabela 1: “Concepção de homem e mulher responsável”, que analisa como um sistema de valores que, como o nosso, é baseado em uma responsabilização individual excessiva, acaba por levar à culpabilização, o que além de gerar sofrimento, ajuda na manutenção de certas forças do modo de produção capitalista.

No presente tema, nos propomos a tentar analisar, baseados em parte no que levanta Nietzsche (1998), como foi criada uma necessidade de se moldar um homem totalmente responsável e previsível, para servir aos propósitos e aos interesses de uma certa ordem: afinal, como um homem que não fosse assim, responsável e previsível, se adequaria, por exemplo, ao mundo do trabalho como ele se apresenta hoje?

Uma fala do M12, relacionada à Tabela 1, ilustra bem esse fato e associa masculinidade à responsabilidade e ao cumprimento da palavra e das promessas:

“responsável pra mim é um homem que cumpre o que diz que vai fazer (...) eu acho que homem responsável, é aquilo que meu avô dizia, um homem que diz que vai fazer alguma coisa e faz.”

Um homem assim é *senhor de si*, é *senhor do mundo*. Ele cumpre as suas promessas porque acredita ter controle sobre si mesmo e sobre a natureza, sob toda e qualquer circunstância que possa de alguma maneira afetar

sua vida. É o “self-made man” tão valorizado pelos norte-americanos, poderoso, e na maioria das vezes branco e heterossexual.

Masserschmidt (2000) mostra como essa obsessão masculina por controle pode ter conseqüências desastrosas ao analisar como homens que sentem-se inadequados por não se sentirem possuindo tal controle como seus colegas homens, podem partir para caminhos sinistros, como o abuso sexual de crianças, a fim de conseguir esse controle.

O controle, poder e excitação sexual associada com a dominação sexual proveu Sam com um recurso masculino contextualizado onde outros recursos masculinos não estavam disponíveis. Mais ainda, ele não era simplesmente adequado como masculino, ele era agora supermasculino¹⁹ (p.293).

Mais uma vez percebemos a questão da *força* de que já comentamos tanto em diversos dos temas anteriores, como presente nesse tema também: somente um homem forte é capaz de cumprir suas promessas ou de ser capaz de não prometer, quando sabe que não é possível cumprir.

O fato de a categoria mais presente, tanto no grupo de homens quanto no grupo de mulheres ser, por uma boa diferença de frequência, a categoria DEVE FAZER O MÁXIMO MAS COM CERTOS LIMITES, mostra a força que possuem os valores ligados ao cumprimento da palavra e das promessas, havendo pouco espaço para relativizações ou uma análise de contexto da situação nesse sentido: se prometeu, deve cumprir, com as ressalvas, como já foi dito, de certas limitações morais. Limitações essas que podemos dizer estarem ligadas a fatores bastante presentes na tabela 1, e que se enquadram na categoria HOMEM DE BEM. Associando essas respostas, podemos ver surgir alguns aspectos de um novo paradigma de homem: que cumpre as suas promessas,

¹⁹ The control, power, and sexual arousal associated with the sexual domination provided Sam with a contextually based masculine resource where other masculine resources were unavailable. Moreover, he was not simply adequate as a male; he was now supermasculine.

mas, por valorizar acima de tudo a honestidade, não o faz se para isso tiver que violar o que ele e a sociedade consideram como sendo o correto.

O fato de a categoria que se encontra em segundo ser DEVE AVALIAR A SITUAÇÃO ATUAL ANTES DE CUMPRIR, enquanto que no GM é DEVE CUMPRIR mostra uma tendência das mulheres a valorizar ainda mais o cumprimento das promessas do que o homem, o que vai contra o que aparece por exemplo nos resultados das tabelas 7 **“O que pensam sobre investir num relacionamento com pessoa mal sucedida financeiramente”**, 12 “Amigos que se interessam pela mesma pessoa (o que deveria acontecer)” e 13 “Amigos que se interessam pela mesma pessoa (o que realmente acontece)”, onde a concepção de homens e mulheres a respeito das mulheres é que elas são, em diversos sentidos, pouco confiáveis, amorais, competitivas e enganadoras, ou seja, são incapazes de cumprir com as próprias promessas.

As respostas que aparecem na categoria AVALIAR A SITUAÇÃO ATUAL ANTES DE CUMPRIR são das mais interessantes, visto que contrariam a questão da força, do individualismo excessivo e do suposto controle que exerce o homem, valorizando a ética como exercício de pensamento e as contextualizações dos fatos e situações, apontando cada situação como específica e que portanto merece ser pensada em sua imanência, mesmo que, no caso do H2, por exemplo, ele aponte a razão como única forma de assim proceder. Então, quando perguntado se um homem deve cumprir suas promessas a qualquer custo, sua resposta foi:

“Não, ele tem que analisar, porque ele pode ter feito a promessa numa época que estava inserida num contexto e hoje quando ele foi cobrado pra honrar a promessa, isso vai causar muito mais benefícios do que prejuízos então ele tem que analisar sempre racionalmente”.

E a resposta do M20 também vai pelo mesmo caminho, e desta vez valorizando em nada o pensamento racional:

“Não, não acho. Eu acho que tem coisas que você promete hoje, a situação que você vive esta te propiciando a prometer, só que daqui a 5, 6 anos, a pessoa passa a viver situações que fazem com que ele pense diferente, ou que... lembrei de um conto do Machado de Assis, um homem e uma mulher fizeram juras de amor e fidelidade e o cara precisa viajar e quando ele

volta a mulher esta com outro, aí ele fala que 'só fui embora porque você me prometeu fidelidade', e ela fala: 'mas quando eu prometi, era verdade, mas aconteceram muitas coisas que me fizeram não mais pensar em você como eu pensava antes', então eu acho que promessas não são tão válidas assim não".

A questão do amor, levantada pela entrevistada, mostra claramente o pouco controle que possuímos sobre nossas ações, pensamentos e sentimentos: ninguém escolhe quem vai amar, ou por quanto tempo, e o mesmo se dá para qualquer outro aspecto de nossa vida. A ilusão da “escolha consciente”, do “livre-arbítrio” é um dos pilares de sustentação do modelo de masculinidade que mais procuramos analisar, visto que dá sustentação a vários de seus componentes mais importantes como a força e a razão e é o que abre possibilidade para a culpabilização do sujeito. Quando, no entanto, tiramos do sujeito a carga do livre-arbítrio, vários de seus componentes perdem o sentido de ser: não existe culpa em se quebrar uma jura de amor, na acomodação de um desempregado ou na depressão de um homem de negócios que já dura mais de dois anos, simplesmente porque o tempo todo, tudo o que podemos fazer e que efetivamente fazemos, não é o que escolhemos, mas sempre o melhor que podemos. Ou teríamos feito diferente.

A tabela 17 mostra que quando perguntados sobre se um homem ou mulher com uma família “pode” agir desonestamente, se disso depender seu emprego, a maioria dos entrevistados, tanto do grupo de homens, quanto do grupo de mulheres enuncia respostas que se enquadram na categoria CONDENA O ATO, seguida a uma distância considerável (tanto no GH quanto no GM) pela categoria ACEITA QUE SEJA FEITO. Note-se no GH, no que diz respeito a homens, essa categoria aparece empatada com duas outras: SÓ UMA VEZ PODE e DEPENDE DO TIPO DE DESONESTIDADE. Essas duas categorias aparecem em terceiro lugar quando se pergunta sobre mulheres.

Para o GM a segunda categoria que mais aparece quando se pergunta sobre homens é ACEITA QUE SEJA FEITO, seguida por SÓ SE NÃO SUJAR O PRÓPRIO NOME, e quando se pergunta sobre mulheres, as duas categorias ACEITA QUE SEJA FEITO, SÓ SE NÃO SUJAR O PRÓPRIO NOME, aparecem empatadas na segunda colocação.

Tabela 17: O que pensam sobre um homem ou mulher agir desonestamente em prol da família

CATEGORIAS DE RESPOSTA	GRUPO DE HOMENS (GH)		GRUPO DE MULHERES (GM)	
	Sobre homens f(%)	Sobre mulheres f(%)	Sobre homens f(%)	Sobre mulheres f(%)
Condena o ato	5 (45,4%)	6 (54,5%)	7 (70%)	8 (72,7%)
Aceita que seja feito	2 (18,1%)	2 (18,1%)	2 (20%)	1 (9%)
Só uma vez pode	2 (18,1%)	1 (9%)		
Depende do tipo de desonestidade	2 (18,1%)	1 (9%)		
Só se não sujar o próprio nome			1 (10%)	1 (9%)
A mulher é mais suscetível a esse ato devido aos filhos		1 (9%)		1 (9%)
TOTAL	11 (100%)	11 (100%)	10 (100%)	11 (100%)

Essa questão foi elaborada para se verificar até que ponto, o paradigma de dever ser o homem o provedor continua presente, principalmente se confrontada com algo como a honestidade. O que se percebeu foi que em poucos momentos durante as falas dos entrevistados, a questão do homem provedor emergiu, dando espaço para a valorização da honestidade, que como já demonstramos durante a exposição e análise dos dados, se fez bastante presente nas falas dos entrevistados.

Mais uma vez, no entanto, somos obrigados a reiterar que a questão da força e do controle estão presentes nesse tipo de resposta: a pessoa deve ser capaz de enfrentar o que for, em nome da honestidade. Obviamente não estamos aqui prezando a desonestidade, nem afirmando que as pessoas devam ser desonestas para manter seus empregos, mas não podemos deixar de colocar em análise esse fator tão presente, abstrato e valorizado que é essa força individual, interna e ativa que separa os vencedores dos perdedores.

Essa qualidade de respostas também condiz com as respostas referidas na Tabela 1 “Concepção de homem e mulher responsável”, onde a categoria mais presente é a do HOMEM / MULHER DE BEM e com as respostas mencionadas na tabela 14 **“Qual a principal responsabilidade de um homem ou uma mulher para com o filho”**, onde, como na tabela 17, a questão do provimento fica obscurecida pelas categorias relacionadas aos valores morais à honestidade. Mas vai contra as respostas da tabela 7 **“O que pensam sobre investir num relacionamento com pessoa mal sucedida financeiramente”**, onde a situação financeira do homem se faz bastante presente. O que podemos concluir desse desacordo é que a questão financeira é importante dentro dos modelos de masculinidade ocidentais e que a concepção do homem como provedor, em certa medida se mantém, mas que, mais forte que isso, emerge a questão da honestidade. Quando, portanto, confrontada com a honestidade, esses outros fatores acabam por ficar obscurecidos mesmo.

As categorias pouco presentes DEPENDE DO TIPO DE DESONESTIDADE e SÓ UMA VEZ PODE são as que tentam relativizar um pouco a questão, (não querendo aqui entrar no mérito se algo como a honestidade deva ser relativizado) não a tomando em termos absolutos. Uma fala do H1, ilustra um pouco essa tentativa, e acaba por enfocar a questão da responsabilidade por outros ângulos, como o da responsabilidade para com os funcionários, em detrimento de associá-la a uma honestidade em termos mais absolutos, de plena concordância com a lei.

“Mas depende também do tamanho da transgressão. Não vou declarar imposto de renda, vou fazer uma trambicagem aqui nos meus impostos porque eu sou um pequeno empresário, os impostos que são taxados são absurdos, se eu pagar esse troço minha vida vai ficar difícil, talvez eu feche a fábrica, talvez eu acabe com os empregos que eu to dando... nesse caso vai lá, não paga imposto, faz a trambicagem aí que está tudo bem, acho importante até”.
(H1, sobre homens)

Ou então, como coloca o H5, que se enquadra na categoria SÓ UMA VEZ PODE:

“Acho que a partir do momento que você tem que fazer algo desonesto pra se manter em um emprego, a partir desse momento, se você fez, é bom começar a procurar outro emprego, porque aquele não vai ser bom pra você, você vai se sentir mal... acho que você pode até fazer uma vez no desespero, mas continuar naquele mesmo erro sempre, acho ruim”.

Um outro tipo de fala interessante, incluído na categoria OUTROS, explicita o mesmo conteúdo de algumas respostas que encontramos nessa pesquisa, a de colocar a mulher como um ser com pouca moral. No presente caso, a mulher, por supostamente valorizar demais a questão familiar e o cuidado com os filhos, acaba por ser mais suscetível à desonestidade, ou mesmo a coisas “piores”, como a loucura. Citamos então o M15, que inclusive é do sexo feminino, quando ele afirma enfaticamente:

“Mas é mãe né, e ela faria de tudo, do possível e do impossível pra manter a família né, e continuar sustentando a família, faria uma loucura”.

Tabela 18: Concepção de homens e mulheres sobre masculinidade e virilidade

	MASCULINIDADE		HOMEM VIRIL	
CATEGORIAS DE RESPOSTA	GRUPO DE HOMENS (GH) f(%)	GRUPO DE MULHERES (GM) f(%)	GRUPO DE HOMENS (GH) f(%)	GRUPO DE MULHERES (GM) f(%)
Bom desempenho sexual	1 (5,2%)		7 (43,7%)	3 (15%)
Força física e beleza	1 (5,2%)	3 (18,7%)	2 (12,5%)	5 (25%)
Homem de bem	4 (21%)	2 (12,5%)		4 (20%)
Força interior e individual	6 (31,5%)	5 (31,2%)	6 (37,5%)	4 (20%)
Racionalidade	1 (5,2%)	4 (25%)		
Atitudes de homem	4 (21%)	1 (6,2%)		
Mantém a família	2 (10,5%)	1 (6,2%)		
Outros			1 (6,2%)	4 (20%)
TOTAL	16 (100%)	19 (100%)	20 (100%)	16 (100%)

A tabela 18 busca demonstrar como responderam os sujeitos quando perguntados sobre como concebiam um homem viril e como concebiam a masculinidade. A maior parte das respostas sobre a concepção de masculinidade, tanto de homens quanto de mulheres, a associa à questão da força “interior”, onde se enquadravam respostas como “forte”, “seguro de si”, “sabe o que quer”, seguida pelas categorias HOMEM DE BEM e ATITUDES DE HOMEM, empatadas no segundo lugar, no caso dos homens e RACIONALIDADE nas respostas das mulheres. Em terceiro para os homens aparece MANTÉM A FAMÍLIA, seguida em quarto por BOM DESEMPENHO SEXUAL e FORÇA FÍSICA E BELEZA. E finalmente, para as mulheres, em terceiro, aparece FORÇA FÍSICA E BELEZA e em quarto HOMEM DE BEM, seguidos por ATITUDES DE HOMEM e MANTÉM A FAMÍLIA.

As respostas dos sujeitos do sexo masculino dentro deste tema, condizem com o que vinha sendo respondido por eles em questões anteriores, associando tudo o que se relaciona ao masculino a dois fatores: a força e a honestidade, em seus mais diversos aspectos. No caso dos resultados presentes nessa tabela podemos encontrar em algumas das falas de homens, o que podemos definir como sendo essa força:

“(masculinidade) É segurança, passar segurança pra outra pessoa, você não ter medo de desafios, de enfrentar, mais ligado à figura de protetor mesmo.” (H2)

“É uma pessoa que mantém uma família, é responsável, um ser que demonstra força, que é ativo, acho que não consigo pensar mais..”. (H3)

“Fortaleza, serenidade, um pouco de auto-confiança”. (H8)

“tem a ver com força, não que seja uma coisa machista, mas às vezes você tem que ser a base de alguma coisa, vamos dizer família, por exemplo... não que você tenha que ser isso sozinho, mas força pra mim tem a ver com isso aí... que mais?” (H9)

Como pudemos verificar nesse e em diversos outros temas por nós abordados, esse construto abstrato *força*, parece permear praticamente tudo o que se relaciona a masculinidade hoje, muito mais, inclusive, do que a razão, que supúnhamos a princípio, possuir mais importância. Sem esquecer é claro

que força e razão se interrelacionam e por vezes até se confundem na construção do modelo de masculinidade que mais tratamos aqui: afinal é através da força e da razão que o homem torna-se senhor de si, dos eventos ao seu redor e da própria natureza.

A questão da honestidade, que aqui comparece na categoria HOMEM DE BEM, ao longo de nossa análise, se mostra quase tão presente quanto a força e é um dos poucos pontos em que podemos perceber uma clara diferença de concepção sobre homens e mulheres: a honestidade está muito mais vinculada aos homens. Mulheres ainda são a “Eva”, traíçoeiras e pouco confiáveis. Até mesmo a força, característica tipicamente masculina aparece de maneira quase tão presente quando se pergunta sobre as mulheres, mesmo nas respostas dos homens sobre as mulheres.

A categoria ATITUDES DE HOMEM aparece quando os sujeitos tentavam definir masculinidade em termos de atitudes que os homens têm e as mulheres não, mas não especificavam bem que atitudes eram essas. Podemos citar o H4, para ilustrar:

“Eu acho que é um cara que tenha características físicas e nas atitudes, como um homem. No seu modo de falar, de agir, vestuário, se ele tem essas características, você consegue perceber a masculinidade dele”.

Ou o H6:

“Mas pra mim, independente se é bom ou ruim, porque eu acho que não tem isso, mas pra mim, é o grau que o cara gosta de mulher. Ou gosta de homem, ou tem atitudes mais de homem”.

As respostas das mulheres, como já verificamos, também prezam mais a questão da força interior, no que diz respeito à masculinidade. O fato de a segunda categoria mais presente ser a RACIONALIDADE mostra que as mulheres, mais do que os homens, consideram esta característica como masculina. E de fato, somente um sujeito do sexo masculino associou razão a masculinidade. Uma fala do M11, mostra como isso é presente nas mulheres e

indica como elas sentem essa suposta ausência de racionalidade nas mulheres como uma verdadeira falha e um verdadeiro diferencial no campo profissional.

“Masculinidade pra mim tem a ver com o lado da razão. Acho que o homem consegue usar mais a razão do que a mulher, ver as coisas com menos emoção. Então masculinidade pra mim tem a ver com isso, que a pessoa muito racional, ela separa as coisas, isso é profissional, isso é família, isso é uma atitude masculina, as vezes, eu acho. A pessoa não colocou empecilho, ela não falou ah que ela vai achar isso, vai achar aquilo, não, tem essa não, é uma pessoa objetiva, é isso e pronto. Então acho que isso tem a ver com masculinidade, racionalidade bem objetiva. (...) Ah eu acho que ajuda muito (a racionalidade objetiva), nós as mulheres sermos mais racionais em determinados momentos, principalmente no campo profissional, a gente precisa dessa racionalidade no campo profissional, algumas mulheres deixam o lado emocional de lado, mas eu acho que nós mulheres estamos aprendendo um pouco a lidar com a razão e a emoção. A principio era uma atitude masculina, eu via como uma atitude masculina, mas hoje eu vejo que as mulheres tem essa capacidade têm que investir nisso”.

É interessante mostrar nesse momento uma fala do H9, que apesar de ser do sexo masculino contrapõe totalmente o que diz o M11:

“Cara, eu vou te falar que eu não conheço nenhuma mulher com esse perfil aí, não racional. Parece que a mulher é dotada de um bom senso que o homem às vezes não tem. (...) Talvez a mulher seja mais controlada, sei lá”.

É uma fala que surpreende porque, indo contra concepções mais tradicionais e aceitas em nossa sociedade, associa mulheres ao bom senso, ao controle e à racionalidade, colocando-a inclusive acima do homem nesses aspectos. Tal colocação continua mostrando aquilo que já vínhamos verificando: uma tendência a se igualar homens e mulheres nos mais variados aspectos da vida e em termos de características pessoais.

Já a categoria FORÇA FÍSICA E BELEZA aparece mais para mulheres do que para os homens, mostrando que para elas, mais do que para eles, masculinidade tem a ver sim, com os aspectos exteriores e como o homem lida com o próprio corpo.

E finalmente, a categoria MANTÉM A FAMÍLIA, que se liga à questão do provedor aparece muito pouco, para ambos os grupos. E isso tem sido uma constante nas respostas dos sujeitos, com uma exceção sendo a tabela 7 **“O que pensam sobre investir num relacionamento com pessoa mal sucedida**

financeiramente”, onde a questão financeira parece importar bastante para as mulheres, quando se trata de escolher um parceiro e pouco para os homens, indicando que nesse caso, o peso do provimento acaba por recair sobre os homens.

Sobre o homem viril a maior parte das respostas dos homens entrou na categoria BOM DESEMPENHO SEXUAL, que foi seguida pela categoria FORÇA INTERIOR E INDIVIDUAL e depois pela FORÇA FÍSICA E BELEZA.

Já as respostas das mulheres foram bem constantes, sendo que a categoria mais presente foi FORÇA FÍSICA E BELEZA, seguidas por três categorias empatadas em segundo lugar: HOMEM DE BEM, FORÇA INTERIOR E INDIVIDUAL e OUTROS, com BOM DESEMPENHO SEXUAL ficando por último.

A palavra virilidade é, de longa data, associada à sexualidade. E os homens, nessa pesquisa, mantiveram essa tradição, associando virilidade a um bom desempenho sexual. Em outras, no entanto, o termo homem viril foi visto de maneira pejorativa, como foram os casos seguintes:

“O que é um cara viril frente à sociedade? Um cara bonitão, gostosasso, come tudo mundo... um homem viril pra mim... um cara de peru grande? Um ator pornô?” (H9)

“Ah, um cara, másculo, com atitude e sei lá, é machista... é a imagem que eu faço assim. (...) É tipo um cara é um reprodutor... o reprodutor e só”. (H10)

Isso mostra uma tendência de alguns homens a recusar esse perfil de reprodutor, a recusar a fama de possuir uma sexualidade desenfreada e sem controle, concepção de homem que continua presente e valorizada em nossa sociedade. Algo semelhante ao que nos mostra a tabela 8 **“O que pensam sobre homens e mulheres muito sensíveis”**, onde as mulheres demonstram repulsa pela característica de ser sensível, quando associada a mulheres, associando isso à frescura ou fraqueza.

Podemos inferir que essa recusa de homens e mulheres aos pólos mais exagerados e estereotipados (mas que por muito tempo foram valorizados e

aceitos) do que se considera como masculino e feminino condiz com o que mostram vários de outros resultados de nossa pesquisa: uma tendência a se pensar homens e mulheres de maneira cada vez mais parecida, tanto em termos de cobrança moral, quanto sexuais, de inserção no mundo e no mercado de trabalho, cuidado com os filhos e assim por diante.

Em segundo lugar aparece a categoria FORÇA INTERIOR E INDIVIDUAL, também bastante presente na concepção de homem viril. Já discorreremos bastante sobre essa questão de modo que vale apenas ressaltar uma fala que relaciona força, virilidade e violência e mostra a que extremos deve um homem chegar para ser considerado viril:

“Viril? (...) o cara forte, o cara que chega lá e diz que é isso mesmo, que luta até o final, acho que é tipo isso assim. (...) é um cara forte nas atitudes dele, um cara que vai lá, até faz merda e dá porrada também. Isso também, às vezes, inclui também dar porrada”. (H6)

E de fato, Kimmel [s/d (b)] explica que desde cedo, garotos aprendem que a violência não somente é uma forma aceitável de se resolver conflitos, mas uma que é admirada. Ele mostra que até dentro da academia e por psicólogos essa visão é valorizada, visto que muitos deles acreditam que um garoto deve empregar todos os meios possíveis para defender o que é seu, sob pena de crescer para se tornar um covarde.

Violência tem feito parte do significado de hombridade, parte das maneiras pelas quais os homens tradicionalmente testaram, demonstraram e provaram sua hombridade. Sem outro mecanismo cultural pelo qual garotos jovens podem vir a pensar a si mesmos como homens, eles avidamente abraçaram a violência como um caminho para se tornarem homens²⁰ (p.5).

E complementa:

A capacidade para a violência – contra outros homens e contra mulheres – é peça central para uma grande variedade de

²⁰ Violence has been part of the meaning of manhood, part of the way men traditionally tested, demonstrated and proved their manhood. Without another cultural mechanism by which young boys can come to think of themselves as men, they’ve eagerly embraced violence as a way to become men.

*masculinidades por todo o mundo. Um homem é um homem quando está disposto a batalhar contra seus inimigos – tanto percebidos quanto reais – e não tem medo de usar expressões físicas para tal*²¹ (p.8).

Percebe-se que, como também aponta Ramirez (1995), homens tendem a uma certa disposição ao confronto com outros homens. Mesmo, portanto, que essa disposição não chegue aos extremos da violência física, percebemos como esse aspecto agressivo da masculinidade hegemônica ocidental serve para estimular uma competitividade excessiva.

As respostas das mulheres sobre o homem viril recaem mais sobre a questão da FORÇA FÍSICA E BELEZA, deixando por último aquela categoria mais presente para os homens e que, como dissemos condiz com a concepção tradicional que associa virilidade e sexualidade. Obviamente a força física e a beleza se relacionam diretamente com a sexualidade, o que não afasta tanto assim as respostas das mulheres das dos homens, apenas enfocando elas, em outro aspecto da sexualidade que não o desempenho sexual propriamente dito.

Nesse caso podemos também nos aproximar de Mosse (1996), quando ele explica a importância do corpo, para a construção de um certo modo de masculinidade ocidental. Nos séculos XVIII e XIX se definiram padrões corporais estéticos para uma beleza masculina que requerem que se faça do corpo uma verdadeira escultura. Esses padrões perduram até hoje, até mesmo no Brasil, e Trindade e Nascimento (2004) explicam o sentido que isso tem, dentro dos valores masculinos.

É essa concepção de sacrifício, com sentidos de autocontrole e embate, seja contra a natureza, seja contra o próprio corpo, que precisa ser esculpido, trabalhado, malhado, que nos remete a um atributo nuclear da masculinidade brasileira: o caráter ativo no contato com o mundo (p.152).

Essa relação que as mulheres fazem entre o viril e o corpo forte, remete, portanto, à questão da necessidade do homem de ser forte e ativo no contato

²¹ The capacity for violence – against other men or against women – is a centerpiece for a wide variety of masculinities throughout the world. A man is a man who is willing to do battle against his enemies – both perceived or real – and is unafraid of physical expressions.

com o mundo e como isso também é cobrado pelas mulheres. Algumas falas sobre “Investimento em pessoa mal sucedida financeiramente”, ilustram essa cobrança:

“Ah, uma pessoa que não tem perspectiva, porque tem pessoas que ficam satisfeitas com uma condição que não é aquela que elas são capazes de chegar. (...)Então se a pessoa tem todo esse aparato e ela não quer crescer, não quer fazer o mínimo esforço pra dar um passo além do que ela já tá, essa pessoa não tem potencial, não quer ter... potencial ela tem, mas não quer ser bem sucedida”. (M12, resposta pessoal)

“Investiria se ele não fosse uma pessoa acomodada...”. (M18, resposta pessoal)

Não é difícil também perceber como esses fatores são importantes para alguns aspectos do modo de produção capitalista: tanto a saúde do corpo e sua força, como a atives masculina contribuem para a manutenção e exploração da força de trabalho e da competitividade.

Um outro tipo de fala interessante, inserido na categoria OUTROS, mas que aparece de maneira semelhante, pode ser ilustrado pela seguinte colocação:

“...o problema é fingir aquilo que eu não sou e não perder a essência. Não me incomoda o cara ser homossexual, ele pode ser homossexual, veado, o que quiser, mas aí é que vem a diferença entre o homossexual e o veado, porque ele tenta ser o que não é, então ele (o veado) tenta fazer um comportamento diferente, roupas diferentes, uma entonação de voz diferente, e daí vai embora, fugir da essência em si e forçar uma outra”. (H5)

Esse tipo de fala se relaciona à questão da “mulherzinha”, já analisada por nós quando discutimos os dados das tabelas 12 “Amigos que se interessam pela mesma mulher: o que deveria acontecer” e 13 “Amigos que se interessam pela mesma mulher: o que realmente acontece”, onde o homem, por se afastar do que é verdadeiro e transparente acaba por se aproximar do que é considerado feminino.

Percebemos claramente aqui como, nos modelos masculinos ocidentais contemporâneos, a questão da masculinidade não mais enfatiza tanto a sexualidade (apesar de ela se manter de diversas maneiras), mas pela

honestidade: o homem pode ser homossexual, mas homossexual somente. Não pode ser veado, desmunhecar, enfim, fugir do que “realmente é”, tanto para consigo mesmo quanto para com o mundo. É a honestidade se aproximando do essencialismo de Robert Bly e seus seguidores.

Kimmel [s/d (a)] explica que:

...ser gay inverte a ordem de gênero. Na fantasia pública, na mentalidade homofóbica, ser gay é ser um homem agindo como uma mulher ou uma mulher agindo como um homem (...) isso incomoda a ordem das coisas. Isso joga o cosmos inteiro no caos. Você não sabe quem é o garoto ou quem é a garota, e essa é a única maneira que nós somos capazes de ver as coisas (p.2).²²

Sobre isso, Plummer (2001), que também faz uma análise da homofobia, tentando descobrir suas raízes investigando como ela ocorre nos primeiros anos escolares (mas entrevistando participantes já adultos sobre o que se lembram), defende que de início, palavras como “faggot” (mais ou menos a “bichinha” do português) não possuem conotação sexual e que a homofobia é muito mais que um preconceito com relação a homossexuais mas são utilizados contra qualquer homem que se afaste um pouco mais dos padrões de masculinidade mais valorizados.

Então, enquanto palavras como “poofter” e “faggot” podiam ser usadas para se referir a meninos que agiam como meninas, elas também eram utilizadas para se referir a meninos que eram diferentes de outras maneiras. Em particular, elas geralmente eram usadas em referência a meninos que diferiam de seus companheiros porque eram lentos em seu desenvolvimento físico, sensíveis, tímidos, inteligentes e/ou mostravam cometimento insuficiente para com as estruturas de companheirismo e valores masculinos (p. 18).²³

²² To be gay inverts the gender order. In the public fantasy, in the homophobic mentality, to be gay is to be a man acting like a woman, or a woman acting like a man (...) it upsets the order of things. It throws the whole cosmos into chaos. You don't know who's the boy and who's the girl, and that's the only way we are able to see things.

²³ So, while word like poofter e faggot could be used to refer to boys who acted like girls, they were also used to refer to boys who were different in other ways. In particular, they often were used in reference to boys who stood out from their peers because they were slow to develop physically, soft, shy, smart, and/or showed insufficient commitment to male peer group structures and values.

E esses ideais valorizados são os que mais percebemos como sendo considerados essenciais pelas facções mais reacionárias das discussões sobre masculinidade. A homofobia é, portanto, como percebeu Kimmel [s/d (a)] , um instrumento da masculinidade hegemônica para manter os homens dentro de seus padrões, tanto quanto é um instrumento de exclusão e ódio.

Até mesmo a honestidade, portanto, deve ser relativizada e pensada de maneira ética, ou corremos o risco de cair num verdadeiro fascismo, como ocorreu no enunciado do H5 que impõe e limita maneiras de se viver, com base em uma suposta essência masculina.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho foi tentar captar como estão homens e mulheres jovens, de classe média, concebendo hoje as várias formas de masculinidade atuantes em uma região metropolitana do Brasil. Através da análise dessas concepções, foi possível em alguns aspectos, verificar que valores, características e comportamentos estão sendo mais exaltados, bem como em detrimento de que isso está se dando.

Foram verificadas mudanças no que diz respeito a alguns elementos bem tradicionais do que se considera masculino, principalmente no que diz respeito à sexualidade. Essas mudanças possibilitam a idéia hoje aceita em grande parte da literatura de que a construção de um novo homem está em andamento, mas tratar do assunto nesses termos parece um equívoco, visto que pressupõe um fim, uma reta de chegada, onde esse novo modelo de homem estará completo, quando na verdade, o que temos é que vários modelos de masculinidades e de homem, em muitos aspectos totalmente contraditórios, coexistem em um determinado espaço e tempo e isso nunca vai ser diferente. Isso fica claro em nossa pesquisa, quando um mesmo sujeito em determinados momentos se mostra totalmente reacionário, somente para mais tarde nos surpreender com afirmações que tirariam aplausos das mais ferrenhas feministas. E muitas vezes essa aparente contradição ocorreu dentro de um mesmo tema.

Podemos, no entanto, tomar como partida um modelo patriarcal, já mais bem definido, para tomarmos como contraponto e pensarmos essas novas visões que estão surgindo, mesmo porque, muito desse modelo deu origem e ainda se encontra presente hoje, nas mais diversas formas de masculinidade hegemônica.

A questão da honestidade, tão presente neste e em diversos outros trabalhos contemporâneos que tratam de masculinidade (Badinter, 1993; Ribeiro 2000; Machado Filho, 2003) sempre foi relacionada ao homem, devido às questões da honra e da lealdade, características possíveis somente a um ser racional e, portanto, confiável, e nunca a um ser emotivo e por conseqüência,

imprevisível, mas nunca de forma tão forte e em detrimento de elementos como a potência sexual e de seu status de provedor. Em um primeiro momento, percebemos isso como positivo e de fato, em diversos aspectos, uma busca por honestidade é algo necessário em nosso contexto atual, excessivamente individualista e desprovido de valores éticos (Velho, 2000). Não basta, no entanto, nos atermos somente a isso, é preciso identificar os significados sociais implicados nessa busca, os diversos significados atribuídos à palavra “honestidade”.

É mais ou menos o mesmo caso do aumento do uso de preservativo pelos homens, onde, como explica Vigoya (2001), não necessariamente se dá somente devido ao comprometimento dos homens com a própria saúde e a de suas parceiras, mas também para que eles possam continuar a exercer seu papel de homem tradicional, conquistador e viril. No caso da honestidade, podemos implicá-la, devido ao tipo de respostas que obtivemos dos participantes, a diversos elementos presentes nas masculinidades hegemônicas, como a responsabilização individual, o caráter ativo, e a força.

A honestidade passa a ser mais uma espécie de prova de masculinidade, mais um ritual de iniciação que comprova a virilidade de um homem. Um homem não honesto é um fraco, é passivo diante das circunstâncias, se deixa levar, ao ponto de ser obrigado a cometer uma desonestidade. Ou isso, ou é fraco demais para enfrentar uma situação adversa provinda das conseqüências de ser manter honesto a qualquer custo, mesmo com o risco de perda de um emprego.

O interessante é que o fator financeiro, que hoje também, de acordo com nossos resultados, ajuda a definir as masculinidades, muitas vezes depende diretamente de uma falta de honestidade. É mais um ponto, dentre vários, onde os homens se vêem fragmentados, perdidos em meio a determinações e cobranças de masculinidades muitas vezes contraditórias. O homem deve ser ativo sexualmente, deve se mostrar viril e capaz em todos os momentos, mas não deve exercer sua sexualidade de maneira insensível e nem de maneira muito promíscua. Só um pouco.

Ele deve ser forte e corajoso e ao mesmo tempo sensível nos momentos propícios, podendo até mesmo demonstrar medo.

Mas é mesmo na sexualidade que encontramos o maior ponto de mudança. Apesar de alguns aspectos conservadores, parece haver mesmo uma disposição genuína de homens e mulheres a mudarem o paradigma de que o homem deve se provar como tal através de seu desempenho sexual. Ele agora parece ter o direito de escolher se quer ou não ficar ou transar com uma mulher. Mais do que isso, ele tem o *dever* de escolher e impor a sua vontade, mesmo se coagido pelos demais a fazer diferente. Somos então obrigados a retornar a questão da honestidade e da força, no sentido de que o homem deve ser honesto consigo mesmo e com suas vontades, e forte para impô-las.

Nesse mesmo sentido, a honestidade retoma o caráter essencialista da divisão sexual, outrora destruído pelos movimentos feministas, mudando somente alguma coisa do conteúdo dessa suposta essência: agora ele “pode”, por exemplo, ser homossexual se quiser, mas não pode desmunhecar muito, “fingir” ser uma mulher. Ele deve ser, portanto, um homem que se relaciona com outros homens, não tentando negar sua “verdadeira” natureza. Mas não negamos o avanço dentro da sexualidade nesse sentido, sendo sob nosso ponto de vista um grande progresso um homem poder se relacionar sexualmente com outro sem que por isso seja desqualificado e desrespeitado em seus direitos.

O fato de nossa pesquisa ter envolvido homens e mulheres e questionado ambos a respeito de homens e mulheres, possibilitou uma constatação, já verificada por outros autores, alguns específicos da área de gênero, (Badinter, 1993), outros nem tanto (Touraine, 1999), a de que hoje, se busca, tanto por parte de homens, quanto de mulheres, uma igualdade entre os sexos. Mas nem por isso, a concepção de ambos sobre um tema é necessariamente a mesma em todos os casos. Por exemplo: a idéia que os homens têm de um homem que não tem um emprego há mais de um ano, é a mesma idéia que fazem de uma mulher na mesma situação, uma que passa muito mais por maior responsabilização individual dos homens pelo seu “fracasso” e o mesmo ocorre com relação à concepção que as mulheres têm, apesar de a concepção delas

estar mais voltada a questões sociais, menos culpabilizantes. Desse modo, existe sim, uma preferência pela igualdade tanto pelos homens, quanto pelas mulheres, mas nem por isso seus valores e os modos como pensam são os mesmos.

E esse caso específico é perfeitamente explicado por Touraine (1999), quando ele defende que essa luta das mulheres pela igualdade não tem alcançado todo o sucesso que deveria em decorrência de um motivo: o de que essa luta por igualdade trilha um caminho perigoso, pois abre espaço para as mulheres também ascenderem ao modo de vida, poder e autoridade que os homens detêm. E de fato, em diversos pontos de nossa pesquisa, o que percebemos é esse “machismo às avessas”, para usar a definição de um de nossos entrevistados. Em muitos outros momentos, no entanto, a luta das mulheres pela igualdade resiste a esses padrões masculinos, buscando outro conteúdo que não o da competitividade e luta pelo poder. E essa resistência, segundo ele, impede que esse movimento igualitarista avance com mais rapidez.

A partir do que se obteve neste trabalho, pode-se pensar em abordagens para futuras pesquisas. Entre elas, encontra-se a possibilidade de verificar com maior minúcia, o significado presente nas mudanças percebidas com relação a masculinidades mais tradicionais. Podemos pensar, por exemplo, nessa transformação nos valores relativos à sexualidade, tentar identificar que fatores sociais presentes hoje, dentro e fora das relações de gênero, possibilitaram essa flexibilização no que diz respeito ao homem ter que se provar através da potência sexual e por que ela não veio acompanhada de mudanças com relação à mulheres também, visto que mulheres que aceitam o convite sexual de muitos homens, ainda são vistas de forma bastante negativa. Algo parecido pode ser feito com relação aos outros elementos tradicionais de masculinidade que parecem estar se transformando de alguma forma, como a sua função de provedor, que apesar de tão falada e comentada, carece de pesquisas mais sólidas, focadas especificamente nela, principalmente agora, que não se sabe muito bem até que ponto as cobranças sociais e pessoais com relação a esse

ponto estão realmente se atenuando, mesmo com toda a polêmica em torno da entrada da mulher no mercado de trabalho. Por fim, outro ponto que merece aprofundamento é o do necessário caráter ativo do homem, de sua força, de sua vontade. Isso pode ser feito focalizando diversos aspectos, como por exemplo o de estar esse elemento associado à agressividade, tradicionalmente ligada ao masculino e que tende a gerar situações de violência.

8 REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE J.R. D. M. Os nomes do pai: a edipianização dos sujeitos e a produção histórica das masculinidades. In RAGO, M.; ORLANDI, L.B.L.; VEIGA-NETO, A. (orgs). **Imagens de Foucault e Deleuze: ressonâncias nietzscheanas**, Rio de Janeiro: DP&A Editoria, 2002, p. 111-122.

ALVITO, M. A honra de Acari, In: VELHO, G.; _____. **Cidadania e violência**, Rio de Janeiro: Editora UFRJ e FGV, 2000, 2^a ed.

ANDERSON, P. **Passagens da Antiguidade ao Feudalismo**, São Paulo: Editora Brasiliense, 1987, p. 143-191.

ANDRADE, A. N. A “Psicologia Nietzscheana” no confronto com a metafísica, In: Machado, L. & Lavrador, C. et.al. (orgs). **Texturas da psicologia: subjetividade e política no contemporâneo**, São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

ARILHA, M. Homens: entre a “zoeira” e a “responsabilidade”. In: ARILHA, M.; RIDENTI, S.G.U.; MEDRADO, B. (orgs), **Homens e Masculinidades: Outras Palavras**, São Paulo: ECOS/Ed. 34, 1998, p. 51-78.

ARILHA, M. & RIDENTI, S.G.U. & MEDRADO, B. Introdução, In: ____ (orgs) **Homens e Masculinidades: Outras palavras**, São Paulo: ECOS/Ed. 34, 1998, p. 15-30.

BADINTER, E. **Um É o outro**, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1986.

BADINTER, E. **XY: Sobre a Identidade Masculina**, Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1993.

BARKER, C. **Imajica**. New York: Harper Collins Publishers, 1995.

BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

BLY, R. **João de Ferro: um livro sobre homens**, Rio de Janeiro: Elsevier Editora, 2005.

CECCHETTO, F. R. **Violência e estilos de masculinidade**, Rio de Janeiro, Editora FGV, 2004.

CHÂTELET F. **Uma história da razão: entrevistas com Émile Noel**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1994.

CONNELL, R.W. **Masculinities**, Los Angeles: University of Califórnia Press, 1995.

COPES, H. & HOCHSTETLER, A. Situational Construction of Masculinity among Male Street Thieves. **Journal of Contemporary Ethnography**, Sage Publications Inc. V.32, N.3, Junho de 2003, p. 279-304

DA SILVA, L.C. Playboy, a Revista para Ser Lida com Uma Só Mão: Produção ou Apropriação de Sentido da Identidade Masculina? **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, UERJ, Rio de Janeiro: Ano 4, N.2, 2º semestre de 2004.

DARIO, N. A identidade masculina e o movimento de emancipação da mulher. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**. N.11, jul/set. 2001, Rio de Janeiro: Imago, p. 79-92

DEJOURS, C. **A banalização da injustiça social**, Rio de Janeiro: FGV, 2001.

DESCARTES, R. **O discurso do método**, Distrito Federal: Editora da Universidade de Brasília, 1998, 2ª Ed., p. 55-62

DUMONT, L. **O individualismo: uma perspectiva antropológica da ideologia moderna**, Rio de Janeiro: Editora Roxo, 1983

FERBER, A.L. Racial Warriors and Weekend Warriors: The Construction of Masculinity in Mithopoetic and White Supremacist Discourse, **Men and masculinities**, Sage Publications Inc. V.3, N.1, julho de 2000, p. 30-56

FONSECA, T. M. G. **Gênero, subjetividade e trabalho**, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2000.

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**, Rio de Janeiro: Editora Graal, 2001, 16ª ed., p. 75-183.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**, São Paulo: Martins Fontes, 2002, p. 285-317.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade**, Rio de Janeiro: Editora Graal, vol 1, 2003, 15ª ed, p. 125-149

GARCIA, S. M. Conhecer os homens a partir do gênero e para além do gênero. In: ARILHA, M.; RIDENTI, S.G.U.; MEDRADO, B. (orgs), **Homens e Masculinidades: Outras Palavras**, São Paulo: ECOS/Ed. 34, 1998, p. 31-50.

GARCIA-ROZA, L. A. **Freud e o Inconsciente**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1988, 4ª ed.

GARLICK, S. What Is a Man? Heterosexuality and the Technology of Masculinity. **Men and Masculinities**. Sage Publications Inc. V.6, N.2, Outubro de 2003, p. 156-172

GIFFIN, K. Violência de Gênero, Sexualidade e Saúde. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, 1994, 10 (supl. 1), p. 146-155.

GREIG, A.; KIMMEL, M.; LANG, J. **Men, Masculinities & Development: broadening our work towards gender equality**. Gender in Development Monograph Series, N.10, Maio de 2000.

GUARESCHI, P. Pressupostos Psicossociais da Exclusão: Competitividade e Culpabilização. In: Sawaia, B. (org), **As artimanhas da exclusão**, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2001, 3ª ed, p: 141-156.

HAENFLER, R. Manhood in Contradiction: The Two Faces of Straight Edge. **Men and Masculinities**, Sage Publications Inc. V.7, N.1, Julho de 2004, p.77-99

HARDT, M.; NEGRI, A. **Império**, Rio de Janeiro: Ed. Record, 2001, 3ª.Ed.

HARDY, E.; JIMENÉZ, A. L. Masculinidad y Género. **Rev Cubana Salud Pública** v.27 n.2 Ciudad de La Habana jul – dic. 2001

HUBERMAN, L. **História da Riqueza do Homem**, Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974, p. 11-35.

JIMENEZ, L.; LEFÉVRE, F. Desafios e Perspectivas: Desemprego e Masculinidade. **Interação em Psicologia**, 2004, 8(2), p. 227-235.

KAUFMAN, M. **The seven P's of men's violence**. Capturado do site "Michael Kaufman: Public Speaking, Workshops and Writing on Gender Issues". Disponível em <<http://www.michaelkaufman.com>>. Acesso em: 7 de junho de 2005.

KIMMEL, M. (a) **Assault on gay America: interviews: Michael Kimmel**. Capturado do site "Be more PBS". Disponível em <<http://www.pbs.org>>. Acesso em: 1 de junho de 2005. Entrevista.

KIMMEL, M. (b) **Men, masculinities and development**. Capturado do site "I Simpósio Internacional 'O Desafio da Diferença: Articulado Gênero, Raça e Classe'". Disponível em <http://www.desafio.ufba.br/conferencia2.html#_ftn1>. Acesso em: 1 de junho de 2005. Conferência.

LOURO, G. L. Nas redes do conceito de gênero. In: Lopes. M. J. M. & MEYER, D. E. & WALDOW, V. R. **Gênero e saúde**, Porto Alegre: Artes Médicas, 1996, p. 7-18.

MACHADO FILHO, C. **Representações sociais de masculinidade e suas práticas afetivas**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Universidade Federal do Espírito Santo – 2003.

MESSerschmidt, J. W. Becoming "Real Men": Adolescent Masculinity Challenges and Sexual Violence. **Men and Masculinities**, Sage Publications Inc. V.2, N.3, janeiro de 2000 p. 286-307.

MOORE, A.; CAMPBELL, E. (ilustrador) **Do Inferno**, São Paulo: Via Lettera Editora, 2002, 2ª ed.

MOSSE, G. L. Masculinidade e decadência. In: Porter, R & Teich, M. (org), **Conhecimento Sexual, Ciência Sexual: a história das atitudes a respeito da sexualidade**, São Paulo: Editora Unesp, 1997, p. 291-307.

MOSSE, G. L. **The Image of man: The Creation of Modern Masculinity**, New York: Oxford University Press, 1996.

NIETZSCHE, F. **Genealogia da moral: uma polêmica**, São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

NOLASCO, S., A desconstrução do masculino: uma contribuição crítica à análise de gênero. In: Nolasco, S. (org), **A desconstrução do masculino**, Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1995, p. 15-30.

NOLASCO, S. **De Tarzan a Homer Simpson: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas atuais**. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2001.

NOLASCO, S. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Editoria Rocco, 1993, p. 11-73.

NUNES, S. A. A mulher, o masoquismo e a feminilidade. In: Bruschini, C. & de Hollanda, H.B. (orgs), **Horizontes Plurais: novos estudos de gênero no Brasil**, São Paulo: Editora 34, 1998, p: 225-248.

ORTIZ, R. Discursos masculinos: a auto-opressão do homem e a prevenção da transmissão do HIV/AIDS. In: Nolasco, S. (org), **A desconstrução do masculino**, Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1995, p: 148-155.

OSTERNE, M. S. F. **Família, Pobreza e Gênero: o lugar da dominação masculina**, Fortaleza: Eduece, 2001.

PISCITELLI, A. Ambivalência sobre os conceitos de sexo e gênero na produção de algumas teóricas feministas. In: AGUIAR, N. **Gênero e Ciências Humanas: desafio às ciências desde as perspectivas das mulheres**, Rio de Janeiro: Editoria Rosa dos Tempos, 1997, p. 49-66.

PLUMMER, D. C. The Quest for Modern Manhood: Masculine Stereotypes, Peer Culture and the Social Significance of Homophobia. **Journal of adolescence**. N.24, 2001, p. 15-23.

PORTO, M. S. G. A Violência Urbana e Suas Representações Sociais: o Caso do Distrito Federal. **São Paulo em Perspectiva**, 13(4), 1999, p. 130-135.

RAMIREZ, R. Ideologias masculinas: sexualidade e poder. In: Nolasco, S. (org), **A desconstrução do masculino**, Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1995, p: 75-81.

RIBEIRO, A. S. M. **Macho, adulto, branco, sempre no comando?** Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Universidade de Brasília – 2000

ROLNIK, S. **Guerra dos gêneros & guerra aos gêneros**. Capturado do site "Rizoma.net". Disponível em < <http://www.rizoma.net/>>. 1996. Acesso em: 7 de maio de 2005. Artigo.

SIQUEIRA, M. J. T. **A Constituição da Identidade Masculina: Alguns Pontos para Discussão**, Psicologia USP, v.8 n.1, São Paulo, 1997.

SZAPIRO, A. N.; FÉRES-CARNEIRO, T. Construções do Feminino Pós Anos Sessenta: O Caso da Maternidade como Produção Independente, **Psicologia: Reflexão e Crítica**, 15(1), p. 179-188.

TOURAINE, A. **Crítica da modernidade**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1994, 6ª Ed., p. 97-343.

TOURAINE, A. **Como sair do liberalismo?** São Paulo: Edusc, 1999.

TRINDADE, Z. A. e NASCIMENTO, A. R. A. O Homossexual e a Homofobia na Construção da Masculinidade Hegemônica. In: SOUZA, L. e TRINDADE, Z. A. **Violência e Exclusão: Convivendo com Paradoxos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p. 146-162.

VELHO, G. Debate I: Violência e Cultura. In: VELHO, G.; ALVITO, M. (orgs), **Cidadania e violência**, Rio de Janeiro: Editora UFRJ e FGV, 2000, 2ª ed, p: 235-246.

VELHO, G. Violência, reciprocidade e desigualdade: uma perspectiva antropológica, In: VELHO, G.; ALVITO, M. (orgs), **Cidadania e violência**, Rio de Janeiro: Editora UFRJ e FGV, 2000, 2ª ed, p: 11-25.

VILLELA, W. Homem que é homem também pega Aids? In ARILHA, M.; RIDENTI, S.G.U.; MEDRADO, B. (orgs), **Homens e Masculinidades: Outras Palavras**, São Paulo: ECOS/Ed. 34, 1998, p. 129-144.

VIGOYA, M. V. Contemporary Latin American Perspectives on Masculinity. **Men and Masculinities**, Sage Publications Inc. V.3, N.3, Janeiro de 2001, p. 237-260.

ANEXOS

ANEXO A: INSTRUMENTO DE COLETA DE DADOS

1ª PARTE

IDADE: ESTADO CIVIL: NÍVEL DE ESCOLARIDADE:
OCUPAÇÃO PROFISSIONAL: NÚMERO DE FILHOS:

1. Como você definiria um homem responsável?
2. O que você pensa sobre um homem que não consegue um emprego há mais de um ano?
3. O que você pensa a respeito de um chefe que se sente obrigado, por seu trabalho, a exercer uma pressão excessiva sobre seus subordinados?
4. Você já deve ter ouvido o termo “homem fraco”. Quando você consideraria um homem como fraco? E uma mulher?
5. Para você, o que é um homem bem sucedido na vida?
6. O que você pensa a respeito de um homem que, por medo, deixa de realizar uma determinada tarefa considerada como perigosa, mas que faz parte de seu trabalho?
7. Você investiria numa relação duradoura com uma mulher mal sucedida financeiramente?
8. O que você pensa a respeito de um homem considerado muito sensível?
9. E de um que não consegue controlar muito bem suas emoções e por isso muitas vezes acaba agindo de forma considerada como não muito racional?
10. O que você pensa sobre um homem solteiro que rejeita o convite sexual de uma mulher considerada muito atraente?
11. O que você espera de dois amigos que se interessam pela mesma mulher?
12. Na sua opinião, qual a principal responsabilidade de um homem para com seu filho?
13. O que você pensa a respeito de um homem que não está tendo um bom desempenho sexual?
14. Você acha que um homem deve honrar suas promessas, a qualquer custo?
15. Na sua opinião, um homem com uma família pode agir desonestamente, se disso depender seu emprego?
16. O que você considera como um homem viril?
17. Em poucas palavras, como você definiria masculinidade?

2ª PARTE

1. Como você definiria uma mulher responsável?
2. O que você pensa sobre uma mulher que não consegue um emprego há mais de um ano?
3. O que você pensa a respeito de uma chefe, mulher, que se sente obrigada, por seu trabalho, a exercer uma pressão excessiva sobre seus subordinados?
4. Para você, o que é uma mulher bem sucedida na vida?
5. O que você pensa a respeito de uma mulher que, por medo, deixa de fazer uma determinada tarefa considerada como perigosa, mas que faz parte de seu trabalho?
6. Você acha que uma mulher investiria numa relação duradoura com um homem mal sucedido financeiramente?
7. O que você pensa a respeito de uma mulher considerada muito sensível?
8. E de uma que não consegue controlar muito bem suas emoções e por isso muitas vezes acaba agindo de forma considerada como não muito racional?
9. O que você pensa sobre uma mulher solteira que rejeita o convite sexual de um homem considerado muito atraente? E de uma que na maioria das vezes aceita tais convites?
10. O que você espera de duas amigas que se interessam pelo mesmo homem?
11. Na sua opinião, qual a principal responsabilidade de uma mulher para com seus filhos?
12. O que você pensa a respeito de uma mulher que não está tendo um bom desempenho sexual?
13. Você acha que uma mulher deve honrar suas promessas, a qualquer custo?
14. Na sua opinião, uma mulher com uma família pode agir desonestamente, se disso depender seu emprego?

ANEXO B: TERMO DE CONSENTIMENTO PARA A REALIZAÇÃO DE PROJETO DE PESQUISA

Concordo em participar do projeto de pesquisa abaixo discriminado, nos seguintes termos:

Projeto: Estudo de concepção de homens e mulheres jovens sobre masculinidade

Responsável: Daniel Domith Vicente

Responsável pela coleta de dados: Daniel Domith Vicente

Instituição: Universidade Federal do Espírito Santo

Justificativa e objetivo da pesquisa

Pretendemos ampliar o campo de conhecimento a respeito de um modelo de masculinidade produzido socio-historicamente que pode estar servindo para fortalecer relações que levam ao sofrimento físico e psicológico e à exploração, através de uma investigação a respeito das concepções correntes a respeito da masculinidade.

Descrição dos procedimentos a que o participante será submetido

Será realizada entrevista com questões que visam obter opiniões a respeito de alguns uns temas em que o modelo de masculinidade se insere com certa força como trabalho, cuidado com os filhos e sexualidade. Todas as informações decorrentes dessa entrevista serão registradas com um gravador.

Fica assegurado o anonimato do participante.

Benefícios esperados

Os resultados da pesquisa poderão ser divulgados através de participação em congressos e publicação de artigos em periódicos especializados, contribuindo para a ampliação do corpo de conhecimentos sobre masculinidade.

Identificação do participante

Nome: _____

RG: _____ Órgão Emissor _____

Estando assim de acordo, assinam o presente termo de compromisso em duas vias.

Participante

Responsável pelo projeto

_____, _____ de _____ de _____.